



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E
MATEMÁTICAS**

GABRIEL PEREIRA PAES NETO

CORPO E EDUCAÇÃO: Biopoder, Higienismo e Instrução Pública em Belém do
Pará, entre o final do século XIX e início do XX

BELÉM-PA 2025

GABRIEL PEREIRA PAES NETO

CORPO E EDUCAÇÃO: Biopoder, Higienismo e Instrução Pública em Belém do Pará, entre o final do século XIX e início do XX

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, do Instituto de Educação Matemática e Científica, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Paiva de Pontes Vieira.

Área de concentração: Educação em Ciências.

BELÉM-PA 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P126c PAES NETO, GABRIEL PEREIRA.
CORPO E EDUCAÇÃO: : Biopoder, Higienismo e Instrução
Pública em Belém do Pará, entre o final do século XIX e início do
XX / GABRIEL PEREIRA PAES NETO. — 2025.
169 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Eduardo Paiva de Pontes Vieira
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de
Educação Matemática e Científica, Programa de Pós-Graduação em
Educação em Ciências e Matemáticas, Belém, 2025.

1. Educação Física . 2. História. 3. Práticas corporais. 4.
Biopolítica. 5. Higienismo . I. Título.

CDD 370.98115

CORPO E EDUCAÇÃO: Biopoder, Higienismo e Instrução Pública em Belém do Pará, entre o final do século XIX e início do XX

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, do Instituto de Educação Matemática e Científica, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Paiva de Pontes Vieira.

Área de concentração: Educação em Ciências.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Jerônimo de Alencar Alves (avaliador interno)
Universidade Federal do Pará (PPGECM/UFPA)

Prof.^a Dr.^a. Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento (avaliadora interna)
Universidade Federal do Pará (PPGECM/UFPA)

Prof. Dr. Carlos Nazareno Ferreira Borges (avaliador externo)
Universidade Federal do Pará (PPGED/UFPA)

Prof.^a Dr.^a. Mirleide Chaar Bahia (avaliadora externa)
Universidade Federal do Pará (PPGDSTU/NAEA/UFPA)

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese à minha mãe Daise, ao meu avô Gabriel e às minhas filhas, Sofia,

Helena e Maria Luiza.

Dedico também a cada pessoa que compartilhou comigo a vida em suas múltiplas faces

*– nos desafios, nas derrotas e nas vitórias – entre familiares, amigos, professores,
amores e alunos.*

A todos e todas que caminharam ao meu lado, meu profundo agradecimento.

AGRADECIMENTOS

Ao universo, pela oportunidade de existir neste tempo e espaço.

Às minhas filhas, Sofia e Helena – maravilhosas, talentosas, inteligentes e lindas. À Maria Luiza que está chegando e já é amada. São elas minha maior força para seguir em frente, mesmo nos dias mais difíceis.

À minha mãe, um ser de luz, paz e amor, que me ensinou a caminhar com coragem, sensibilidade e muito amor no coração.

Ao meu avô, que permanece presente em mim todos os dias, em memória, afeto e inspiração. Minha avó que é uma pessoa especial e intensa.

Aos irmãos e irmãs que a vida me deu, em especial ao mano Boto, cuja presença é força e alento. Aos meus irmãos e irmãs de sangue, que trilham caminhos lindos. São meus parceiros de vida.

Aos professores que, em momentos decisivos, estenderam suas mãos com generosidade e firmeza: Mirleide, Carlos Nazareno, Lilian Sales, Ana Cristina, Sônia Teixeira, Carlos Paixão, Paulo Fensterseifer, Silvio Gamboa, Silvia Chaves, Ney Cristina e, sobretudo, Eduardo Paiva – minha eterna gratidão.

A todos os professores e professoras de Educação Física escolar, que resistem com afeto, dignidade e energia. Vocês merecem todo o reconhecimento. Vamos juntos!

Aos alunos, monitores e colegas que compartilharam comigo momentos de aprendizado, dores e conquistas. A vocês, que tantas vezes acolheram minhas dores e esperanças, minha gratidão e afeto.

Aos meus amigos dos grupos de pesquisa e parceiras. Sobre tudo, Renan, Marcos, Carol, Martha, Josiana e Alessandra. Muito bom estar com vocês.

À SEDUC, pela concessão da licença para aprimoramento ao longo de três anos – condição essencial para a realização desta tese e de tantas outras produções acadêmicas que vieram e ainda virão.

Às instituições de ensino em que atuei (UFPA, Esmac e Esamaz), com destaque à Estácio Belém, onde vivi importantes experiências profissionais e humanas.

Aos membros da banca avaliadora, pelo tempo dedicado, pelas contribuições generosas e pelas palavras de incentivo e motivação.

Aos professores e colegas do Instituto de Educação Matemática e Científica, por compartilharem saberes, escuta e caminhada.

À minha família, em sua totalidade – especialmente àqueles e àquelas que vibram em sintonia com minha cosmovisão e com a prática social que me move. Em especial à minha prima-irmã Fernanda.

Coração de Estudante

*Quero falar de uma coisa
Adivinha onde ela anda
Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar*

*Pode estar aqui do lado
Bem mais perto que pensamos
A folha da juventude
É o nome certo desse amor*

*Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Quantas vezes se escondeu*

*Mas renova-se a esperança
Nova aurora a cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê flor
Flor e fruto*

*Coração de estudante
Há que se cuidar da vida
Há que se cuidar do mundo
Tomar conta da amizade*

*Alegria e muito sonho
Espalhados no caminho
Verdes, planta e sentimento
Folhas, coração, juventude e fé*

Composição: Milton Nascimento / Wagner Tiso.

RESUMO

PAES NETO, G. P. **CORPO E EDUCAÇÃO: Biopoder, Higienismo e Instrução Pública em Belém do Pará, entre o final do século XIX e início do XX.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2025.

O presente estudo investiga as articulações entre práticas corporais – sobretudo ginásticas e esportes – e os dispositivos de biopoder e biopolítica que atravessaram a cidade de Belém do Pará entre o final do século XIX e o início do século XX, período marcado pela estética e pelas racionalidades da Belle Époque. Orientada pela perspectiva arqueogenealógica de Michel Foucault, a pesquisa toma documentos históricos – como jornais, revistas ilustradas, campanhas publicitárias e iconografias – não como registros neutros de um passado a ser recuperado, mas como monumentos discursivos que produzem efeitos de verdade sobre o corpo, a educação e a vida coletiva. As análises demonstram que práticas esportivas e ginásticas foram incorporadas a projetos higienistas, moralizadores, militarizantes e produtivistas, constituindo uma rede pedagógica dedicada à normatização e normalização dos corpos e à formação de sujeitos saudáveis, disciplinados e funcionalmente ajustados às exigências da modernidade. Tais práticas compuseram um conjunto de estratégias de governo da população, articulando discursos médicos, educacionais e urbanísticos na construção de um ideal de corpo que atendesse às demandas de saúde pública, progresso, civilidade e produtividade. O estudo também mostra tensões e disputas entre práticas corporais institucionalizadas e expressões culturais populares, especialmente aquelas de matriz indígena, africana e das camadas trabalhadoras. Essas tensões revelam mecanismos de exclusão, hierarquização e silenciamento que se consolidaram na organização da vida urbana e escolar da capital paraense. Conclui-se que as práticas corporais, ao serem normalizadas e legitimadas pelos discursos da época, operaram como tecnologias de governo que articularam saúde, moralidade, civismo e rendimento, contribuindo para regular a vida social e moldar subjetividades no contexto da modernização de Belém. A pesquisa mapeia, assim, processos históricos que instituíram modos específicos de ver, classificar e educar o corpo na cidade, abrindo caminhos para problematizar permanências contemporâneas desses dispositivos no ensino da Educação Física e nas políticas de corpo.

Palavras-Chave: Educação Física; biopolítica; higienismo; Belém do Pará; práticas corporais.

ABSTRACT

The present study investigates the articulations between bodily practices – especially gymnastics and sports – and the dispositifs of biopower and biopolitics that traversed the city of Belém do Pará between the late nineteenth and early twentieth centuries, a period marked by the aesthetics and rationalities of the Belle Époque. Guided by Michel Foucault's archaeogenealogical perspective, the research approaches historical documents – such as newspapers, illustrated magazines, advertising campaigns, and iconographies – not as neutral records of a past to be recovered, but as discursive monuments that produce truth effects about the body, education, and collective life. The analyses demonstrate that sports and gymnastic practices were incorporated into hygienist, moralizing, militarizing, and productivist projects, constituting a pedagogical network dedicated to the normatization and normalization of bodies and to the formation of healthy, disciplined, and functionally adjusted subjects aligned with the demands of modernity. Such practices composed a set of population-government strategies, articulating medical, educational, and urbanistic discourses in the construction of an ideal body that met the demands of public health, progress, civility, and productivity. The study also reveals tensions and disputes between institutionalized bodily practices and popular cultural expressions, especially those of Indigenous, African, and working-class origins. These tensions expose mechanisms of exclusion, hierarchization, and silencing that became consolidated in the organization of urban and school life in the capital of Pará. It is concluded that bodily practices, once normalized and legitimized by the discourses of the period, operated as technologies of government that articulated health, morality, civics, and performance, contributing to the regulation of social life and the shaping of subjectivities within Belém's modernization process. The research thus maps historical processes that instituted specific ways of seeing, classifying, and educating the body in the city, opening paths to problematize contemporary continuities of these dispositifs in Physical Education teaching and body-related policies.

Keywords: Physical Education; biopolitics; hygienism; Belém do Pará; bodily practices.

RESUMEN

El presente estudio investiga las articulaciones entre prácticas corporales – especialmente gimnasias y deportes – y los dispositivos de biopoder y biopolítica que atravesaron la ciudad de Belém do Pará entre finales del siglo XIX y comienzos del siglo XX, período marcado por la estética y las racionalidades de la Belle Époque. Orientada por la perspectiva arqueogenealógica de Michel Foucault, la investigación aborda documentos históricos – como periódicos, revistas ilustradas, campañas publicitarias e iconografías – no como registros neutros de un pasado a ser recuperado, sino como monumentos discursivos que producen efectos de verdad sobre el cuerpo, la educación y la vida colectiva. Los análisis demuestran que las prácticas deportivas y gimnásticas fueron incorporadas a proyectos higienistas, moralizadores, militarizantes y productivistas, constituyendo una red pedagógica destinada a la normativización y normalización de los cuerpos y a la formación de sujetos sanos, disciplinados y funcionalmente ajustados a las exigencias de la modernidad. Tales prácticas compusieron un conjunto de estrategias de gobierno de la población, articulando discursos médicos, educativos y urbanísticos en la construcción de un ideal de cuerpo que respondiera a las demandas de salud pública, progreso, civilidad y productividad. El estudio también evidencia tensiones y disputas entre prácticas corporales institucionalizadas y expresiones culturales populares, especialmente aquellas de matriz indígena, africana y de las clases trabajadoras. Estas tensiones revelan mecanismos de exclusión, jerarquización y silenciamiento que se consolidaron en la organización de la vida urbana y escolar de la capital paraense. Se concluye que las prácticas corporales, al ser normalizadas y legitimadas por los discursos de la época, operaron como tecnologías de gobierno que articularon salud, moralidad, civismo y rendimiento, contribuyendo a regular la vida social y a moldear subjetividades en el contexto de la modernización de Belém. La investigación mapea, así, procesos históricos que instituyeron modos específicos de ver, clasificar y educar el cuerpo en la ciudad, abriendo caminos para problematizar permanencias contemporáneas de estos dispositivos en la enseñanza de la Educación Física y en las políticas del cuerpo.

Palabras clave: Educación Física; biopolítica; higienismo; Belém do Pará; prácticas corporales.

LISTA DE FIGURAS

ARTIGO 1

- Figura 1** – Imagem jornalística de práticas de ginástica e esportes ao ar livre no *Sport Club*, Pará, 1889. Fonte: *O Liberal do Pará*, 1889. Pg. 48
- Figura 2** – Imagem jornalística destacando o ciclismo no *Sport Club*, Pará, 1899. Fonte: *Biblioteca Nacional*, 1899. Pg. 50
- Figura 3** – Imagem jornalística do anúncio do *Velo-Club do Pará*, 1896. Fonte: *Biblioteca Nacional*, 1896. Pg. 51
- Figura 4** – Imagem jornalística “Educação das creanças”, *Diário de Belém*, Pará, 1886. Fonte: *Biblioteca Nacional*, 1886. Pg. 52
- Figura 5** – Imagem dos aparelhos de desinfecção, Belém, Pará, 1908. Fonte: *Fundação Cultural do Pará*, 1908. Pg. 54
- Figura 6** – Imagem jornalística das cocheiras para condução de doentes em Belém do Pará, 1908. Fonte: *Fundação Cultural do Pará*, 1908. Pg. 55
- Figura 7** – Imagem jornalística do controle da natureza no Marco da Légua. Fonte: *A Semana: Revista Ilustrada*, 1919. Pg. 56
- Figura 8** – Imagem jornalística de Belém aos domingos, 1920. Fonte: *A Semana: Revista Ilustrada*, 1920. Pg. 58
- Figura 9** – Imagem jornalística representando um corpo forte e trabalhador: com “saúde, vigor e energia”, conforme a construção social da época, século XIX e início do século XX, Belém, Pará, 1927. Fonte: *A Semana: Revista Ilustrada*, 1927. Pg. 60
- Figura 10** – Destaque jornalístico sobre os “Programmas de ensino - Conselho Superior de Ensino Primário”, 1919. Fonte: *Revista O Ensino*, 1919. Pg. 62

ARTIGO 2

- Figura 1** – Corrida no Largo de São Braz. Fonte: *Diario de Noticias* (PA), Belém, p. 2, 24 mar. 1888. Pg. 74
- Figura 2** – Corrida no Jockey Club Paraense. Fonte: *Diario de Noticias* (PA), Belém, p. 3, 9 jul. 1891. Pg. 76
- Figura 3** – O atletismo. Fonte: *A República* (PA), Belém, p. 4, 22 out. 1899..... Pg. 78
- Figura 4** – Esporte é uma barbárie. Fonte: *Diario de Noticias* (PA), Belém, p. 2, 22 ago. 1896. Pg. 79

Figura 5 – Equipe de futebol uniformizada. Fonte: <i>A Semana: Revista Ilustrada</i> (PA), Belém, p. 3, 19 jul. 1919.	Pg. 80
Figura 6 – Educação Physica no <i>Sport Club</i> . Fonte: <i>A Semana: Revista Ilustrada</i> (PA), Belém, p. 14, jan. 1919.	Pg. 81
Figura 7 – A educação do corpo para uma “moral sã” e a “saúde da criança”. Fonte: <i>A Semana: Revista Ilustrada</i> (PA), v. 1, n. 44, p. 14, jan. 1919.	Pg. 83
Figura 8 – A educação da infância – Dr. Domingos D’Almeida. Fonte: <i>Revista Amazonica</i> (PA), Belém, ano 1, n. 1, p. 5–10, jan. 1883.	Pg. 84
Figura 9 – A primazia dos músculos – Cypriano Santos. Fonte: <i>A Semana: Revista Ilustrada</i> (PA), v. 3, n. 123, p. 31, ago. 1920.	Pg. 87
Figura 10 – O ciclista “acima do peso”. Fonte: <i>A Semana: Revista Ilustrada</i> (PA), Belém, p. 40, jul. 1919.	Pg. 89
Figura 11 – O <i>Sport Club</i> e a homenagem a Benjamin Sodré. Fonte: <i>A Semana: Revista Ilustrada</i> (PA), v. 1, n. 44, p. 14, jan. 1919.	Pg. 90
Figura 12 – Ginástica na festa de São Braz. Fonte: <i>Diario de Noticias</i> (PA), ed. 00285, p. 3, 8 fev. 1881.	Pg. 91
Figura 13 – Charge sobre ciclismo. Fonte: <i>A Semana: Revista Ilustrada</i> (PA), Belém, jul. 1919.	Pg. 93

ARTIGO 3

Figura 1 – Imagem jornalística do <i>Diario de Noticias</i> (PA), 1887. Fonte: <i>Biblioteca Nacional</i>	Pg. 104
Figura 2 – Texto de José Veríssimo sobre o <i>Collégio Americano</i> . Fonte: <i>Fundação Cultural do Pará</i>	Pg. 114
Figura 3 – Discurso na festa de educação physica dos alunos do <i>Collégio Americano</i> , 1886. Fonte: <i>Fundação Cultural do Pará</i>	Pg. 115
Figura 4 – Regulamento escolar do ensino primário, 1890. Fonte: <i>Fundação Cultural do Pará</i>	Pg. 116
Figura 5 – Regulamento Escolar do <i>Gymnasio Paes de Carvalho</i> – ensino primário. Fonte: <i>Fundação Cultural do Pará</i>	Pg. 117
Figura 6 – Ginástica “militar” no <i>Paes de Carvalho</i> . Fonte: <i>Biblioteca Nacional</i> . ..	Pg. 118
Figura 7 – Ginástica respiratória / sueca. Fonte: <i>A Semana: Revista Ilustrada</i> , 1919, v. 1, n. 49, março.....	Pg. 120

Figura 8 – Trecho da <i>Revista O Ensino</i> . Fonte: <i>Fundação Cultural do Pará</i>	Pg. 121
Figura 9 – Trecho da <i>Revista O Ensino</i> . Fonte: <i>Fundação Cultural do Pará</i>	Pg. 123
Figura 10 – Proposta de ginástica sueca na <i>Revista O Ensino</i> . Fonte: <i>Fundação Cultural do Pará</i>	Pg. 124

LISTA DE SIGLAS

CAN – Complexo Arquitetônico de Nazaré

CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

GTT – Grupo de Trabalho Temático

JEPS – Jogos Estudantis Paraenses

PA – Pará

PPGECM – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas

PUCSP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UEPA – Universidade Estadual do Pará

UFPA – Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 Aproximação com o objeto	18
1.2 As fontes de pesquisa	21
1.3 Justificativa	25
1.4 Hipótese	28
 2 MEMORIAL – A PRODUÇÃO DE UM TORCEDOR/ATLETA/PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA	29
2.1 A produção de um torcedor/atleta	30
2.2 Familiares e a indução esportiva	34
2.3 Caminhos do professor de Educação Física: da crítica ao esporte a outras formas de existir.....	36
Considerações finais	42
 3 ARTIGO – EDUCAÇÃO DO CORPO: BIOPOLÍTICA E BIOPODER EM BELÉM DO PARÁ, ENTRE O FINAL DO SÉCULO XIX E O INÍCIO DO XX..	45
Introdução	46
3.1 Urbanização de Belém: a cidade como educadora de corpos.....	48
3.2 Biopolíticas em Belém: a cidade e o controle médico do corpo	59
Considerações finais	65
 4 ARTIGO – PRÁTICAS CORPORAIS DE EDUCAÇÃO DO CORPO: BIOPOLÍTICA E BIOPODER EM BELÉM DO PARÁ	70
Introdução	70
4.1 Esporte como produção lúdica-competitiva para disciplinar e moralizar corpos “fortes” e “saúdáveis”	73
4.2 Esporte e educação “physica”.....	81
4.3 Ginástica como prática educativa para o controle-estimulação do corpo.....	85
Considerações finais	95

5 ARTIGO – INSTRUÇÃO PÚBLICA E HIGIENISMO NAS ESCOLAS DE BELÉM ENTRE O FINAL DO SÉCULO XIX E O INÍCIO DO XX	98
Introdução	98
5.1 Práticas educativas sobre o corpo no contexto da Instrução Pública Paraense entre o final do século XIX e o início do XX.....	101
5.2 “Educação physica” em escolas de Belém entre o final do século XIX e o início do XX: o “Regulamento Geral da Instrução Pública Primária (1890)”	108
5.3 A escolha pelo método de ginástica: educação do corpo pautada na racionalidade científica, saudável e natural	119
Considerações finais	126
 6 CONSIDERAÇÕES QUASE FINAIS: A VOLTA AO MEMORIAL	131
6.1 A Educação Física ainda “cuida do corpo e mente”	134
6.2 Considerações finais.....	145
 REFERÊNCIAS	149
 APÊNDICES.....	157

1 INTRODUÇÃO

1.1 Aproximação com o objeto

Esta tese analisa práticas discursivas¹ e não discursivas que instituem modos de ver e educar o corpo na escola. O recorte geográfico e temporal para este estudo abrange a cidade de Belém do Pará, entre o final do século XIX e o início do XX. Com fins metodológicos e analíticos, aproximamo-nos das teorizações arqueogenealógicas de Michel Foucault. Os documentos analisados são tomados como monumentos a serem desmontados, isto é, os ditos arquivos/documentos passam a ser interrogados em sua produção e não são mais vistos como marcas de um passado a ser lembrado, mas como algo que foi selecionado e montado para supostamente registrar a memória.

Pensar a partir da base conceitual arqueogenealógica de Foucault (2008) implica investigar as condições de possibilidade que permitiram a emergência de certas verdades: como determinadas práticas discursivas/enunciados se tornaram verdadeiras e passaram a produzir efeitos de verdade. Não se trata, portanto, de buscar uma origem essencial das práticas corporais nas escolas de Belém, seja dos esportes ou das ginásticas, mas de interrogar os acontecimentos que as tornaram possíveis enquanto formas específicas de Educação Física escolar. Embora o recorte temporal remeta ao passado, o ponto de partida são inquietações do presente. Afinal, as ginásticas e os esportes continuam a figurar como tecnologias políticas do corpo.

Nesta tese, a memória no sentido de arquivo foi tomada como operador analítico para interrogar as condições de possibilidade da produção de verdades, ou seja, como jogos, ginásticas e esportes se tornaram práticas verdadeiras e legitimadas no contexto escolar. A partir da base conceitual arqueogenealógica proposta por Foucault (2008), buscamos evidenciar os acontecimentos que permitiram a emergência de determinadas práticas discursivas e não discursivas que instituem modos específicos de ver, governar e educar os corpos na escola. Para delimitar o foco da pesquisa, partimos da análise de um conjunto de fontes empíricas que nos conduziram à seguinte problemática: como práticas discursivas e não discursivas instituíram modos de educar o corpo na escola em Belém do Pará, entre o final do século XIX e o início do século XX?

¹ Para Foucault (2008) não há distinção entre discurso e prática. Todo discurso é prática que produz algo, embora nem toda prática seja discurso.

O objetivo central desta pesquisa foi conferir visibilidade às práticas discursivas e não discursivas que, articuladas a biopolíticas regulatórias e tecnologias de biopoder, instituíram modos específicos de educar o corpo na escola em Belém do Pará entre o final do século XIX e o início do século XX.

Procurou-se tensionar os modos pelos quais o corpo foi historicamente percebido e educado na escola, investigando como determinados arranjos discursivos foram selecionados, legitimados e fixados na memória social como formas “corretas” de educar. Ao adotar essa perspectiva, a pesquisa voltou-se aos enunciados, compreendidos, conforme Foucault (2008), como elementos dotados de materialidade e pertencentes a formações discursivas que se organizam segundo determinadas regularidades internas.

Também tratamos a formação discursiva como um operador teórico-analítico que nos permitiu problematizar as condições de possibilidade dos saberes sobre o corpo. Nesse sentido, não buscamos um sujeito essencial ou universal, mas compreendemos que o sujeito emerge dentro das formações discursivas – espaço onde os enunciados agem, articulam saber e poder, e produzem regularidades e sentidos. Em termos metodológicos, isso implica rejeitar uma narrativa linear, contínua ou teleológica da história. O percurso histórico aqui descrito visou a análise das contingências que tornaram possíveis determinadas práticas educativas do corpo.

Propomos, assim, uma arqueogenealogia das práticas corporais escolares em Belém do Pará, inspirada na concepção de Foucault (2021), segundo a qual é preciso articular o conhecimento às memórias situadas, de modo a produzir um saber histórico das lutas que possa ser mobilizado estrategicamente no presente. Recua-se no tempo, portanto, não para reafirmar continuidades, mas para identificar rupturas, desvios, acidentes – aquilo que, segundo Foucault (2008, p. 21), está na raiz do que conhecemos e somos: “não a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente”.

O trabalho histórico que realizamos não busca fixar sentidos, mas, como propõe Albuquerque Júnior (2007, p. 166), consiste em “fazer o jogo dos sentidos, dotar os discursos de novas significações”, deslocando-os dos lugares consagrados que criam dicotomias como mocinhos e vilões, heróis e inimigos. Interessa-nos mapear como determinadas práticas discursivas, articuladas a relações de poder e saber, possibilitaram o surgimento de acontecimentos específicos, como a escolarização da ginástica, dos esportes e da própria educação física, ao mesmo tempo em que tornaram menos visíveis

ou secundarizadas outras formas de expressão corporal, entre elas o brincar, as práticas populares e os saberes locais.

Interrogar as práticas corporais nas escolas de Belém por outras vias implicou desfazer efeitos de continuidade, deslocar os monumentos historiográficos e descrever as camadas de poder-saber que atravessam os discursos. As disputas, recomposições e efeitos normativos desses discursos emergiram na análise dos documentos históricos – livros, jornais, periódicos, programas escolares, regulamentos e materiais didáticos –, os quais tornaram visíveis não apenas modos específicos de produção das práticas corporais, mas também os mecanismos de exclusão, hierarquização e normalização que configuraram a “educação física” como um campo disciplinar.

Esta tese está organizada em cinco partes, articuladas a partir da perspectiva arqueogenealógica de Michel Foucault, com o objetivo de problematizar as práticas de educação do corpo em Belém do Pará entre o final do século XIX e o início do XX. A primeira parte corresponde ao memorial intitulado “A produção de um torcedor/atleta/professor de Educação Física”, no qual experiências pessoais são mobilizadas como dispositivo analítico para discutir os efeitos das práticas discursivas e não discursivas sobre a constituição do sujeito, em diálogo com a filosofia foucaultiana.

A segunda parte é composta pelo artigo já publicado na revista *Cadernos do Ceom* e intitulado “Educação do corpo: biopolítica e biopoder em Belém do Pará, entre o final do século XIX e o início do XX”², que analisa a emergência da Educação Física escolar como prática biopolítica voltada à normatização dos corpos, com base em documentos oficiais e da imprensa. Para preservar a integridade do texto e sua articulação interna, foi mantida a formatação original da versão publicada, incluindo aspectos da formatação, respeitando o padrão editorial adotado pela revista.

O terceiro texto, “Práticas corporais de educação do corpo: biopolítica e biopoder em Belém do Pará”, amplia o olhar para além da escola, evidenciando como discursos médico-pedagógicos e jornalísticos legitimaram certas práticas corporais em detrimento de outras, como o brincar e as expressões populares.

Na quarta parte, o artigo “Instrução pública e higienismo em escolas de Belém entre o final do século XIX e o início do XX” aprofunda a análise da relação entre

² Artigo disponível em: <https://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/8375>. Acesso em: 13/11/2025.

reformas curriculares, moral científica e disciplinarização do corpo, situando a Educação Física como dispositivo de controle no projeto republicano de modernização.

Por fim, a quinta parte da tese retorna ao memorial em tom reflexivo, com o texto Redescobrir o gosto e o sabor da festa, propondo a superação de dicotomias como corpo/mente e teoria/prática, e afirmando a necessidade de uma Educação Física ética, poética e crítica, que reconheça o corpo como linguagem e morada da vida. Após as referências, algumas fotos são colocadas para atravessar a tese como um todo, sobretudo o memorial, dando sentido vivo às contribuições da própria tese.

1.2 As fontes de pesquisa

Os documentos mobilizados nesta tese foram analisados de maneira distribuída ao longo dos três artigos centrais, com foco na constituição de práticas discursivas sobre o corpo e a Educação Física escolar em Belém do Pará. O Actos do Governo da Província do Pará, do anno de 1887, tomo XLIX foi utilizado no primeiro artigo como fonte normativa que revela os primórdios das tentativas de institucionalização da educação física na província, articulando discurso médico-higienista e organização escolar. O Regulamento Escolar do Gymnasio Paes de Carvalho, por sua vez, teve papel central no mesmo artigo, permitindo interrogar como se organizaram as primeiras prescrições curriculares que incluíam a ginástica como prática obrigatória para a formação dos alunos.

O Decreto n.º 7.342, de 21 de julho de 1890 (PARÁ, 1890), está referenciado no segundo artigo como marco jurídico da reorganização do ensino estadual, contribuindo para a normatização do corpo discente.

Já o Regulamento Geral da Instrução Pública Primária e o Decreto nº 1280, de 24 de fevereiro de 1904 aparecem no terceiro artigo como elementos-chave na consolidação de uma pedagogia higienista voltada ao controle corporal e disciplinarização dos alunos. O Regimento Interno dos Grupos Escolares e das Escolas Isoladas foi analisado nesse mesmo texto como exemplo de dispositivo normativo que materializa os discursos de ordem, limpeza e vigilância que marcaram o cotidiano escolar.

O Decreto nº 3.356, de 07 de maio de 1918, também abordado no terceiro artigo, foi apresentado como parte das reformas modernizadoras do ensino primário, reforçando a presença da educação física como instrumento de biopoder. Por fim, o Programa de Ensino da Escola Normal em 1918 foi recuperado nos artigos dois e três por meio de

documentos que revelam os currículos e diretrizes da formação docente da época, com ênfase nas práticas corporais normativas.

Além dessas fontes oficiais, todos os artigos lançam mão de documentos não canônicos – como matérias jornalísticas, campanhas de saúde, revistas pedagógicas e de variedades – para captar os enunciados que circularam sobre o corpo no período estudado, compondo o enredo das práticas discursivas e não discursivas analisadas. Essas fontes consideradas menos canônicas foram fundamentais para a tessitura discursiva dos três artigos que compõem esta tese, especialmente por revelarem os modos sutis e difusos pelos quais a educação do corpo foi sendo significada socialmente.

No primeiro artigo, essas fontes aparecem como elemento de articulação entre o discurso oficial e os imaginários sociais sobre o corpo escolarizado, destacando-se o uso de reportagens da imprensa para interrogar como se naturalizou a presença da ginástica como prática obrigatória nos colégios da elite belenense.

No segundo artigo, essas fontes adquirem centralidade, funcionando como campo privilegiado para captar os enunciados que circularam nas páginas de jornais e revistas sobre saúde, higiene, moralidade e práticas corporais. As campanhas de vacinação, crônicas e anúncios publicitários são explorados como indícios dos dispositivos de biopoder que atravessavam o cotidiano urbano e escolar, ajudando a compor a memória social em torno do corpo educado.

Já no terceiro artigo, as revistas pedagógicas e colunas de opinião da imprensa servem para mapear a disputa de sentidos em torno da reforma do ensino e da incorporação da Educação Física no currículo, revelando resistências, prescrições e recomposições discursivas que não estavam explícitas nos documentos oficiais.

Em conjunto, essas fontes permitiram visibilizar camadas do discurso que os arquivos normativos não abarcam, compondo uma arqueogenealogia que privilegia a dispersão, a contradição e os efeitos de verdade que sustentaram os modos historicamente situados de educar os corpos em Belém.

O acesso ao material empírico deu-se, majoritariamente, por meio de duas plataformas arquivísticas: (1) a Hemeroteca Digital Brasileira³ e (2) a Seção de Obras Raras da Biblioteca Pública Arthur Vianna⁴. Os registros coletados foram organizados

³ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁴ Disponível em: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/>

em um inventário, conforme a procedência das fontes – jornais, revistas, revistas pedagógicas, entre outros suportes documentais.

A pesquisa não partiu de uma delimitação prévia de documentos a serem analisados. Em vez disso, adotou-se o critério da unidade de enredo, conforme proposto por Albuquerque Júnior (2011), orientando a seleção e articulação dos materiais não por sua homogeneidade tipológica, mas por sua capacidade de compor uma trama significativa em torno da produção discursiva sobre o corpo. A construção dessa montagem narrativa, tal como proposta aqui, não busca recompor uma totalidade ou revelar sentidos ocultos, mas tornar visíveis as condições de possibilidade que permitiram a emergência de determinados modos de dizer e regular o corpo. Nesse movimento, foram privilegiados os enunciados localizados nos acervos consultados que tematizavam práticas educativas corporais, considerando não sua profundidade interpretativa, mas as regularidades discursivas e os efeitos de verdade que produzem.

As fontes, neste trabalho, foram tratadas como fragmentos inseridos em uma engrenagem discursiva, cujas articulações produzem objetos, sujeitos e regimes de verdade que não preexistem ao próprio jogo de forças que os constitui. Assim, documentos, regulamentos, jornais e materiais pedagógicos são assumidos como peças que operam e deixam operar práticas de poder-saber, permitindo descrever os processos de emergência e consolidação da educação do corpo na modernidade.

O percurso metodológico incluiu extensas buscas em jornais, revistas e periódicos, a organização preliminar dos achados, a elaboração de análises iniciais e a escrita de textos parciais. Cabe destacar que apenas uma parte dos dados coletados foi mobilizada neste trabalho, em razão tanto da amplitude do *corpus*, quanto da escolha por aprofundar a análise de casos significativos.

Os critérios de seleção foram definidos a partir da pertinência dos materiais para evidenciar as condições de possibilidade da emergência de discursos e práticas sobre a educação do corpo em Belém do Pará, entre o final do século XIX e o início do século XX. Assim, a escolha das fontes não obedeceu a um princípio de exaustividade, mas de inteligibilidade teórica, priorizando os documentos capazes de tensionar as relações entre saber, poder e corpo no contexto escolar.

O primeiro critério adotado foi o da *pertinência arqueogenealógica*, segundo o qual as fontes são incluídas na medida em que possibilitam a identificação das formações discursivas e das regularidades que sustentaram determinados modos de ver, governar e

educar o corpo. Esse critério privilegia documentos cuja materialidade discursiva permite observar os jogos de saber e poder que instituíram a Educação Física escolar como prática de normalização, em diálogo com as estratégias biopolíticas do período.

O segundo critério é o da *unidade de enredo*, conforme propõe Albuquerque Júnior (2011), substituindo a homogeneidade tipológica pela coerência narrativa. A seleção do corpus se orientou, portanto, pela capacidade de cada documento de compor uma trama discursiva significativa sobre a educação do corpo, independentemente de seu gênero ou natureza institucional. Assim, os documentos foram articulados segundo a função enunciativa que exercem dentro da tessitura discursiva, e não segundo um valor hierárquico prévio.

O terceiro critério refere-se à *materialidade discursiva*. Inspirada na arqueologia do saber, a análise privilegia enunciados materializados em suportes diversos – impressos, normativos ou iconográficos – que permitam interrogar como o discurso sobre o corpo se corporifica e se torna visível no tecido social. O documento é, portanto, compreendido como acontecimento discursivo, cuja materialidade carrega marcas das relações de poder que o produziram.

O quarto critério foi o da *relevância histórico-discursiva*, mediante o qual se selecionaram fontes que mostram momentos de ruptura, transição ou controvérsia no processo de institucionalização das práticas corporais escolares. Foram priorizados textos e registros que expressam as disputas em torno da moral científica, da disciplina escolar e das políticas de higienização e civilidade, revelando aspectos normativos, os mecanismos de normalização dos corpos, assim como, as resistências e silenciamentos presentes nesse processo.

O quinto critério diz respeito à *heterogeneidade discursiva*, princípio da genealogia foucaultiana. A composição do *corpus* considerou a multiplicidade de vozes e suportes em circulação, abarcando desde documentos oficiais – como decretos, regulamentos e programas de ensino – até fontes não canônicas – como matérias jornalísticas, campanhas de saúde, revistas pedagógicas e literárias. Essa diversidade permitiu captar os modos difusos pelos quais a educação do corpo foi sendo significada, tanto nos espaços institucionais quanto nos discursos cotidianos da época.

O sexto critério foi o da *dispersão temporal e espacial*, que evita leituras lineares e teleológicas. O recorte geográfico centra-se em Belém do Pará, mas a temporalidade mobilizada é compreendida em termos de contingência, permitindo identificar os

acontecimentos que tornaram possíveis certos modos de educar o corpo, sem a pretensão de reconstruir uma cronologia contínua. O foco recai sobre as descontinuidades, acidentes e recomposições que compõem redes históricas das práticas corporais.

Por fim, *o critério analítico, orientado pelas problematizações do presente*, guiou a seleção das fontes em consonância com o que Foucault denomina uma “história do presente”, isto é, uma análise que parte das questões atuais para interrogar as condições históricas de sua constituição (FOUCAULT, 2021, p. 154).

Em síntese, os critérios de seleção desta pesquisa apoiam-se na potência enunciativa das fontes, em sua pertinência para uma abordagem arqueogenealógica e em sua função na composição da unidade narrativa proposta. O corpus, assim, configura-se como uma montagem discursiva, orientada pelos princípios da descontinuidade, da dispersão e da multiplicidade, com o objetivo de tornar visíveis os jogos de força que historicamente conformaram os modos escolares de educar o corpo e que continuam a atravessar as práticas contemporâneas da Educação Física.

Importa destacar que alguns jornais e revistas apresentavam lacunas materiais – edições incompletas, danos físicos ou ausência de determinadas publicações –, o que impôs limites objetivos à constituição do corpus. Diante dessas condições, os documentos foram isolados, reagrupados e relacionados entre si não para recompor uma totalidade perdida, mas para operar cortes analíticos e produzir os conjuntos discursivos que estruturam as seções desta investigação.

1.3 Justificativa

Esta tese insere-se em um conjunto de estudos e inquietações relevantes para os campos da Educação em Ciências e da Educação Física. Justifica-se pela necessidade de revisitar e problematizar as histórias da educação do corpo em Belém do Pará, dando visibilidade aos mecanismos pelos quais práticas discursivas e não discursivas instituíram modos específicos de educar o corpo na escola. Ao mesmo tempo, busca-se tornar visíveis outras formas de práticas corporais – aquelas que disputaram, tensionaram ou resistiram às formas institucionalizadas –, problematizando os critérios pelos quais certas práticas foram integradas à disciplina Educação Física escolar, enquanto outras foram silenciadas ou marginalizadas.

No contexto europeu, conforme apontam Soares (2011), Quitzau (2015), Bracht (1996) e Fensterseifer (1999), a consolidação da ginástica, do esporte e da Educação

Física escolar como práticas sistematizadas e como campo de intervenção pedagógica é um fenômeno relativamente recente, fortemente vinculado ao avanço das ciências médicas e à constituição de uma racionalidade higienista e produtivista. É nesse entrelaçamento com saberes, como a Medicina, a Anatomia, a Biologia, a Fisiologia e a Pedagogia que se configuram as bases da nascente Educação Física, em resposta a demandas políticas, econômicas e sanitárias da modernidade. O corpo, nesse contexto, deveria ser moralizado, disciplinado e produtivo. Como ressalta Bracht (2014), a Educação Física é, em grande medida, produto da ciência moderna positivista dos séculos XVIII, XIX e XX. Entretanto, o próprio autor adverte que a racionalidade científica, nos moldes das Ciências Naturais, não pode ser o único parâmetro de legitimidade para a área. A Educação Física não deve se restringir a ser ciência, mas abrir-se a outras possibilidades epistemológicas, culturais e históricas de compreensão do corpo e do movimento.

Dessa forma, esta pesquisa busca contribuir para o deslocar dos sentidos atribuídos à relação entre corpo e movimento. Como afirma Fensterseifer (2013, p. 40), “somos construtores de sentido, e já o fazemos em um horizonte de sentido”. Rezer (2010, p. 89), por sua vez, convoca a área a “olhar para dentro”, a repensar suas bases, “aproximando a divergência”. Nesse sentido, com esta tese, pretende-se ampliar o campo das histórias da Educação Física e, sobretudo, fortalecer, nos termos de Fensterseifer (2013), as possibilidades históricas e interpretativas de produção de novos sentidos nas práticas educativas. Nessa direção, Pich (2014) defende que o corpo e o movimento devem ser compreendidos em suas múltiplas possibilidades no âmbito da cultura. Para o autor, a Educação Física pode ser espaço privilegiado de experiências corporais significativas, sendo um dos aspectos centrais da cultura corporal de movimento. Portanto, justamente a capacidade de “[...] reincorporar ou reconciliar o corpo e o movimento com a simbologia que neles comunica o homem com seu mundo” (p. 111).

Essa reconciliação converge com a proposta desta tese ao favorecer a reinvenção das relações entre corpo e educação, compreendendo-as no horizonte da cultura corporal de movimento. Trata-se de reconhecer que essa cultura reúne dimensões que nos posicionam diante do outro e possibilitam modos de interação e comunicação entre sujeitos, conforme indicam Fensterseifer e Pich (2014). Assim, o movimento humano pode ser concebido como fonte de diálogo, de interação, de educação, de ética e de estética, construído a partir de vivências corporais diversas. Propõe-se, com esta pesquisa,

participar ativamente da atividade epistemológica no campo da Educação Física, entendida como um movimento necessário para garantir sua relevância acadêmica.

Conforme Fensterseifer (2010), a atividade epistemológica não parte de um acesso direto à “coisa em si”, mas reconhece que todo conhecimento é atravessado pela interpretação e por uma ambiguidade constitutiva. Nessa perspectiva, conhecer significa operar sempre dentro de horizontes históricos e linguísticos, o que inviabiliza qualquer pretensão de fundamentos absolutos e exige o abandono dos dualismos herdados da modernidade – especialmente o modelo sujeito-objeto que sustentou o objetivismo científico. Assim, abre-se espaço para uma reflexão crítica e permanente sobre o próprio campo, permitindo à Educação Física deslocar-se do dogmatismo e repensar continuamente suas bases epistemológicas e práticas.

A presente tese também se justifica por sua dimensão pessoal e situada. Ela nasce de um percurso existencial e profissional profundamente marcado pela docência em Educação Física e pela vivência cotidiana com os corpos e práticas culturais de Belém do Pará. O interesse em interrogar historicamente a educação do corpo emerge de experiências concretas no ensino, na formação de professores e nas relações estabelecidas com estudantes, escolas e comunidades.

Essa dimensão biográfica, longe de comprometer o rigor analítico, o potencializa. Ela permite interrogar que toda prática corporal é atravessada por relações de poder e por regimes de verdade que definem o que pode ou não ser ensinado, o que é visto como legítimo e o que permanece silenciado. Revisitar os arquivos de Belém é, portanto, também revisitar a própria história formativa do pesquisador: o encontro com uma Educação Física marcada por dualismos e pela necessidade de superá-los, de abrir-se à pluralidade de corpos e de experiências que compõem a cultura amazônica/paraense. Investigar o passado torna-se, assim, um gesto de retorno e de reinvenção – um exercício de escuta das margens, das sensibilidades e da vida em si.

Neste horizonte, a tese busca lançar novos olhares sobre a educação do corpo e suas reverberações em Belém do Pará, com foco nas práticas de ginástica, esporte e Educação Física escolar. Diante do exposto, a justificativa deste estudo assenta-se em sua aposta na desnaturalização dos modos instituídos de educar o corpo, interrogando as práticas discursivas que legitimaram determinadas experiências corporais enquanto outras foram marginalizadas ou excluídas. Ao tensionar essas construções históricas,

almeja-se contribuir para a construção de horizontes mais plurais, inclusivos e culturalmente sensíveis.

Trata-se, enfim, de um gesto político, epistemológico e ético de escuta das margens, de deslocamento de verdades fixadas e de abertura a outras possibilidades de se pensar – e viver – o corpo, o movimento e a educação.

1.4 Hipótese

Parte-se da hipótese de que a Educação Física escolar em Belém do Pará configurou-se, entre o final do século XIX e o início do XX, como um dispositivo de formação de indivíduos disciplinados, articulado aos saberes médico-higienistas e às exigências de normatização institucional e de normalização dos corpos na modernidade. Os modos de ver e educar o corpo – sobretudo por meio das ginásticas e dos esportes – foram selecionados, organizados e institucionalizados como práticas corretas e naturais, inscrevendo-se nas memórias escolares e sociais que atravessam o presente. Nessa perspectiva, práticas discursivas e não discursivas, dentro e fora da escola, instituíram modos específicos de subjetivação corporal, promovendo certas experiências e excluindo outras, especialmente aquelas ligadas ao jogo livre, à ludicidade e às práticas populares. Ao mesmo tempo, as técnicas corporais modernas, como os métodos ginásticos e esportivos, compuseram diferentes regimes de verdade sobre o corpo, operando como mecanismos de poder. Todavia, reconhece-se que tais construções não são imutáveis. Ao recuperar as disputas, contingências e descontinuidades que atravessaram esses processos, abre-se a possibilidade de pensar outros modos de relação entre escola, corpo, linguagem, cultura e vida, evidenciando a historicidade das formas de educar e governar os corpos.

2 MEMORIAL – A PRODUÇÃO DE UM TORCEDOR/ATLETA/PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Neste memorial as memórias foram interrogadas para pensarmos as condições de possibilidade da produção de verdades, ou seja, como certas coisas se tornaram verdadeiras e produziram efeitos na vida de um professor de Educação Física. A partir da base conceitual arqueogenealógica de Foucault (2008), a memória nos ajuda a buscar os acontecimentos para mostrar práticas discursivas e não discursivas atravessadas na vida dele.

Segundo Albuquerque Júnior (2009), a realidade não existe de forma neutra ou dada, mas se constitui a partir dos significados que lhe atribuímos; é construída pelos sentidos que produzimos sobre ela. Por isso mesmo, fiz a mediação de temporalidades, reconto um passado, recrio cenas, atletas, ginastas, jogadores (Eu sou um deles). Interrogo o passado a partir do presente, tal como o autor, para conectar com a vida com suas problemáticas. O autor entende o jogo como um princípio que orienta, tanto no plano do conhecimento quanto no plano ético, a forma como compreendemos a vida social e o percurso histórico da humanidade. Nessa perspectiva, tomamos o jogo como chave interpretativa para pensar os modos como a vida se expressa, especialmente nas relações entre as práticas ginásticas e esportivas.

Tenho acordo com Foucault (2021) quando afirma que o poder não se limita a reprimir, mas produz corpos, condutas e realidades por meio dos discursos que os atravessam. Essa produtividade manifesta-se nas práticas corporais – como jogos, esportes e ginásticas – que materializam modos de subjetivação historicamente situados. Como expõe Foucault (1999), o biopoder configura-se como uma técnica de governabilidade orientada à administração da vida, deslocando o foco do controle centrado na morte para mecanismos de regulação dos corpos e das populações. Ele opera através de estratégias discursivas que normatizam, hierarquizam e regulam a existência cotidiana.

Desse modo, o poder produz corpos porque produz saberes e, por meio deles, cria realidades possíveis e impossíveis. Pelos discursos médicos, pedagógicos e morais, os corpos foram pautados, treinados e modulados, funcionando como engrenagens de controle e de ordenamento social. No contexto das escolas paraenses do início do século XX, o biopoder se materializou por meio de políticas higienistas que entrecruzaram esses discursos, reorganizando as práticas corporais – especialmente a ginástica e o esporte –

como técnicas de regulação da vida. Tais discursos não apenas prescreveram modos específicos de se mover e educar o corpo, mas também produziram novos regimes de visibilidade e inteligibilidade sobre saúde, normalidade e conduta, configurando formas singulares de subjetivação e de organização da vida social.

No âmbito deste memorial, mobilizo o jogo sob dois vieses distintos. Primeiro, como acontecimento histórico e criação, isto é, como prática capaz de fazer emergir modos específicos de ser, sentir e agir. Segundo, como brincar, em sua relação complexa e, por vezes, tensionada com o esporte e em certo antagonismo com a ginástica. Ressalto que jogos, ginásticas e esportes – nessa ordem – constituem práticas humanas distintas, historicamente produzidas, culturalmente moduladas e permanentemente transformadas.

Por fim, este memorial organiza-se em três partes: A produção de um torcedor/atleta; Familiares e a indução esportiva; e Caminhos do professor de Educação Física: da crítica ao esporte a outras formas de existir.

2.1 A produção de um torcedor/atleta

Nasci em 1986, em Abaetetuba, cidade localizada no estado do Pará, cerca de 50 quilômetros de Belém-Pará⁵, e desde muito jovem vivenciei diversas práticas corporais: seja nas escolas como espectador ou como praticante. Por outro lado, não tinha amplo gosto pelas atividades de métodos ginásticos nas aulas de educação física escolar, sendo muito mais adepto a “jogar” esportes. As ginásticas são métodos de exercícios físicos sistematizados, organizados e com objetivos específicos. Os esportes são semelhantes às ginásticas, no sentido de ser uma atividade sistematizada, porém, esse tem levado às últimas consequências a burocratização (organização política e organizativa) e competitividade. O que me afetou desde a infância. Na década de 1990, eu praticante de jogos, ginásticas e esportes, praticava variações como futebol de areia, de grama sintética e nas ruas de Abaetetuba⁶, onde vivi com os avós até os quinze anos de idade. Tinha muitos amigos, como Boto, Gato Maracajá, Biel, Linaldo, Carapanã, Peido, entre outros. “Vivia” nas ruas da cidade. Jogando, e sendo feliz. Por outro lado, o pai biológico não assumiu as responsabilidades, a mãe veio morar em Belém, estudar e trabalhar. Os

⁵ Belém do Pará, capital do estado, nomeada de cidade das mangueiras e com mais de 1.300.000 habitantes. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/panorama>

⁶ Cidade localizada no estado do Pará, conhecida como Abaeté, hoje comportando mais de 160.000 habitantes. <https://www.abaetetuba.pa.gov.br/>

caminhos da vida me levaram a praticar jogos, esportes e ginásticas todos os dias. Minha vida era e, ainda é, jogar.

Na década de 1990, lembro com detalhes das aulas de educação física, seja na “escolinha”⁷ de futsal no colégio INSA⁸ e de futebol de campo no Palmeirinhas⁹. Na primeira me dedicava bastante, era assíduo e tido como um jogador talentoso, driblador, chute forte, meio “fominha”¹⁰ ou “delegado”. O que expressa que éramos educados por excessos de competição esportiva¹¹. Presenciei várias vezes as “escolhas pelos melhores” nos esportes. Eu convivia de forma controversa com isso, por vezes queria ganhar. Em outras, lembrava que a amizade era mais importante. Em Abaetetuba e Belém a vida também foi passando a ser tutelada por tipos de educação do corpo¹², “uma pedagogia” médico e educacional. Ginásticas, esportes e as diversas formas de jogar foram repensados e ressignificados na modernidade¹³. Passaram a ser praticados de formas sistematizadas e deliberadamente interessadas. De acordo com Soares (2011), vários jogos foram transformados posteriormente em ginásticas pedagógicas e em esportes. A aplicação destes se deu prioritariamente em escolas. Desde então, a escola tem sido um *locus* para o fortalecimento do discurso de corpo educável. Fora das escolas outros lugares foram sendo espaço e tempo para a vivência, controlada ou não, de esportes e ginásticas.

Um desdobramento dessas novas formas de jogar, foram as escolinhas de futebol. Assim como, os próprios clubes que foram sendo criados. Em Abaetetuba, um clube de futebol, chamado Palmeirinhas, as aulas eram aos fins de semana e de manhã cedo. Eu faltava muito nas aulas, o campo não ficava tão perto de casa, não tinha um suporte da família, e tinha dificuldade em me adaptar às chuteiras de futebol de campo. O empenho e engajamento que não se deu no clube, sobrou na escola. Em 1997, com 11 anos de idade comecei nas competições de futsal, sobretudo, quando passou a estudar na escola CSFX¹⁴,

⁷ Escolas de iniciação esportiva.

⁸ Instituto Nossa Senhora dos Anjos. <https://insaabaetetuba.com.br/>

⁹ Clube de futebol da cidade de Abaetetuba, Pará.

¹⁰ Atleta que joga mais individualmente, mesmo em um jogo coletivo.

¹¹ A modernidade e o esporte levaram ao extremo a conexão do esporte com a vitória, o rendimento e produtividade.

¹² Segundo Melo (2014), Soares (2011), Bracht (2005), Fensterseifer (1999), a produção de ginásticas e esportes (inclui os jogos) a partir de preceitos modernos, estão associadas às demandas econômicas, políticas, culturais. Portanto, como práticas educativas do corpo e gestão do tempo livre/de lazer das crianças na cidade. A produção de realidades e acontecimentos se dão via práticas discursivas. Diversos enunciados foram postos, disseminados, repetidos e “viraram verdades”.

¹³ As práticas discursivas produziram novas formas de jogar “europeizadas”. Sim, fui, fomos subjetivados por discursos esportivos e ginásticos médicos, europeizados, higienistas. Porém, nunca é tarde para pensar outras formas de existir.

¹⁴ Colégio São Francisco Xavier <http://www.csfx.org.br/nossaescola.html>

para cursar a quinta série. Jogava futsal todos os dias, seja na escola ou em outras quadras de esportes da cidade.

Um ponto importante dessa parte da história é o seguinte: as aulas de educação física eram quase exclusivamente partidas de futsal. O que, em parte, reforçou a formação esportiva (e de seus valores) na vida dele. Porém, jogava no time com meus amigos, que não jogavam “tão bem” e, assim, diminuía as chances de vitória. Fazia mais sentido jogar com eles. Era muito divertido, sobretudo, quando venciam. Normalmente quem não jogava “tão bem” não eram escolhidos ou jogava menos nas aulas de educação física. Foram quatro anos tendo aulas de educação física no CSFX de manhã bem cedo, inclusive, durante três anos as aulas eram às seis da manhã.

Em 2001, aos quinze anos passei a estudar no colégio Salesiano do Carmo¹⁵, que inclusive não está mais em funcionamento. Onde passei a jogar as competições que quando criança lia os resultados nos jornais, tal como os jogos estudantis paraenses – JEPS¹⁶, os jogos católicos e o campeonato paraense de futsal. A relação com o esporte de rendimento foi acentuada. Além de jogador, desde criança fui um leitor assíduo de revistas esportivas da época.

Ainda, leitor assíduo das seções de esporte e política dos jornais “O Liberal”¹⁷ e “Diário do Pará”¹⁸. Algo me motivava a ler essas duas seções com frequência e amplo interesse. Nesse período (até cerca do ano 2005 quando passei no vestibular) a *internet* não era uma realidade para mim. Passei a ter acesso a um computador com este recurso apenas no segundo ano de faculdade, em 2006. Também lia, recorrentemente, gibis, álbuns esportivos, que continham a “história” das copas do mundo de futebol masculino, do campeonato brasileiro de futebol, de jogadores tratados como heróis.

Normalmente, meu avô¹⁹ me presenteava com essas obras. Levava muito a sério essas informações sobre os campeonatos, os campeões, os heróis. Desde os jornais de domingo, passando pelas revistas, pelos álbuns esportivos e pela companhia quase inseparável do rádio, até os programas de televisão e os jogos semanais de futebol, fui sendo atravessado por uma série de discursos que configuraram meu modo de ver e viver

¹⁵ Colégio do Carmo encerrou as atividades na unidade Belém. Reportagem do G1 - <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/11/12/com-90-anos-de-existencia-colegio-do-carmo-anuncia-encerramento-das-atividades-em-belem.ghtml>

¹⁶ Campeonatos estudantis, assim como os jogos católicos, são competições interescolares com ênfase na participação jovens atletas.

¹⁷ Jornal que circula em Belém e maior parte do Pará desde 1946. <https://www.oliberal.com/>

¹⁸ Jornal paraense desde 1982, pertencente ao Grupo RBA de Comunicação. <https://dol.com.br/?d=1>

¹⁹ Fui criado pelos avós, Gabriel e Fideralina.

o esporte. Ser esse leitor assíduo, apaixonado pelo futsal, frequentador das ruas onde o jogo se fazia alegria, encontro e disputa, e até praticante de ginásticas, já apontava para uma escolha que me parecia evidente: cursar Educação Física e tornar-me professor em escolas e clubes. Dizia isso com convicção desde a adolescência, como se o caminho estivesse traçado – e, de certo modo, estava, ainda que eu não soubesse como.

Hoje compreendo que essa trajetória não foi fruto apenas de preferências individuais, mas da maneira como se produzem as condições de possibilidade para que o futebol, o esporte e as práticas corporais existam e façam sentido na vida das pessoas. Pergunto-me como diferentes meios de informação – rádio, televisão, jornais, revistas – funcionam como tecnologias discursivas que formatam modos de ser, de torcer, de treinar e de desejar. Antes, o esporte me parecia um domínio inabalável, dotado de valores intrínsecos e universais. Agora interrogo: o que explica tamanha identificação com seus princípios? Como este sujeito esportivo foi sendo produzido?

Cresci vendo e praticando diversas modalidades, e nelas aprendi, sem perceber, o que parecia ser amizade, disciplina, futuro, vestir-se, divertir-se. Sobretudo, fui produzido na lógica da competitividade exacerbada: torcia com intensidade quase ritual pelos clubes; disputava partidas de futsal com “sangue nos olhos”; tratava cada jogo como missão e cada derrota como falha moral. Formou-se um jovem atravessado por discursos de produtividade, eficiência e superação, inscritos tanto no esporte quanto nas ginásticas – como se o valor da vida dependesse de vencer, render e performar.

Mas a vida pode ser bem mais que isso. Ela também é encontro, desvio, hesitação, descoberta. É jogo, invenção, recriação. Pelas vivências nas ruas, pelo brincar que escapava a qualquer norma, e pelas experiências artísticas e musicais que sempre me acompanharam, fui aprendendo que há outros modos possíveis de vida – menos rígidos, menos produtivistas, mais abertos à sensibilidade, à criatividade e à impermanência. Todavia, sem questionar a importância da prática esportiva em si.

Das vivências esportivas, outra característica que lembro bem é o fato do incentivo a ser protagonista, a estrela do jogo. Quase sempre tinha que existir um herói, seja ele Pelé, Romário, Ronaldo, Messi ou Marta²⁰. Essa lógica heroica, inscrita no imaginário esportivo, alimenta uma postura egocêntrica que atravessa a formação de crianças e jovens, orientando modos de ser, agir e se perceber no mundo. Percebo hoje que essa

²⁰ Jogadores de futebol, conhecidos mundialmente, eleitos melhores do mundo por várias entidades. Sobretudo, a rainha Marta. Também chamada de deusa.

dinâmica era vivida por mim com enorme intensidade: atleta amador, leitor assíduo de narrativas esportivas, participante de treinos, jogos e competições. Eu me via, muitas vezes, convocado a ocupar esse lugar de destaque, como se a prática esportiva só produzisse sentido quando alguém se sobressaía. E, assim como eu, milhões de pessoas são formadas por práticas discursivas que atravessam os esportes e as ginásticas, produzindo sujeitos a partir de modelos de performance, protagonismo e excepcionalidade que parecem naturais, mas são histórica e culturalmente produzidos.

2.2 Familiares e a indução esportiva

Por que tantas crianças “escolhem” ser torcedoras de clubes antes mesmo de compreenderem o sentido dessa escolha? Foi o meu caso. No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, alguns familiares me induziram às preferências por determinadas modalidades – sobretudo o futebol – e por clubes específicos. Ao ser conduzido a essas escolhas, sentia-me parte do grupo, reconhecido e incluído. Assim comecei a me tornar um torcedor “fanático” do Paysandu Sport Club. Lembro de acompanhar vários jogos do campeonato brasileiro da segunda divisão, em 1991²¹ e a experiência do sofrimento coletivo marcado pelo tabu do Remo sobre o Paysandu. Nos anos seguintes, vibrei com as chamadas “glórias conquistadas”, como a Copa dos campeões²². A convivência com meu avô Gabriel Paes e com meus tios fazia dos jogos e das narrativas esportivas uma espécie de ritual afetivo, no qual eu era continuamente interpelado como torcedor, aprendendo hábitos, códigos e modos de sentir que me constituíram desde cedo.

Nesse mesmo período, entre meus quatro e cinco anos de idade, também fui levado a torcer pelo Flamengo e pela seleção brasileira de futebol. Como não se encantar por um time que carregava a camisa rubro-negra e tinha nomes como Andrade, Júnior, Zico e Leandro? Em todos esses casos, tratava-se menos de uma escolha e mais de um processo de indução familiar, algo que ocorre com inúmeras crianças. Paralelamente, passei a ser torcedor de atletas brasileiros em diferentes modalidades. Assistia pela televisão às corridas de Fórmula 1²³, especialmente acompanhando Ayrton Senna. Vibrava intensamente com suas vitórias, sofria com suas derrotas e, como milhões de brasileiros, fui profundamente afetado por sua morte.

²¹ Com 5 anos de idade. Já que nasceu em 1986.

²² Torneio nacional vencido em 2002 pelo Paysandu.

²³ Modalidade esportiva de automobilismo. <https://www.formula1.com/>

Acompanhei com entusiasmo os Jogos Olímpicos de 1992, em Barcelona, e repeti o ritual em Atlanta (1996), Sydney (2000), Atenas (2004), Pequim (2008), Londres (2012) e Rio de Janeiro (2016). Sempre envolvido por narrativas de heróis e vilões, vibrava com os atletas brasileiros como se ali estivesse condensada a história da “nação”. Nunca me vi como nacionalista, embora reconhecesse isso em alguns familiares. Via – e ainda vejo – o esporte como horizonte de esperança para um país melhor. Hoje entendo que esse engajamento não era apenas torcer, mas ser afetado por discursos que produzem sentidos de pertencimento e identidade. Entre a paixão esportiva e a leitura crítica que faço hoje, percorri um longo caminho de deslocamentos, revisões e reinvenções.

A leitura crítica que eu fazia do esporte já me aproximava de certas utopias. Nas Olimpíadas e em outros eventos, passei a torcer também por atletas cubanos e dos antigos países socialistas, movido pela ideia – então romantizada – de sociedades pautadas pela justiça social e por melhores condições de vida. Cuba, em especial, ocupava um lugar simbólico importante no meu imaginário. Esse sentimento atravessou minha adolescência e foi sendo (re)organizado na vida adulta, especialmente quando ingressei no curso de Educação Física da Universidade Federal do Pará, onde tais questões ganharam novos sentidos e aprofundamentos. Com a ressalva de que elegi a democracia²⁴ (em movimento) como valor universal, necessária em uma República.

Eu era um garoto apaixonado que assistia a competições de diversas modalidades em qualquer horário – inclusive de madrugada, mesmo quando isso interferia na rotina escolar. Lembro que as Olimpíadas realizadas no Japão, em 2021, adiadas pela pandemia de Covid-19, reacenderam algo desse antigo encantamento. Já adulto, continuei acompanhando tudo com atenção, inclusive a ascensão de novos “jogos” olímpicos, como o skate e o surfe.

A medalha de ouro de Isaquias Queiroz – egresso de projetos sociais e hoje o atleta brasileiro com mais pódios olímpicos – marcou-me profundamente. Uma conquista na canoagem, prática que carrega traços ancestrais de povos indígenas e africanos, culturas historicamente violentadas, apagadas e cooptadas. Há algo simbólico nesse deslocamento: a vitória emerge justamente de uma prática vinculada a tradições marginalizadas. Ainda bem que a vida é vento, é movimento. Ela se abre à recriação

²⁴ De acordo com Coutinho (2003) a democracia é como um processo, uma democratização. Movimento de disputas entre classes, o que configura um valor universal, que se expressa em valores favoráveis à vida, e essencialmente, na crescente socialização da participação política.

constante, ao ponderável e ao imponderável; é instabilidade que gera deslocamentos e possibilidade.

Hoje, jogos, ginásticas e esportes apresentam desdobramentos quase infinitos, mas todos atravessados pelas mesmas linhas discursivas produzidas outrora. São práticas que continuam formando pessoas e modos de existir – e eu sou um produto direto dessas práticas discursivas. Como canta Cazuza, “o tempo não para”, e com o passar dos anos fui também me deixando tocar pelos encantos das ginásticas, que se multiplicam nas academias em incontáveis variações daqueles primeiros métodos corporais modernos.

Mas ainda é possível jogar livremente? A resposta é sim – e isso aparece inclusive nos prefácios do meu TCC e da minha monografia, defendidos em 2009 e 2010, quando já afirmava, inspirado por Gonzaguinha, a possibilidade de redescobrir a brincadeira de roda. É possível jogar, viver, ser corpo, ser ético, ser múltiplo. Valorizar a vida em suas belezas e alteridades. Como canta o Natiruts: “deixa o menino jogar, ô iaiá!”. A vida é breve – Renato Russo nos lembra disso: “é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã; na verdade, não há”. Até aqui, além de afetuosas, minhas palavras são sinceras (ou quase).

2.3 Caminhos do professor de educação física: da crítica ao esporte à outras formas de existir

Na infância, eu não refletia sobre as origens do esporte, da ginástica ou da própria Educação Física escolar. Era apenas um participante, consumidor e leitor apaixonado pelas práticas esportivas. Na adolescência, esse entusiasmo permanecia, ainda que eu não tivesse condições de conceituar as práticas corporais ou explicar suas diferenças. Via o esporte como um todo homogêneo e entendia a ginástica apenas como métodos “chatos”, repetitivos e pouco atrativos.

Com o tempo, entretanto, comecei a me interessar pelas histórias das modalidades, dos clubes, dos Jogos Olímpicos, das Copas do Mundo e dos grandes atletas. As “verdades” produzidas no universo esportivo funcionavam para mim como um discurso oficial: orientavam gostos, modos de vestir e formas de compreender o mundo. O esporte tinha um lugar quase sagrado. Durante muito tempo, carreguei uma visão de educação do corpo centrada na instrumentalização esportiva, imaginando-a como caminho para fortalecer projetos das classes populares e dos trabalhadores. No percurso acadêmico,

passei a questionar essas “verdades” e a perceber o esporte como campo de disputa ideológica. Afinal, ele pode ser tanto instrumento de conformação quanto espaço de formação crítica de crianças e jovens. Identifiquei-me com experiências e figuras que revelavam outras potências do fenômeno esportivo: a democracia corintiana, Mohamed Ali, Vênus e Serena Williams, Sócrates, Raí, Juninho Pernambucano, entre outros. Cada qual, à sua maneira, evidenciava que o esporte também pode ser um território de resistência, de direitos humanos e de projetos progressistas.

Em 2008 comecei a participar de eventos acadêmicos-científicos sobretudo do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, fiz parte da secretaria estadual desta entidade, entre 2010 e 2018. A entrada nessa entidade foi um ponto de mudanças e nela milito até hoje. Fiz parte da comissão científica nacional do GTT Epistemologia, na qual vi possibilidades de debates com teorias pós-críticas. Me tornei professor-pesquisador e passei a tratar de esporte em pesquisa, artigos, em seu trabalho²⁵ de conclusão de curso (TCC), na monografia²⁶ do curso de especialização e na dissertação²⁷ de mestrado (Idem). Formei em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Pará curso de Castanhal, entre 2005 e 2009. Ainda em 2009 iniciei o curso de especialização Lato Sensu em lazer na Universidade Estadual do Pará.

Naquele momento, eu ainda não compreendia o esporte como um fenômeno atravessado por formas de controle e regulação dos corpos, como mais tarde viria a ler em Foucault. Ao contrário, via o esporte sobretudo como uma via de emancipação para jovens pobres, abandonados ou moradores das periferias e do interior do Brasil. Acreditava – e, em certa medida, ainda acredito – que o esporte pode oferecer caminhos para “crescer na vida”. Com essa leitura, ingressei na graduação e, posteriormente, na pós-graduação (Lato e Stricto Sensu), movido por essa convicção e buscando construir, ao longo do percurso, um suporte teórico que me ajudasse a compreender o esporte pela perspectiva crítico-dialética, articulada à teoria histórico-cultural, à pedagogia histórico-crítica, ao marxismo e, sobretudo, à matriz gramsciana.

No final de 2010, fui aprovado no Mestrado da Universidade Federal do Pará, iniciando em fevereiro de 2011 uma nova etapa da carreira acadêmica. Passei a

²⁵ O interesse dos alunos do ensino médio e os fatores que influenciam na participação nas aulas de educação física no Instituto Estadual De Educação do Pará (IEEP).

²⁶ Políticas públicas de esporte e lazer: análise das possibilidades educacionais do programa segundo tempo no âmbito do lazer.

²⁷ As políticas públicas do programa Mais Educação em Belém do Pará: análise do macrocampo esporte e lazer.

desenvolver a pesquisa sobre o Programa Mais Educação que naquele momento era um programa do governo federal e que estava presente em muitas Escolas no Brasil todo, teve como *lócus* da pesquisa a escola Esmerina Bou Habib²⁸ em Abaetetuba. “Quase” em comum acordo com a orientadora na época professora Ney Cristina Monteiro de Oliveira, mantive a ênfase no macrocampo específico de esporte e lazer do programa. Portanto, mantive (tal como no TCC da graduação e na monografia da especialização) discutindo esporte em uma perspectiva crítica (Gramsciana).

Ainda sobre esporte, publiquei os seguintes artigos: *Esporte, cultura corporal e pedagogia histórico crítica*²⁹; *Esporte, cultura corporal e hegemonia*³⁰, na revista *Germinal: Marxismo e educação em Debate*. Nesses textos, defendo o esporte como conteúdo a ser ensinado em uma educação instrumentalizada para a formação da classe trabalhadora em uma perspectiva crítica e dialética.

Finalizei o mestrado e procurei pensar o esporte como produção cultural a partir dos conceitos de hegemonia e práxis. Fiquei por mais três anos em grupos de estudo e pesquisa de base marxista. Nesses grupos seguia na linha de estudos “Epistemologia e educação física”, tal como no CBCE. No entanto, no grupo, a diretriz era a defesa do materialismo histórico-dialético. Nesse período, escrevi artigos que posteriormente foram publicados. O artigo *Teoria do conhecimento e epistemologia na pesquisa em Educação Física*³¹, publicado na revista *Filosofia e Educação* é um exemplo da produção que teve nesse período. Assim como o artigo *Teoria do conhecimento, epistemologia e materialismo histórico-dialético na pesquisa e no trabalho pedagógico em educação física*³², publicado na *Germinal: marxismo e educação em debate*, é outro exemplo desse período.

A essa altura, tinha a compreensão da importância dos processos de “internalização da cultura, o que inclui toda a compreensão da importância da linguagem”. Também entendia a história como um processo complexo de disputas, hegemonia, e essa compreensão foi se intensificando na última década. Até que avancei nos estudos em Vygotsky. Escrevi sobre essa perspectiva e publiquei artigos nessa linha teórica, a dizer, *Educação e hegemonia em Antônio Gramsci: apontamentos para a Práxis*

²⁸ Site da escola: <http://escolaesmerina.blogspot.com/>

²⁹ Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/1462>

³⁰ Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/13430>

³¹ Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8647071>

³² Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/14631>

na educação física escolar, publicado na revista *Educação em Debate*³³. Ainda, o capítulo de livro: *Jogo e teoria histórico-cultural em diálogo para a Educação Física escolar nas primeiras séries do ensino fundamental*, livro *Educação Física na Escola Básica*.

Entretanto, entre 2015 e 2016 tudo começou a mudar na minha vida acadêmica. Passei por significativas mudanças de rumo, mudou de grupos de pesquisa, passei a procurar outro programa de pós-graduação e outras possibilidades de estudos, teorias, conceitos. O que potencializou um olhar para outros rumos, inclusive teóricos. O artigo *O Programa em excelência em gestão educacional da fundação Itaú social no Pará: primeiras aproximações*³⁴ é um exemplo do início da mudança de rumos. Comecei a desconectar da obrigatoriedade de categorias como revolução, projeto histórico socialista de sociedade e passou a pensar os possíveis objetos em torno da educação física. Em que pese, continuei muito ligado às categorias luta de classes e hegemonia. São exemplos dessa nova vinculação o artigo *Educação Física na Base Nacional Comum Curricular: uma análise das contradições e fragilidades*³⁵.

Assim como, o artigo *Educação física na base nacional comum curricular: notas sobre a organização do conhecimento das práticas corporais e a perspectiva da educação integral*³⁶. Ambos vinculados à teoria crítica, pensados com a fundamentação teórica histórico-crítica. Porém, sem a marca teleológica de anos antes. Os artigos *A formação inicial em educação física e os preceitos da teoria histórico-cultural: implicações pedagógicas e formação humana*³⁷ e *O Jogo nas aulas de Educação Física: significados atribuídos pelas crianças*³⁸ também são exemplos desses novos rumos. O artigo *Debate epistemológico na educação física: a busca por elementos de mediação entre os paradigmas neomoderno e marxista*³⁹, publicado no *Caderno de Estudo e Pesquisa na Educação Básica*, marca ainda mais a mudança que vinha buscando, pois, comecei a pensar nos conceitos diálogo, mediação e hibridismo para pensar a atividade epistemológica da educação física.

O período seguinte marcou uma busca mais intensa por mudanças nos rumos da vida e dos estudos. Ingressar em outros grupos de pesquisa ampliou a diversidade

³³ Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/38427>

³⁴ disponível em: <https://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/46869>

³⁵ disponível em <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/16510>

³⁶ disponível em <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3541>

³⁷ disponível em: <https://revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/232>

³⁸ Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/34488>

³⁹ Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernoscap/issue/view/2721>

intelectual que já me constituía e possibilitou encontros decisivos com pessoas que, de diferentes maneiras, transformaram minha trajetória. De fato, eu já não era o mesmo. Essas mudanças me levaram à aprovação no processo seletivo de doutorado em outro programa, o PPGECEM – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas.

Foi nesse novo ambiente que pude retomar antigas inquietações da infância e da adolescência – como o interesse pelas histórias dos esportes –, agora sob outra perspectiva: não mais em busca de heróis ou das grandes narrativas épicas. Passei também a olhar para a ginástica e para a Educação Física escolar a partir de lentes críticas, compreendendo a vida e a história como um jogo, marcado por disputas, regras, improvisos e reinvenções. Vivenciei outras experiências, encontrei novas teorias e percorri caminhos que deslocaram minhas certezas.

Passei a reconhecer que esses controles não dependem da intenção dos indivíduos, mas operam como dispositivos históricos que nos precedem e nos atravessam. Não apenas a pensar, mas a reconhecer que tais mecanismos são sofisticados, operando por meio de práticas discursivas que enunciam supostas verdades e que educam, normatizam e normalizam modos de existir. Passei, então, a compreender a formação das pessoas como um processo atravessado por discursos que se pretendem verdadeiros e que definem o que deve ser valorizado, permitido ou excluído.

Assim cheguei à escrita deste memorial – um espaço onde jogo, invento e reconstruo sentidos para cenas da minha própria história, atravessada por jogos, esportes e ginásticas. O corpo que joga também é aquele que guarda ancestralidades: o corpo-capoeira que evoca liberdade; os corpos originários destas terras; os corpos africanos e afro-brasileiros que sustentam outras formas de criar, de brincar e de existir. São práticas que, muitas vezes, permanecem nas margens dos discursos legitimados e nos subterrâneos da cultura escolar. Ao reconhecer essa estrutura excludente e ao buscar as “tramas educativas” do corpo, pude evidenciar como certas práticas foram eleitas como adequadas, enquanto outras foram silenciadas ou tratadas como inadequadas.

O processo de escrita deste memorial expressa uma transição – de leituras, escolhas, percepções, métodos e formas de estar no mundo. Ele foi construído a partir de lembranças e da reflexão sobre aquilo que hoje penso acerca da área que ajudo a construir diariamente como professor, pesquisador, atleta, ginasta e jogador. Esta pesquisa não representa apenas a obtenção de um título de doutor; ela faz sentido na minha trajetória

peçoal e profissional. É o trabalho mais importante da minha vida até aqui. Atravessa minha existência. Chegar a este momento não foi simples: poderia não ter acontecido, diante de tantos caminhos possíveis. Mas aconteceu – e isso, por si só, já produz um significado.

Reconhecer que certas práticas sobrevivem nas bordas – os jogos de rua, as culturas corporais de matriz indígena e africana, as lutas populares, os modos de brincar que escapam às prescrições escolares – significa também tensionar as exclusões produtivas que historicamente moldaram a Educação Física. Na chave foucaultiana, aquilo que aparece como “marginal” é, muitas vezes, efeito de dispositivos de poder que organizaram o campo de visibilidade do corpo moderno: selecionando saberes legítimos, instituindo normas corporais, hierarquizando gestos, e silenciando práticas que não serviam aos projetos higienistas, civilizatórios e produtivistas.

Ao revisitar minha própria trajetória e reconhecer como esses apagamentos se inscreveram em mim e no campo, torno visível que o que foi excluído não desapareceu – apenas foi empurrado para a exterioridade do discurso, onde continua a produzir sentido, resistência e outras possibilidades de subjetivação. Reaproximar-se dessas margens, portanto, não é um gesto nostálgico, mas uma tomada de posição ética e analítica que abre caminho para imaginar outras formas de educar o corpo, mais abertas à pluralidade, ao jogo, à invenção e à vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sou também um produto daquilo que analiso neste memorial e no restante da tese. Reconhecer isso me permite repensar a vida a partir de outras possibilidades. Que este memorial funcione, portanto, como um portal de abertura – para experiências significativas dentro desta tese e para os dias que ainda me restam viver. O percurso realizado demonstrou como práticas discursivas e não discursivas atuaram de modo estruturado para instituir modos de ver, educar e produzir meu corpo e minha existência.

O uso das perspectivas foucaultianas – especialmente as análises sobre discurso, condições de possibilidade, produção de verdades e emergência dos acontecimentos – possibilitou essas tramas. A partir delas foi possível destacar a instrumentalização do corpo como alvo do poder, em um contexto marcado pelo entrelaçamento entre discursos esportivos, ginásticos e pedagógicos. A análise desses artefatos mostrou que as práticas

educativas voltadas ao corpo participam de projetos de normatização e de fabricação de subjetividades, seja por meio da racionalidade higienista, seja pela seletividade dos gestos, dos comportamentos e das sensibilidades consideradas legítimas.

Mas também evidenciou que o percurso não se reduz a essa fabricação: ao longo da vida, abri-me para novas leituras, experiências e modos de ser, sem abandonar as minhas utopias. Tal como canta Gilberto Gil, sigo “confiante no futuro”. Amém e Axé, Gil. Este texto – este raio – tenta “prever o itinerário da ilusão do poder”, buscando transformar “as velhas formas do viver” e aprender, ainda, “o que eu não sei”. Foi possível também me pensar de outro modo – como pessoa, como pesquisador, como alguém que joga e que aprende a jogar com a própria vida.

As saídas dos jogos de poder talvez se encontrem nos caminhos éticos, estéticos e lúdicos do jogar e da festa. Por isso o convite: vem para a festa. Gil me diz que muitos têm “o deus sol na testa”, mas que ele carrega um “cesto de alegrias de quintal” – e aqui deixo algumas das minhas. Sigamos, porque “o melhor lugar do mundo é aqui e agora”. São palavras sinceras (ou nem tanto), mas certamente afetuosas. “Só sei que foi assim”, diriam Suassuna, Chicó e João Grilo.

Assim como os Gonzagas, pai e filho, sigo vendo “o brilho nos meus olhos e o tremor nas minhas mãos”, esse corpo suado de raça e emoção – meu jeito de viver, escrever, teimar, amar. Guilherme Arantes e Maria Bethânia lembram: “Agora é brincar de viver.” A história não tem fim; “continua sempre que se responde sim à imaginação”. E continuo praticando a “arte de sorrir”, mesmo quando o mundo disse não. Chico Buarque e Bethânia repetem: a vida disse sim, e estou aqui. “Sonhando mais um sonho impossível, lutando sem se vender”, como escreveu Guilherme de Almeida em “O impossível sonho”, sigo insistindo em virar esse mundo e “cravar esse chão”, como fazia a criança torcedora do Paysandu. “Guerreando por um pouco de paz”, continuo jogando, porque valeu – vale – delirar e morrer de paixão. É “preciso saber viver”, lembra Erasmo. E sigo “rolando os dados”, porque, como Cazusa, sei que “o tempo não para”.

Que bom que você veio comigo até aqui. Espero que tenha sido leve, intenso, divertido. Este memorial não é apenas a narrativa de uma vida, mas a cartografia dos discursos que a atravessaram e dos modos de subjetivação que me constituíram. Ao revisitá-los, não busco a origem nem a verdade, mas a possibilidade – foucaultiana – de problematizar o que me fez ser o que sou. E, assim, abrir espaço para outros modos de existir, jogar e educar o corpo.

Ao interrogar as experiências que permaneceram às margens – jogos, brincadeiras e práticas populares – torna-se possível compreender como a história da Educação Física foi atravessada por exclusões que, longe de suprimir, produziram modos específicos de corpo, conduta e subjetivação. Tal como indica Foucault, a genealogia não busca origens, mas expõe os efeitos de poder inscritos nas escolhas que naturalizaram certas práticas e tornaram outras invisíveis. Revisitar meu percurso, nesse sentido, opera como análise dessas seleções históricas que conformaram meu próprio modo de existir e educar. Se esta tese é também a história de um corpo em formação, que ela sirva para interrogar não apenas o que fui, mas aquilo que ainda posso – e podemos – nos tornar.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009. 340 p.

ARANTES, G. **Brincar de Viver**. Intérprete: Maria Bethânia. In: Ciclos. Rio de Janeiro: PolyGram, 1983. LP.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos Cedes 19 (48)**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000100005> Acesso em: [20/12/2023].

BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. 3 ed. Ijuí: Unijui, 2005.

CARLOS, E. **É preciso saber viver**. Intérprete: Titãs. In: Titãs – Acústico MTV. São Paulo: Warner, 1997. CD. (Versão mais conhecida atualmente. Se preferir, posso registrar a versão original dos anos 1970.)

CAZUZA. **O Tempo Não Para**. Intérprete: Cazuzza. In: O Tempo Não Para – Ao Vivo. Rio de Janeiro: PolyGram, 1988. LP.

DIAS, D. C. SOARES, C. L. Entre velas, barcos e braçadas: Belém no espelho das águas (do final do século XIX à década de 1920). **Projeto História (PUCSP)**, v. 49, p. 19-49. Abr. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/19712>. Acesso em: 10 fev. 2019.

FENSTERSEIFER, P. E. A educação física na crise da modernidade. 1999. 213 p. **Tese (doutorado)** - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000195528>. Acesso em: 25 fev. 2015.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 7a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 8ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2021.

GIL, G. **Queremos saber**. Intérprete: Gilberto Gil. In: Raça Humana. Rio de Janeiro: WEA, 1984. LP.

GIL, G. **Tempo Rei**. Intérprete: Gilberto Gil. In: Raça Humana. Rio de Janeiro: WEA, 1984. LP.

GONZAGUINHA. **Explode Coração**. Intérprete: Gonzaguinha. In: Gonzaguinha da Vida. EMI-Odeon, 1978. LP.

LEIGH, M; DARION, J. **The Impossible Dream (O Sonho Impossível)**. Versão brasileira: Guilherme de Almeida. Intérprete: Maria Bethânia. In: Álbi. Rio de Janeiro: PolyGram/Philips, 1978. LP.

MELO, V. A. Esporte, ginástica, educação física: as práticas corporais institucionalizadas. **Revista ComCiência**. Nº.157 Campinas Apr. 2014. Acesso: <http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n157/11.pdf>

PINHEIRO, W. C.; ALVES, L. M. S. A. **A educação da infância paraense a partir de propagandas de colégios no início do século XX**. Cáceres: UNEMAT Editora. Vol. 5, no. 2, 2014, p. 239.

QUITZAU, E. A. Da ‘Ginástica para a juventude’ a ‘A ginástica alemã’: observações acerca dos primeiros manuais alemães de ginástica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, p. 111-118, 2015. Disponível em: <https://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/2093>. Acesso em fev/2020.

SIGOLI, M. A.; JUNIOR, D. R. A história do uso político do esporte. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 2, p. 111-120, 2004.

SOARES, C. L. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen Lúcia. (Org.). **Corpo e história**. – 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. 111-131.

SOARES, C. L. Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940). In: SOARES, C. L. (Org). **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas, SP. Autores Associados: 2016.

SUASSUNA, A. **O Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

3 EDUCAÇÃO DO CORPO: Biopolítica e Biopoder em Belém do Pará, entre o final do século XIX e o início do XX

EDUCATION OF THE BODY: biopolitics and power in Belém do Pará (late 19th to early 20th century).

Gabriel Pereira Paes Neto

1 Mestre; doutorando/Universidade Federal do Pará/UFPA; gabrielpaesneto@gmail.com

Eduardo Paiva de Pontes Vieira

2 Doutor; Universidade Federal do Pará/UFPA; epontesvieira@yahoo.com.br

Palavras-chave:

Corpo

Ginástica

Esporte

Resumo: Neste artigo buscou-se tratar de modos de ver e educar o corpo em Belém do Pará. Mostra-se como modos de ginásticas e esportes foram selecionados e montados de forma que se tornassem supostamente corretos, instrumentalizando o corpo como alvo de poder. O recorte temporal para este estudo abrange o final do século XIX e o início do XX. Os documentos analisados são tomados como monumentos a serem desmontados, isto é, os ditos arquivos passam a ser interrogados em sua produção e com intencionalidade de perscrutar as relações de poder que incidem sobre a disciplinarização dos corpos. A fim de melhor delimitar o foco da pesquisa, lançamos como questão primordial as maneiras pelas quais práticas discursivas e não discursivas instituíram modos de educar o corpo em Belém do Pará, entre o final do século XIX e o início do XX. O material empírico foi reunido em um inventário e organizado pela procedência do arquivo (jornais, revistas, revistas pedagógicas etc.), traçando uma unidade capaz de enredar o biopoder como técnica de poder que identifica a educação do corpo.

Keywords:

Body

Gymnastics

Sport

Abstract: This article seeks to address ways of viewing and educating the body in Belém do Pará. It shows how forms of gymnastics and sports were selected and assembled in such a way that they became supposedly correct, instrumentalizing the body as a target of power. The time frame for this study covers the end of the 19th century and the beginning of the 20th century. The documents analyzed are taken as monuments to be dismantled, that is, the so-called archives are interrogated in their production and with the intention of scrutinizing the power relations that affect the disciplinarization of bodies. In order to better delimit the focus of the research, we raise as a primary question the ways in which discursive and non-discursive practices instituted ways of educating the body in Belém do Pará, between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century. The empirical material was gathered in an inventory and organized by the origin of the archive (newspapers, magazines, pedagogical journals, etc.), creating a unity capable of entangling biopower as a technique of power that identifies the education of the body.

Recebido em 1º de março de 2025. Aprovado em 18 de junho de 2025.

Introdução

Neste artigo buscou-se tratar de modos de ver e educar o corpo na cidade de Belém. Tenta-se mostrar como modos de ginásticas e esportes foram selecionados e montados de forma que se tornassem supostamente corretos, instrumentalizando o corpo como alvo do poder. Para isto, analisam-se práticas discursivas e não discursivas que instituem modos de ver e educar o corpo, nestes termos, lançando mão de pressupostos foucaultianos relacionados com o biopoder. O recorte geográfico e temporal para este estudo abrange o final do século XIX e o início do XX.

Para fins metodológicos e analíticos, aproximamo-nos das teorizações arqueogenealógicas de Michel Foucault. Os documentos analisados são tomados como monumentos a serem desmontados, isto é, os ditos arquivos/documentos passam a ser interrogados em sua produção, não sendo mais vistos como marcas de um passado a ser lembrado, e sim como algo que foi selecionado e montado para supostamente registrar a memória (Foucault, 2008). Pensar a partir da base conceitual arqueogenealógica de Foucault (2008) possibilita alcançar estados de suspeição sobre a produção das verdades, questionando e conjecturando como certas coisas se tornaram verdadeiras ao tempo em que outras coisas passam a ocupar o lugar de não verdade. A fim de melhor delimitar o foco da pesquisa, lançamos as questões sobre o material empírico analisado, propondo questões norteadoras com o objetivo de conferir visibilidade às práticas

discursivas e não discursivas instituídas nos modos de educar o corpo em Belém do Pará, entre o final do século XIX e o início do XX por meio de biopolíticas regulatórias e práticas de biopoder.

O Biopoder pode ser entendido como uma técnica de poder específica, teorizada por Foucault (1999) como algo que emerge a partir do século XVIII. Segundo o autor, na época clássica, período que se estende do final do século XVI ao final do século XVIII, predominava um tipo de poder soberano que dispunha do direito de vida e de morte sobre o indivíduo. E, a partir do século XVIII, observa-se uma nova estratégia de poder que se dirige ao corpo populacional, tornando o Estado a figura que substitui o monarca soberano que passa a “cuidar” da vida e estabelece o crescimento das populações como sua preocupação central. O biopoder enquanto técnica reelabora o propósito de governabilidade na medida em que objetiva a regulação da vida ao invés da imposição por meio da morte (Foucault, 1999, p. 286-287). Uma notória característica do biopoder é visualizada na história contemporânea por meio do racismo de estado e de movimentos eugenistas e higienistas instaurados em biopolíticas de regulação. Nestes termos, buscamos os enunciados, que para Foucault (2008), possui um sentido⁴⁰ próprio. Segundo o autor, “um enunciado pertence a uma formação discursiva” e sua regularidade “é definida pela própria formação discursiva” (Foucault, 2008, p. 132).

Tratamos a formação discursiva como um operador teórico analítico, pois sua busca é das possibilidades de existência. Logo,

⁴⁰ “A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma única e mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é

para os enunciados não uma condição de possibilidade, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, em troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência” (Foucault, 2008, p.132).

busca-se uma arqueogenealogia de práticas educativas do corpo em Belém do Pará, no período supramencionado, este o recuo no tempo se dá para demarcar as contingências, os desvios que produziram “o que existe e tem valor para nós, que na raiz do que conhecemos e somos, não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente” (Foucault, 2008, p. 21) e não para reestabelecer uma grande continuidade ou para mostrar que o passado permanece vivo no presente.

A pesquisa torna visível os enunciados utilizando documentos que narram o cotidiano das práticas corporais, tais como livros, jornais, periódicos, materiais didáticos utilizados na produção da “educação física”. Para mostrar como a Belém moderna demandou um investimento em práticas educativas sobre o corpo, sejam as médicas, militares, esportivas ou outras, mostram-se disputas entre as recomendações médico-higienistas, para o corpo considerado saudável, e das múltiplas possibilidades que se relacionam com os discursos em circulação. Sem esgotá-las.

As fontes buscadas e analisadas incluem os documentos considerados não oficiais, recolhidos e reunidos em arquivos feitos para durar e produzir memórias: matérias jornalísticas, campanhas publicitárias, produções literárias e artísticas, de modo geral, revistas pedagógicas, revistas de variedades que contivessem enunciados relativos às práticas corporais no recorte temporal estudado. Sobre o acesso à coleta de dados, os registros foram acessados em duas plataformas de arquivos: 1) Hemeroteca

Digital Brasileira⁴¹; 2) Seção de obras raras da biblioteca pública Arthur Vianna⁴². A unidade de enredo traçada dá visibilidade à trama que possibilitou a emergência de um dado modo de dizer. Foi priorizado um conjunto de enunciados sobre a educação do corpo, registrados nesses materiais.

A definição de um *corpus* de pesquisa se baseou na busca da construção do enredo, com ênfase na pertinência e sentidos dos dados buscados, configurando tramas de acontecimentos, assim, buscamos abrir possibilidades novas, para enxergar novos nuances da história. Sabendo que, de acordo com Foucault (2021), o poder cria os corpos, via discursos, produzem realidades. Interessa saber se as práticas corporais em forma de jogos, esportes e ginásticas, fazem parte de uma “trama pedagógica”, ou seja, faz parte da instituição de biopolíticas e de técnicas de biopoder por meio do higienismo em Belém do Pará, considerando também, o contexto do século XIX que foi de muitas mudanças em Belém, passando por processos de industrialização e amplo crescimento populacional. Sabendo disso, começamos a tratar de práticas discursivas e não discursivas que instituem modos de ver e educar o corpo na cidade, entendendo a arqueogenealogia, também, como uma descrição de acontecimentos e de atravessamentos que permite a observação do que outrora foi escondido, criando conexões e recortando a história como relação de poder.

⁴¹ É um portal de digitalização de periódicos nacionais que possibilita uma vasta consulta, pela *internet*, a jornais, revistas, anuários e outras publicações. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁴² É um catálogo de obras raras que reúne publicações de alto valor histórico, cultural, literário e artístico. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/espacos-culturais/sede/biblioteca-arthur-vianna>

3.1 Urbanização de Belém: a cidade como educadora de corpos

Na segunda metade do século XIX, aproximadamente entre 1850 e 1900, Belém do Pará vivenciava a *Belle Époque*⁴³, portanto, passava por uma “modernização” estrutural, econômica, política e cultural, incluindo o surgimento e desenvolvimento de escolas. A cidade passou a receber as diretrizes dos recém-criados sistemas de saúde e “invenções” que vinham sendo produzidos na Europa, sobretudo, na Alemanha, França e Inglaterra (Foucault, 1999).

Entre as invenções, estavam formas de exercícios físicos que passaram a ser sistematizados e chamadas de ginásticas e esportes. Nestes países, boa parte dessas criações eram desenvolvidas ao ar livre⁴⁴, seja em praças, escolas, parques, rios, dentre outros lugares, assim, a prática deliberada de exercícios físicos potencializou a relação do corpo com a natureza, o que incluiu as escolas. Segundo sintetiza Soares (2016, p. 14) “estamos diante de uma redescoberta da natureza, de sua bondade tanto quanto de seus supostos valores educativos e regeneradores que nutrem uma reflexão sobre as relações”. Esse fluxo de acontecimentos na Europa se relacionou com a produção de novas dinâmicas de controle para o corpo, na década de 1880, século XIX, o que perpetrou práticas discursivas também em Belém do Pará, por

exemplo, neste período, o Sport Club⁴⁵ oportunizava práticas ginásticas e esportivas ao ar livre, com base em ideais difundidos em Paris e Londres.

Na Figura 1, tem-se um texto publicado com elogios às práticas de ginásticas e esportivas ao ar livre que estavam sendo realizadas no Sport Club, em Belém. Aponta-se para o potencial de “divertimento” de ginásticas e esportes praticados ao ar livre. Assim como, seu potencial educativo, portanto, como prática higiênica relacionadas aos exercícios físicos.

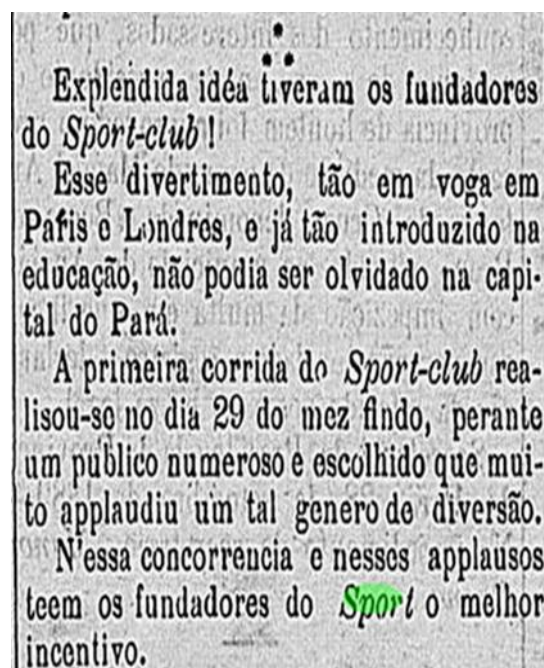


Figura 1 – Imagem jornalística de práticas de ginásticas e esportivas ao ar livre no Sport Club, Pará, 1889.

Fonte: O Liberal do Para (1889).

⁴³ Segundo Coelho (2011, p. 141) “um complexo processo de relações culturais, sociais e mentais, mas também materiais e políticas, desenvolvidas no interior de um corpus reconhecido historicamente como o da cultura burguesa e da sua afirmação no interior dos quadros hegemônicos do capitalismo industrial”.

⁴⁴ Villaret (2016) destaca que, inicialmente na Europa, esportes e ginásticas foram usados em cidades europeias como simplificações das formas de naturismo. O autor aponta que (entre os séculos

XVIII e XIX) “as primeiras formas de uma educação física repousam, essencialmente, sobre a adjunção de práticas higiênicas oriundas das curas naturais aos exercícios físicos elaborados a partir das ginásticas preexistentes” (Villaret, 2016, p. 82).

⁴⁵ Fundado dia 25 de setembro de 1896, tinha como ideal a prática da educação física, através do cultivo dos esportes. Sua sede ficava na Estrada Nazareth, onde eram praticadas diversas modalidades (basquete, ciclismo e tiro). O clube ajudou a criar campeonatos de futebol e de remo. Parte de seus integrantes fundaram o grupo de Remo, atual clube do Remo (História do Futebol, 2021).

O texto é constituído por discursos do final do século XIX e início do século XX. A prática esportiva, produzida por países europeus como Inglaterra e França, era vista como um símbolo de progresso e civilidade. A menção a cidades como Paris e Londres relaciona o eurocentrismo da época, em que práticas europeias eram adotadas como modelos de modernidade (Dias, 2014).

O esporte é posto como instrumento de distinção social. A descrição de um “público numeroso e escolhido” (Figura 1) sugere que a prática esportiva estava restrita às elites, funcionando como um marcador de *status* social. Isso se alinha à ideia de que os clubes esportivos, na época, eram espaços de exclusividade, acessíveis apenas aos que pertenciam às camadas mais altas da sociedade (Dias, 2014).

A valorização do “aplausos” como incentivo reforça a ideia de que eventos esportivos também serviam mais como um “espetáculo”, um entretenimento.

O texto da Figura 1 menciona que o esporte já era “introduzido na educação”. Esse aspecto se relaciona a tentativa de produzir corpos e comportamentos de acordo com os padrões discursivos em voga, nestes termos, é possível afirmar a existência de uma idealização das práticas esportivas europeias. A frase “não podia ser olvidado na capital do Pará” também denota uma visão

centralizadora e elitista, que desconsidera outras manifestações corporais.

Esse recorte permite problematizar sobre como o esporte, ainda hoje, pode funcionar como instrumento de exclusão. Também em detrimento de manifestações culturais e corporais “subversivas” ou não hegemônicas, da mesma forma, em que pode se tornar um mecanismo de subjetivação e controle. Belém foi educando as pessoas a partir de “formas de exercitar o corpo”, o que inclui as próprias formas e objetivos inerentes à escola enquanto lugar de sociabilidade pública (Guimarães; Sousa, 2016; Santos; França, 2020).

Não se tratava de qualquer exercício físico, ou seja, não se referiam à capoeira, danças ou jogos indígenas ou de origem africana. Também não se tratava de ginásticas de origens circenses, tais quais foram proibidos e discriminados. Tratava-se especificamente de jogos, esportes, ginásticas “adaptados/as” em países europeus, a partir de finalidades educativas. Estas relacionadas às formas de controle dos corpos em novas dinâmicas modernas, urbanas, políticas, morais e econômicas.

Por Belém do Pará, a “vida ao ar livre e vida urbana se apoiavam dentro de um projeto de modernização” (Dias, 2014, p. 152), em que práticas discursivas passaram a instrumentalizar jogos, esportes, ginásticas. Observa-se na Figura 2.

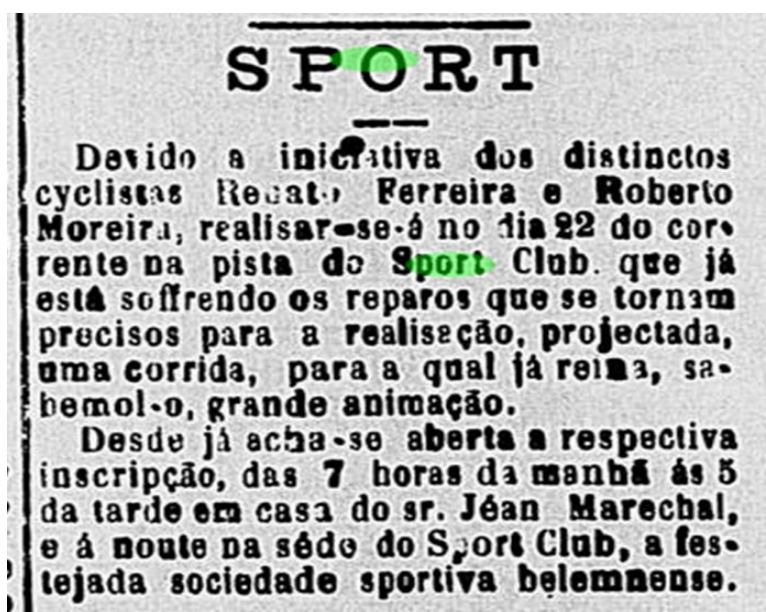


Figura 2 – Imagem jornalística destacando o ciclismo no Sport Club, Pará, 1899.

Fonte: Biblioteca Nacional (1899)

O texto da Figura 2 refere-se a um evento de corrida organizado por um “Sport Club” em Belém, no qual uma corrida seria realizada graças à iniciativa de dois ciclistas. Ele destaca aspectos como a preparação da pista, a abertura das inscrições e a “grande animação” em torno do acontecimento. O uso da palavra “Sport” e a criação de um clube dedicado às práticas esportivas denotam um momento de apropriação do esporte como discurso educativo.

A ênfase em “corrida” aponta para a popularização do ciclismo, que era uma das modalidades mais praticadas da época, impulsionada pela “modernização” das bicicletas e uso pelas elites urbanas. Nesse período, a prática esportiva no Brasil era restrita a elites, sendo os clubes espaços exclusivos, inacessíveis às classes populares, o que reforça o papel do esporte como um elemento de distinção social (Dias, 2014). A formalidade da linguagem e a atribuição de

crédito a “distintos ciclistas” conectam-se com a importância social dada àqueles que promoviam tais eventos. Todavia, a valorização de esportes importados pode ter contribuído para a marginalização de outras práticas corporais, ao tempo em que o ciclismo foi sendo implementado em Belém, como produção dessas práticas ginásticas e esportivas ao ar livre.

A análise do texto histórico também leva a refletir sobre como a ginástica e o esporte ainda são, em muitos casos, utilizados como instrumentos disciplinares e biopolíticos. Na medida em que se percebe como diversas práticas de ginástica e esporte também subsidiaram a criação e o fortalecimento dos clubes como espaços de lazer e nos quais aconteciam festas de diversas ordens, inclusive, em sociabilidades que foram se constituindo como práticas educativas do corpo (Dias, 2014). Na Figura 3 verifica-se outro clube de ciclismo, o Velo-club.

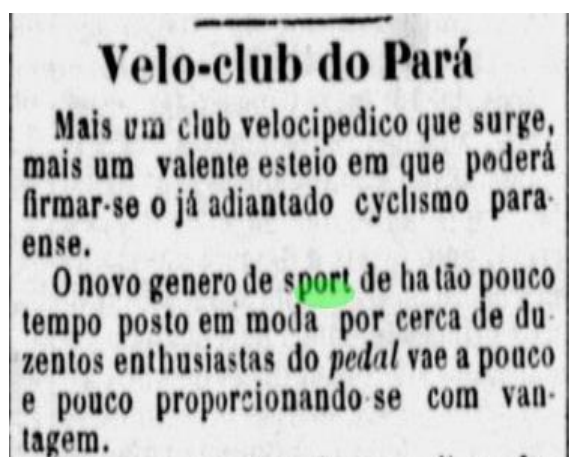


Figura 3: Imagem Jornalística do anúncio do Velo-Club do Pará, 1896.

Fonte: Biblioteca Nacional (1896).

O texto extraído do “Diário de Notícias” do Pará (1881-1898) aborda o surgimento do “Velo-Club do Pará”, destacando a crescente popularidade do ciclismo. A menção a um clube organizado reforça a ideia de institucionalização do esporte, prática comum das elites urbanas, que viam no ciclismo uma manifestação de modernidade e sofisticação (Gomes; Silva, 2021).

O texto sugere que o ciclismo era um “gênero de *sport*” restrito a um público: os “entusiastas do pedal”, ressaltando que o acesso à bicicleta era restrito, também, por ser um bem caro na época. O “Velo-Club” provavelmente funcionava como um espaço de sociabilidade elitista, reforçando hierarquias sociais. A denominação “Velo-Club” reforça a influência de modelos europeus, sobretudo franceses, na organização de práticas esportivas. Já o termo “sport” também demonstra a adoção de uma expressão inglesa.

A popularização do ciclismo entre as elites urbanas reflete também um processo de disciplinarização do corpo, alinhado às ideias higienistas e de controle social. De acordo com Pinheiro e Alves (2014) e Dias e Soares (2014), ocorreram simbioses entre os discursos médico-higienistas, os quais descrevem que “a política de saúde pública

implicava o controle da vida banal, principalmente das classes pobres, consideradas um constante perigo à ordem estabelecida” (Dias; Soares (2014, p. 154).

Assim, as formas de controle educacional dos corpos, produziam burgueses “atletas” e pobres obedientes, moralizados e “trabalhadores”. A prioridade de quem detinha o controle dos discursos em Belém, era com a saúde das pessoas pobres, mas sobretudo, com o perigo de serem vetores de doenças para as pessoas ricas, nestes termos, um parâmetro claro é estabelecido com a premissa do biopoder, qual seja, a de exercer controle que garante a vida de parte da população por meio da subjugação e da eventual eliminação de outra parte. Como refere Foucault (1999), por meio de um poder exercido por estruturas que operam a vida e a morte, a proliferação do que é desejável e a extinção do indesejável, que também considera “a morte política, a expulsão, a rejeição, etc.” (Foucault, 1999, p. 306).

Assim, o controle do corpo passou a ser uma prioridade nos discursos. Na Figura 4, por exemplo, tem-se uma proposta de cultura *physica*, publicada em 1886, na Inglaterra, e repostada no jornal Diário de Belém, refletindo preocupações educacionais e culturais da época. Nesse período, o Brasil

estava em transição entre os últimos anos da monarquia e a Proclamação da República (1889).

O texto exemplifica como ideias pedagógicas e científicas passaram a entrar em circulação no exterior e, especificamente em Belém do Pará, no século XIX. Durante esse período, os discursos sobre as práticas de ginástica (ou “gymnastica”, como escrito no texto) ganhavam destaque, influenciados por modelos de desenvolvimento físico que objetivavam disciplinar o corpo e produzi-lo conforme padrões de saúde e eficiência. A funcionalidade corporal e o equilíbrio entre força, agilidade e destreza são destacados e isso pode ser lido como parte de um movimento mais amplo que, sob o discurso de saúde e desenvolvimento, visava também disciplinar e controlar os corpos, especialmente de crianças.

Isto indica uma visão funcionalista do corpo, uma visão fragmentada, característica das ciências biomédicas da época. Há um esforço em normatizar o corpo infantil, promovendo um ideal de criança robusta e “útil”. O texto ilustra a ginástica como ferramenta educativa e formadora do caráter, nestes termos, se pode considerar que os discursos passaram a produzir formas de educar o corpo, baseadas em uma moral utilitária e supostamente ancorada na medicina. O que se intensifica a partir do fato de que as mudanças drásticas na cidade tiveram como consequência sérios problemas de moradia e de saneamento, como mostra a Figura 4.

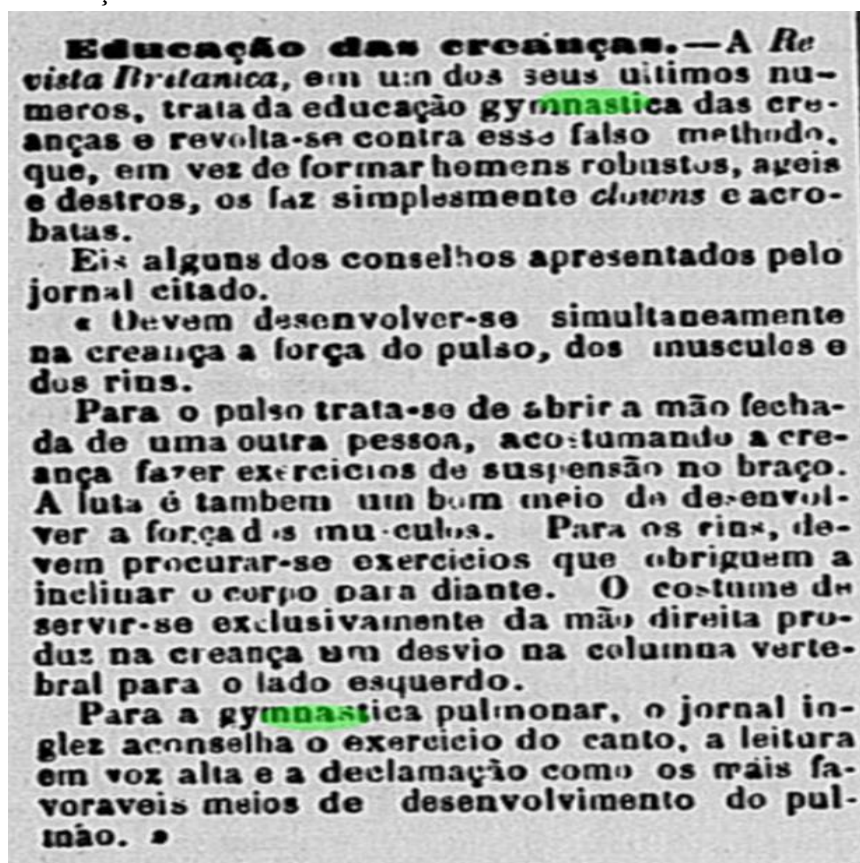


Figura 4 – Imagem jornalística “Educação das creanças” do Diário de Belém, Pará, 1886.

Fonte: Biblioteca Nacional (1886).

Além do início da República, esse período foi marcado pelo auge do ciclo da borracha, assim como, seu declínio. Conforme Sarges (2010), Belém viveu seu auge econômico com a extração do látex, modalidade para o desenvolvimento do comércio local, sobretudo por volta de 1880, com a valorização de artefatos de borracha, principalmente para a produção de pneus, tendo como consequência a chegada de pessoas e grandes mudanças estruturais na cidade.

Antônio Lemos⁴⁶ foi nomeado intendente da cidade, permanecendo até 1912 e foi nessa conjuntura que, segundo Sarges (2010), se ampliou uma divisão social: de um lado, uma elite de homens, políticos, comerciantes e profissionais liberais; de outro, uma camada pobre de ribeirinhos (vindos do interior), nordestinos e imigrantes europeus pobres (sobretudo portugueses).

A Belém ainda pequena e pouco populosa foi transformada em outra cidade, complexa, suntuosa e miserável ao mesmo tempo, um espaço geográfico que se

urbanizava e crescia, com lojas e fábricas e induzia a formação de pessoas dóceis e servis, pessoas que consentiam e adotavam isso como estilo de vida. Segundo Dias e Chaves (2017), as políticas de Lemos foram basicamente higienistas, com efeito, a Belém ideal, tinha como modelo a cidade de Paris, modernizada e rica, europeizada, elegante, limpa, segura e com um bom desenvolvimento. Para Gonçalves (2022), algumas cidades, como Belém, passaram por um abrangente processo de modificações urbanas, a partir do século XIX, aos moldes de Paris.

Tendo como foco políticas higienistas, sanitaristas, modernizadoras e embelezadoras da cidade. Segundo Sarges (2010), um dos focos de Lemos foi o “Saneamento Serviço Sanitário e Saúde Pública”, além da “estética da cidade”. As medidas sanitaristas, de limpeza das ruas, esgotos e crematórios, atendiam muito mais ao centro da cidade.

No Álbum do Estado do Pará, de 1908, pode-se ver que foi criado um “Serviço Sanitário do Estado”, como mostra a Figura 5.

⁴⁶Segundo Sarges (2010), Antônio Lemos foi nomeado intendente da cidade, permanecendo até 1912. Foi nessa conjuntura que teve como foco políticas higienistas, sanitaristas e “modernizadoras” da cidade. O autor ressalta que um dos focos de Lemos foi o

“Saneamento Serviço Sanitário e Saúde Pública”, além da “estética da cidade”. O que inclui o controle do espaço e da natureza (rios, igarapés, florestas), dos fluxos de pessoas, portanto, também do corpo (Sarges, 2010).

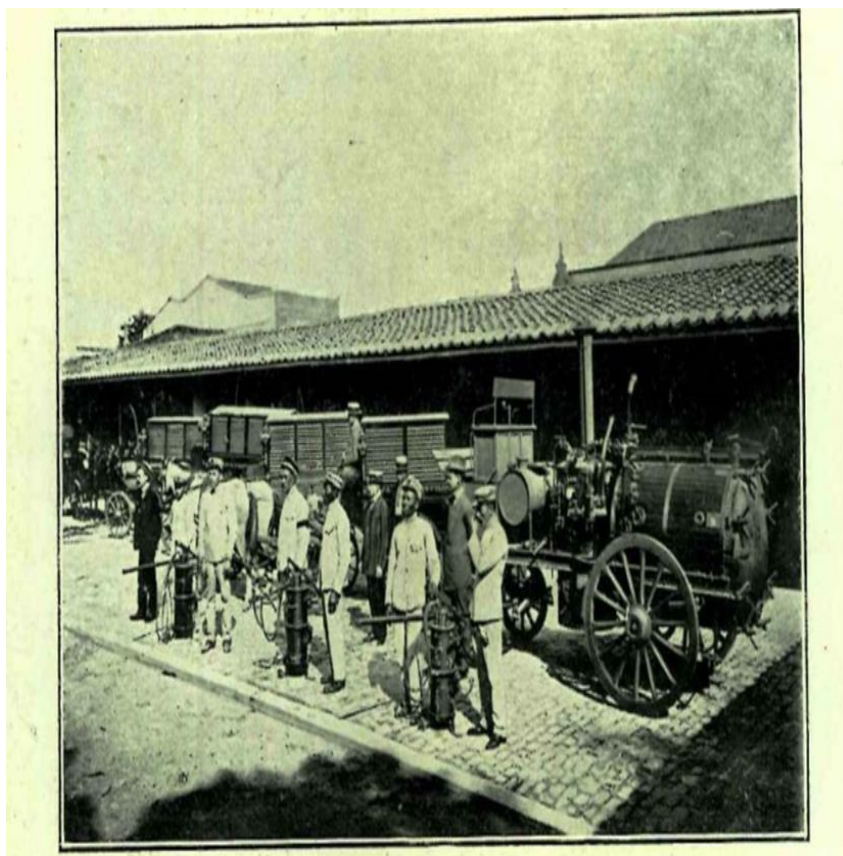


Figura 5 – Imagem dos aparelhos de desinfecção, Belém, Pará, 1908.

Fonte: Fundação Cultural do Pará (1908).

O discurso sobre a importância do “Serviço Sanitário do Estado” era construído por médicos, políticos, sanitaristas, professores, jornalistas, entre outros. O serviço era estadual, implementado pelo governador Augusto Montenegro⁴⁷, que teria melhorado a Hygiene do povo de Belém e do Pará (Gonçalves, 2022).

Nesse registro de 1908, mostra-se que outros serviços disponibilizados pelo “Serviço Sanitário” foram a “ambulância e os aparelhos de desinfecção” (Fundação Cultural do Pará, 1908). Nesse contexto de controle do corpo na cidade, de acordo com Sarges (2010) e Gonçalves (2022), em Belém, passou-se a ter uma tentativa de controle da saúde da

população, por intermédio de hospitais e de casas de saúde, da presença de médicos e de autoridades sanitárias. Percebem-se nos fatos discursos que condizem com a referência de uma política de Estado para o controle de uma crescente população urbana, uma biopolítica operada por meio de um corpo técnico com privilegiado lugar de fala.

Foram adotados mecanismos de regulação do que se pode ou não fazer no espaço urbano, alimentando o discurso de convencimento de que todas as ações seriam para o próprio “benefício” da população mais pobre.

O fato é que a preocupação com a saúde coletiva passou a ser uma prioridade, nesse

⁴⁷ Augusto Montenegro foi governador do estado do Pará entre 1901 e 1908, no contexto de controle do corpo na cidade, de acordo com Sarges (2010) e Gonçalves (2022), em Belém, passou-se a ter uma

tentativa de controle da saúde da população, por intermédio de hospitais e de casas de saúde, da presença de médicos e de autoridades sanitárias.

sentido, também se preocupando com a proliferação de doenças, os discursos normatizavam e regulavam o que se podia fazer. Sobre a regulação “hygienica” da vida na cidade em Belém, Gonçalves (2022) aponta que

Fez-se necessário um aparato legal do poder público para [...] regular diversos aspectos da cidade, que iam desde a

higiene dos estabelecimentos públicos, habitações coletivas, hotéis, até o controle dos alimentos vendidos para a população, barulhos emitidos nas ruas (Gonçalves, 2022, p 6).

Faziam parte do Serviço Sanitário as cocheiras, como mostra a Figura 6, para condução de doentes, de feridos, de cadáveres e de animais (Gonçalves, 2022, p. 6).

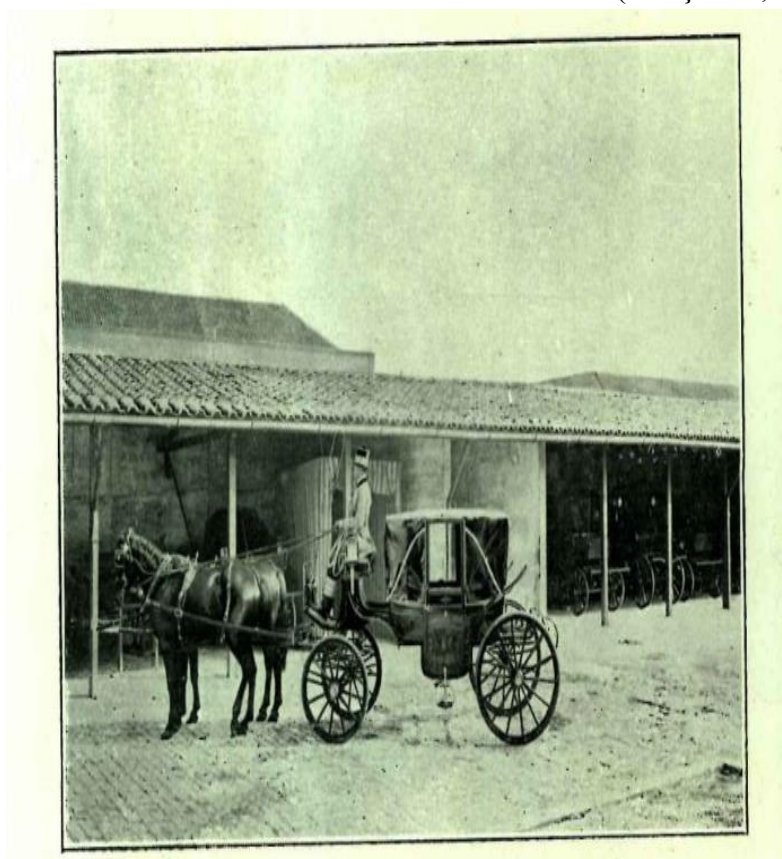


Figura 6 – Imagem jornalística das cocheiras para condução de doentes em Belém do Pará, 1908.

Fonte: Fundação Cultural do Pará (1908).

Gonçalves (2022, p. 6) refere que “era preciso preservar os bons costumes dos habitantes de uma cidade que experimentava o progresso”. Os desafios de controlar o corpo ficavam maiores, o que se estendia para o controle da relação com a natureza.

A cidade era cheia de rios e florestas, Dias (2016, p. 234) menciona que “dotar a natureza de um sentido positivo, integrando-a

a cultura urbana, foi uma construção histórica”. Entre outras medidas do intendente Lemos, Gonçalves (2022) cita a utilização do Bosque Rodrigues Alves no Marco da Léguas:

O intendente também levava em consideração a arborização da cidade, buscando uma vida mais saudável para a população,

mas também sob os ideais estéticos europeus ao domesticar a paisagem selvagem. [...] Foi revalorizado e ampliado o Bosque Municipal, localizado no Marco da Légua (área afastada do centro, e que hoje se encontra largamente urbanizada), com o objetivo de proporcionar mais um espaço de visitação para a elite. (Gonçalves, 2022, p. 7).

presentes na criação e na manutenção do Bosque, além do papel de educação e de saúde.

O uso do Bosque era controlado de forma rígida, padronizado para o uso “moderno” e “educado” do espaço. Esse discurso atrelava-se à ideia de vida regrada, controlada e dita saudável. O corpo foi sendo paulatinamente educado, no contexto de significativo aumento demográfico na capital do estado paraense, conforme mostra a Figura 7.

A natureza dominada, a urbanização e a cidade embelezada constituem enunciados

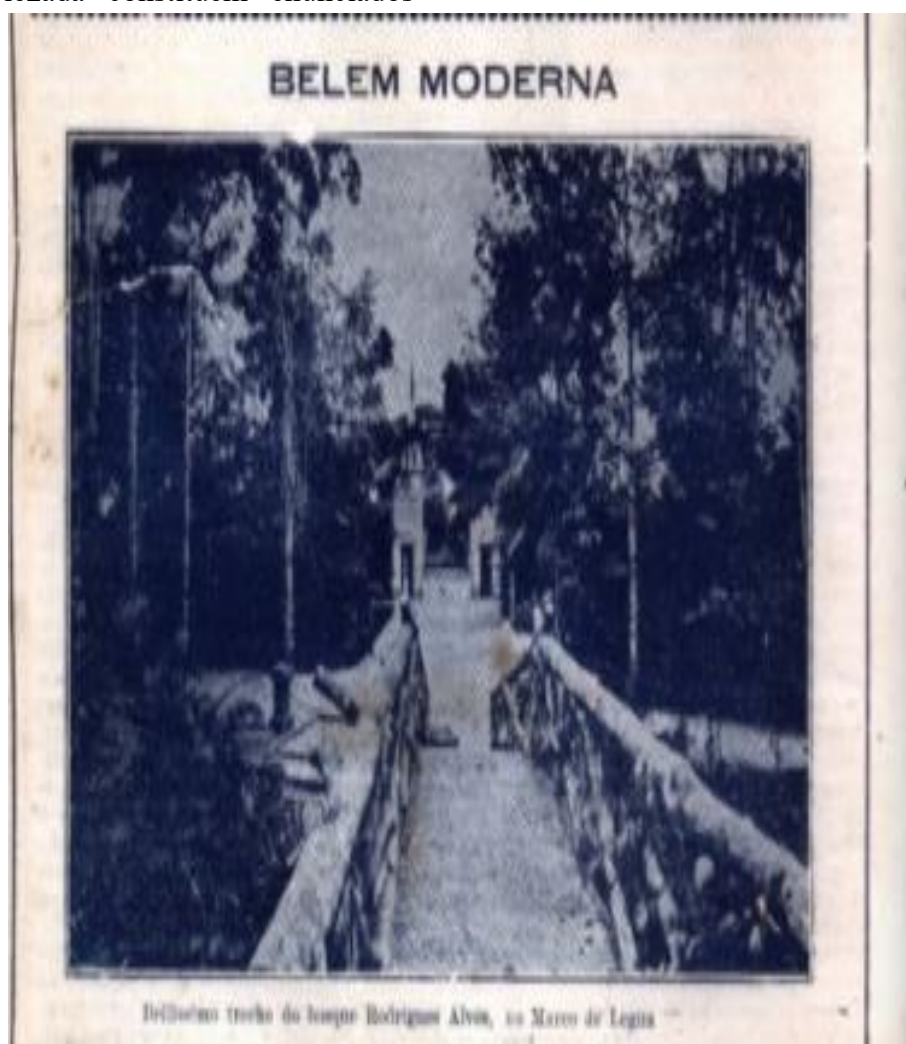


Figura 7 – Imagem jornalista do controle da natureza no marco da légua.

Fonte: A Semana: Revista Ilustrada (1919).

Segundo Dias (2014),

a cidade, então, se transforma em local de crescimento e demolição, com o antigo sendo devorado pelo novo. As ruas, em particular, transformam-se em lugares de mediações simbólicas e de troca de sociabilidades (Dias, 2014, p. 147).

Ainda segundo o autor:

“os passeios e eventos de sociabilidade públicos, eram carregados de pedagogias que incluíam regras de etiqueta e civilidade à moda europeia, atenção aos pudores e cuidados com o recato, bem como postura corporal” (Dias, 2014, p. 147).

Os discursos educativos eram fundamentados como “intervenção médica de caráter preventivo” (Dias, 2014, p. 250), portanto, discursos que “pontuam novas formas de o ideário médico se fazer integrado à vida banal no sentido de normatizá-la” (Dias, 2014, p. 250). Perante a implantação de

ideais de higiene, de moral e de limpeza, foram implementadas diversas regras, entre elas, o fechamento e a demolição de cortiços. Antônio Lemos (1897-1911) produziu reformas higienistas na cidade, o que teve consequências estéticas, simbólicas e pedagógicas. Do ponto de vista do controle do espaço e da natureza (rios, igarapés, florestas). Ao mesmo tempo que a demonstração de controle da “higiene” e “salubridade” produzia confiança nos possíveis investidores, produzia uma pedagogia dos corpos, no sentido de educação e regulação deles. Como parte das ações de saneamento e embelezamento da cidade, se constroem novas ruas, bem mais largas, arborizadas, com boa fluidez para o trânsito das pessoas e circulação do ar, foram muitas as ações que passaram a constituir o que nomeia-se aqui de reurbanização de Belém, calçamento das ruas, instalação de esgotos, instalação de transportes públicos, manutenção e expansão de bosques (como o marco da légua) e praças (Batista Campos, Largo da Pólvora – República e a Praça de Nazaré – CAN).

A Belém reurbanizada, educadora dos corpos, complexa e dinâmica, seja quanto à economia, à distribuição espacial, seja quanto às diferentes formas de viver nos diferentes polos da cidade, trazia mais novidades europeias, observadas na Figura 8.



Figura 8 – Imagem jornalística de Belém aos domingos, 1920.

Fonte: A Semana: Revista Ilustrada (1920).

A Figura 8 destaca como os passeios e eventos de sociabilidade eram prescritos por regras de etiqueta e civilidade, moldadas à moda europeia. Essa normatização, na qual a elite adotava padrões europeus como modelo de comportamento “ideal”. A busca por postura corporal, recato e pudores exemplifica a imposição de um padrão de corpo e comportamento. Essas pedagogias ensinavam a forma de ser, mas também funcionavam como instrumentos de exclusão, como práticas normativas, relegando as classes populares à margem do “progresso” e reforçando a noção de que apenas a elite

educada poderia participar dos espaços públicos “civilizados” (Dias, 2014). Assim, a educação dos Corpos se instaurava com um simbolismo urbano.

As reformas higienistas não apenas alteravam a paisagem urbana, mas também operavam no nível simbólico, educando os corpos para se adequar às exigências de um espaço “civilizado”. Essa pedagogia dos corpos visava normatizar não apenas comportamentos, mas também formas de habitar e interagir com a cidade. Contudo, ao integrar o ideário médico à vida cotidiana, o que se criava não era apenas saúde preventiva,

mas também um controle biopolítico e regulamentar (Foucault, 2008). Sob a retórica da saúde e da prevenção, esses discursos viabilizavam as intenções de controle social e político, enquadrando corpos dentro de normas específicas.

As reformas higienistas, como as promovidas por Lemos em Belém, exemplificam a face autoritária desse projeto de modernidade. O fechamento e demolição de cortiços, apresentados como medidas de salubridade, desconsideravam as necessidades básicas das classes trabalhadoras e frequentemente as expulsavam de seus espaços de vida. O higienismo urbano, mais do que resolver problemas de saúde pública, priorizava a estética e a atratividade econômica das cidades. Ao mesmo tempo, ocultava a marginalização e precarização de comunidades inteiras, deslocando os problemas para áreas periféricas ou invisíveis, enquanto promoviam confiança no capital estrangeiro, invisibilizavam a violência estrutural contra os mais pobres e consolidavam a desigualdade social. As transformações estéticas e simbólicas da cidade reforçavam hierarquias sociais, enquanto a pedagogia dos corpos tornava o espaço público acessível apenas àqueles que subjetivados aos seus padrões (Soares, 2011).

3.2 Biopolíticas em Belém: A cidade e o controle médico do corpo

Segundo Foucault (2021), o poder cria os corpos via discursos que produzem realidades. Assim, através de diversos discursos médicos⁴⁸ e pedagógicos, os corpos

passam a ser pautados e produzidos, sendo utilizados como mecanismo de controle da própria urbanização que foi tanto produto como produtora da biopolítica. O biopoder tem expressão visível por meio do controle da salubridade, da higiene pública e das políticas higienistas que se entrelaçavam com os discursos médicos sobre ginásticas e esportes. Assim como, produziram diversas realidades sobre o corpo, suas formas de educação e, portanto, suas formas de existir no espaço urbano. A modernidade gerada pela *Belle Époque* em Belém exigiu produtividade, lucro e emprego de capital, nestes termos, é possível afirmar que o meio ambiente, o corpo, a subjetividade, a memória e a vida em perspectiva sócio-histórica se tornavam secundários.

O corpo passou a ser alvo do poder moderno. Um corpo apto ao esforço, disciplinado, obediente ao cientificismo vigente, tanto quanto permanece temente ao erro e ao pecado, posto que a cena religiosa da cidade acompanha o pungente desenvolvimento econômico. Em meados do século XIX, em Belém, as mudanças em curso na cidade ascendiam patamares elevados e sem precedentes e incluindo diversos aspectos. Segundo Melo (2014, p. 1), a produção de ginásticas e esportes a partir de preceitos modernos, se deu no “decorrer dos séculos XVIII e XIX”, com “a articulação entre o desenvolvimento de um novo modelo econômico” e uma nova dinâmica política da cidade.

Portanto, como práticas educativas do corpo e gestão do tempo livre/de lazer. Os jogos historicamente também eram formas de

⁴⁸ Segundo Foucault (2021), por dentro do uso médico na política de países como Alemanha, França e Inglaterra é que os discursos científicos vão se constituindo (sendo produzidos) por dentro da medicina, sem preterir suas funções políticas. Segundo

o autor “A medicina passou da análise do meio à dos efeitos do meio sobre o organismo e finalmente à análise do próprio organismo. A organização da medicina foi importante para a constituição da medicina científica.”

manifestação da cultura dos povos, ou seja, jogos ligados a expressões utilitárias (provavelmente da agricultura), recreativas e religiosas, ligados, em sua essência, às necessidades de sobrevivência, tal como a caça. Porém, na modernidade também passaram a ser um dispositivo de biopoder à medida em que o corpo foi colocado no centro das atenções, discursos e projetos de sociedade, o que se localiza diante do sujeito, o corpo como cerne do controle – que ultrapassa a lógica punitiva à perspectiva higiênica (Foucault, 2008). Um corpo ativo, trabalhador, forte, que se reverberou sobre ginásticas e esportes.

Os discursos dominantes e incluídos nos clubes e nas escolas passaram a ser o médico normativo. O jogar foi deixando de ser livre e se tornando um método sistemático de

exercício, alinhado com diversos discursos (médicos, militares, igreja, imprensa e outros), em que o corpo se tornara uma entidade que transcende a lógica punitiva, sendo moldado pela perspectiva higiênica. Essa transição exemplifica uma mudança no paradigma de poder: de um controle explícito e coercitivo para um mais sutil e disciplinado, assim, o poder soberano foi se tornando biopoder. A descrição de um corpo ativo e trabalhador reflete o ideal do século XIX e início do século XX, alinhado às necessidades da industrialização. Esse corpo “ideal” representa uma construção social que marginaliza outros corpos – os inativos, os fracos, os que não atendem às expectativas de força e produtividade, a Figura 9 representa tal entendimento.

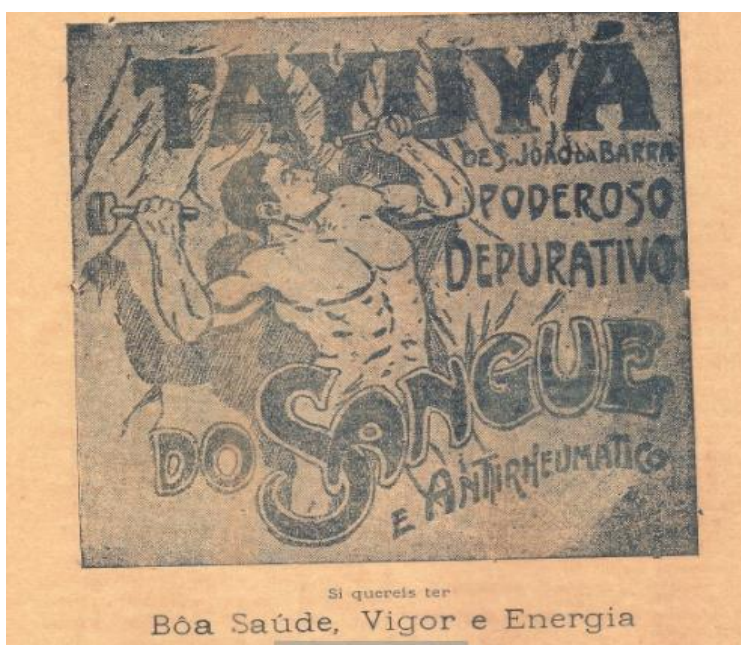


Figura 9 – Imagem jornalística representando um corpo forte e trabalhador: com “saúde, vigor e energia”, conforme a construção social da época, século XIX e início do século XX, Belém, Pará, 1927.

Fonte: A Semana: Revista ilustrada (1927).

A Figura 9, retirada da revista *A Semana: Ilustrada*⁴⁹ (1927), é um artefato que permite a visualização de múltiplos enunciados. Ela exibe um corpo masculino musculoso promovendo o uso de um produto chamado “Tayuyá de São João da Barra”, identificado como um “poderoso depurativo do sangue e antirreumático”, com a promessa de proporcionar “boa saúde, vigor e energia”, conforme o anúncio. O corpo é colocado como símbolo de saúde e força, como mostra a Figura 9 com o homem exibido no anúncio sendo representado como um ícone de força física, virilidade e vitalidade. O foco no corpo musculoso, em uma pose de exibição, remetia aos ideais de masculinidade associados à força produtiva e à disciplina corporal. O texto associa o uso do produto à obtenção de saúde e energia, subordinando o corpo a um ideal normativo, e, neste caso, a saúde é colocada como um estado de performance física, conectado ao ideal do trabalhador eficiente e do cidadão saudável.

O termo “tayuyá” está associado a uma planta medicinal de uso tradicional indígena, o qual revela a apropriação de saberes populares pela indústria farmacêutica (Machado, 2015). A tecnologia de biopoder foi instaurada em espectro amplo que incluía médicos/sanitaristas que promoviam normas de saúde; militares que defendiam a preparação física para a defesa da nação; a Igreja que moralizava os comportamentos corporais e a imprensa propagava esses ideais como modelos universais (Carvalho, 2012). A confluência de discursos marginalizava qualquer corpo ou prática que escapasse às normas instituídas. Essa coalizão disciplinar exemplifica o uso do corpo como ferramenta para atender a interesses de dominação, reforçando estruturas de poder e perpetuando desigualdades, assim, é possível afirmar que as práticas populares e os modos alternativos de vivenciar o corpo são deliberadamente interditados, apagados ou reconfigurados.

A descrição de como as aulas de educação física foram se constituindo como a sistematização das formas de jogar é um exemplo. Como pode-se observar na Figura 9, que demonstra o “Programmas de ensino organizados e mandados adoptar pelo Conselho Superior de Ensino Primario, em 1919” em Belém.

⁴⁹ A revista “A Semana: Revista Ilustrada”, foi publicado no estado do Pará entre (1919 – 1942), tendo como foco editorial conhecimentos gerais do estado e do país, esportes, poesia e literatura paraense.

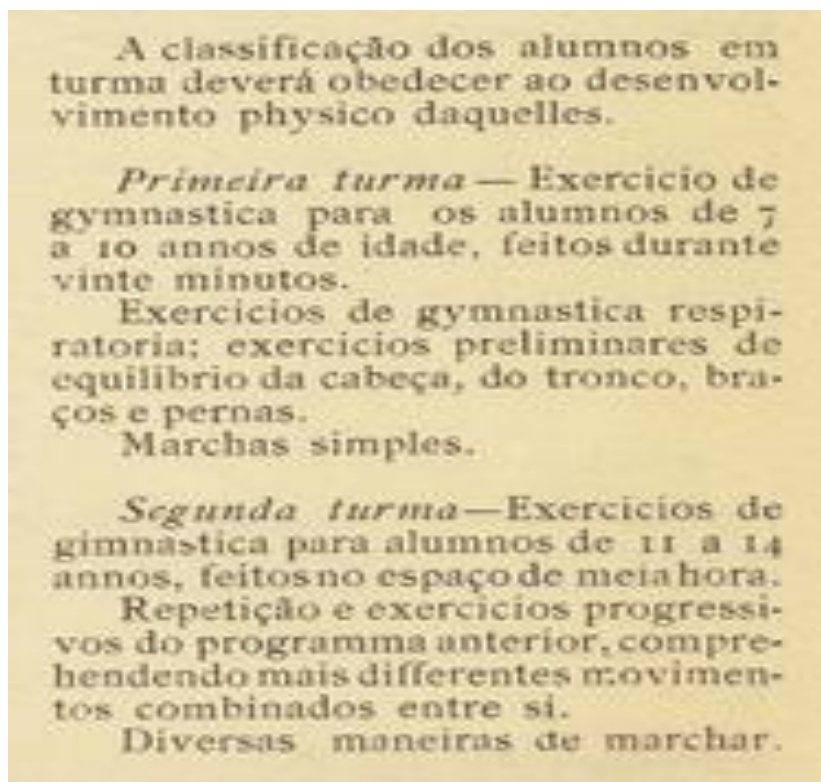


Figura 10 – Destaque jonarístico acerca dos “Programmas de ensino - Conselho Superior de Ensino Primario”, em 1919.

Fonte: Revista O ENSINO (1919).

A divisão dos alunos é proposta pelo desenvolvimento físico, ficando divididos em duas turmas, com diferença de tempos de atividade. Na primeira, exercícios de ginástica para alunos de 7 a 10 anos, com exercício de ginástica respiratória (equilíbrio da cabeça, tronco, braços e pernas) e marcha simples, ou seja, caminhada, durante 20 minutos. Nesta primeira turma, se percebe uma preocupação formativa para o conhecimento do corpo, controle do equilíbrio, atrelado a uma boa capacidade cardiorrespiratória. Essas orientações supõem preocupação com exercícios excessivos para crianças menores, sobretudo de força, enquanto, na segunda turma, exercícios de ginástica para alunos de 11 a 14 anos, durante 30 minutos.

A manutenção de todos os exercícios feitos pela primeira turma, são combinados aos exercícios de equilíbrio e ampliação das formas de marchar. Ou seja, formas de caminhar envolvendo marcha militar e corrida o que amplia a intensidade da atividade cardiorrespiratória. Percebe-se que a divisão de turmas não se baseava apenas em critérios pedagógicos ou cognitivos, mas no desenvolvimento físico dos alunos. A priorização do desenvolvimento físico como critério de classificação ignora as diversidades individuais e culturais. Assim como, reproduz uma lógica eugenista latente na época, em que corpos fora do padrão proposto eram excluídos ou inferiorizados.

A ginástica é posta como uma ferramenta de controle (Vigarello, 2003). As atividades descritas no texto, como exercícios respiratórios, de equilíbrio e marchas simples, configuram-se como formas de ginástica, transformada em um método rigoroso, com objetivos de moldar o corpo de acordo com normas predefinidas. A sistematização

da ginástica exemplifica um processo de domesticação do corpo, secundarizando o caráter lúdico e espontâneo, em outras palavras, um corpo que pode atender uma lógica de poder.

Esse controle sobre o corpo infantil não era apenas pedagógico, mas político, preparando as pessoas para atender às expectativas de uma sociedade militarizada, industrializada e disciplinar. O foco em exercícios respiratórios e no fortalecimento do corpo estava alinhado às preocupações da época com saúde pública e preparação física para a defesa nacional. O higienismo, sob o pretexto de promover a saúde, muitas vezes serviu como ferramenta para controlar corpos considerados “impróprios” ou “fracos”, não obstante, as práticas militares implícitas na educação física (como as marchas) apontam para a utilização da escola como um espaço de formação de corpos obedientes. Essa visão limita o papel da educação ao de um treinamento corporal, ignorando aspectos emocionais, criativos e culturais do movimento Pich (2014), Bracht (1996) e Da Silva e Fensterseifer (2015).

O controle sobre o corpo na escola estava frequentemente associado a discursos de moralidade. O corpo disciplinado era também um corpo moral, que se enquadrava em normas de comportamento ditadas por instituições como a igreja e o Estado. A ideia de que a educação física deveria formar “bons cidadãos” expõe o papel ideológico dessa prática, que, sob a aparência de cuidado com o corpo, servia para perpetuar normas sociais conservadoras e excludentes.

O “Programmas de ensino” de 1919 reflete um momento histórico em que o corpo era centralizado como objeto de controle por meio de enunciados que eram disseminados em revistas que chegavam com frequência às mãos dos professores de “educação física”. Sobre a revista “o ENSINO”, Santos e França (2020) analisaram a imprensa pedagógica no Pará no início do século XX, a partir das revistas pedagógicas “a escola” e a “revista do ensino” que seriam como instituições de formação. Segundo as autoras, fazia parte do projeto republicano de Belém a inclusão do corpo nas escolas reflete a instrumentalização do espaço educacional para produzir sujeitos “úteis” ao Estado e o fato de que a escola, que deveria ser um lugar de emancipação e desenvolvimento integral, se torna um campo de disciplinamento físico e mental (Santos; França, 2020). Entretanto, nem todos os discursos coincidiam, pelo contrário, como preconizado no pensamento Foucaultiano, as relações entre os saberes coexistem em uma trama de forças. Aqui lança-se mão de uma carta escrita por José Veríssimo, então diretor do Collegio Americano, ao Sr. Saraiva, diretor e proprietário do colégio Franco-brasileiro. Nela Veríssimo discute um importante debate sobre moral “cristã” e a importância da ginástica como central nas aulas de educação física, como “utilidade higiênica” (Collegio Americano, 1885):

A justíssima indignação de me ver equiparado a si pelo sr. Saraiva, fez me sair a verdade- a stricta verdade como a sua defesa o prova – mais áspera do que por ventura fora mister. A resposta foi a calúnia – a arma recomendada por D. Basílio quando não há obra do que lançar mão. [...] Felizmente somos ambos conhecidos n’esta terra, e tenho a consciência perfeitamente tranquilla sobre o julgamento do publico paraense entre nós. A calúnia que vem de lá, cae na lama donde saio; e a probidade, feita a custa de trabalho e sacrificios não está felizmente a mercê do primeiro canalha. [...] Todos os seus demais

desbragados insultos – mentiras e calumnias – recurso da impotencia – creia o sr. que não me alcançam. Estou acima d’isso, como o sr. mesmo está convencido, e eu lh’os perdoo compreendendo-os como um grito raivoso da agonia. Não só as finanças do -Franco-, como o sr. diz, que estão em lastimável estado, é tudo o mais: é um collegio morto. Mas, falemos sério. Imagine o sr. Saraiva, que eu sou calvinista ou mesmo mahometano, acredita o sr. que um pae de família catholico, sensato e de honestos sentimentos prefira, para educar seu filho, um catholico sem moral, sem caracter e sem escrúpulos, a um mahometano ou calvinista, homem de bem e de bom proceder? Não creia, sr. Saraiva.

Diz o sr. que ao cabo de dous anos eu quero mystificar – o publico, não? – com gymnastica e esgrima. O sr. é infelicíssimo aos seus ataques, como todos os desesperados. Prestes a afogar-se, o sr. entendeu pegar-se a mim para salvar-se, mas eu largo-o e o sr. vae ao fundo. Não se perde nada.

A gymnastica – cuja utilidade o sr. é o primeiro a reconhecer – como eu vou mostrar – existe no Collegio Americano perfeitamente aparelhada e funcionando regularmente desde o mês de abril do anno passado. Não é portanto, e como melhor ficará provado adiante um pretexto de mystificação. O sr. Saraiva – note o publico – atacou a gymnastica com uma citação mal compreendida de Spencer, [...]

Mas, voltando a minha aula de gymnastica da qual – os paes que o digam – temos tirado os melhores resultados para a saúde e vigor dos alunos [...] cada dia me convenço mais da sua utilidade hygiênica e da sua importância como principal agente da educação physica – e tanto assim, é que desde o anno que vem vou tornar-la obrigatória para os externos. Para completar a educação physica, tenho encomendado [...] excelentes jogos como o cricket (de collegio), o foot ball, o lown tennis e outros. (Collegio Americano, 1885).

Com esta carta, mostra-se que os discursos que vão produzindo a transformação de jogos em exercícios sistemáticos nas escolas, passa a ser adotado paulatinamente pelas escolas, defendidos por seus diretores, pais, alunos. Assim como, a referência às ginásticas e esportes que foram produzidos em países europeus e que não justamente esses exercícios transformam as formas de jogar.

Veríssimo defende a ginástica e os exercícios físicos como práticas corporais que eram justificadas pela ciência médica e pelos discursos higienistas em voga na época. A centralidade da “utilidade higiênica” na Educação Física refletia uma visão reducionista do corpo, que era visto como um objeto a ser moldado e disciplinado para se alinhar a padrões de saúde e produtividade. A carta também se insere em um contexto de tensão religiosa, onde Veríssimo ironiza a moralidade católica do Sr. Saraiva. Esse embate exemplifica como a educação, incluindo a Educação Física, era um campo de disputa moral e ideológica. A Igreja Católica, à época, buscava manter sua influência sobre a formação dos jovens. A visão de Veríssimo sobre a moralidade cristã, embora crítica, não escapa a um discurso excludente, pois associava a superioridade ética à adesão a determinados valores burgueses e comportamentos normativos.

Veríssimo tinha a ginástica e o esporte como ferramentas de civilização. Ao incorporar práticas como o cricket, o futebol e o tênis no currículo, ele demonstrava a influência de valores europeus e norte-americanos na concepção da Educação Física.

Essas atividades eram vistas como símbolos de progresso e civilização, importados para moldar uma juventude disciplinada e “moderna” (Dias, 2014).

O tom ofensivo e moralista de Veríssimo alimenta a ideia de que o controle sobre os corpos nas escolas era também uma forma de reforçar a autoridade e o prestígio de determinadas instituições e indivíduos. O que demonstra como o debate sobre a Educação Física transcendia o campo técnico ou pedagógico, envolvendo questões de poder e status. A visão de Veríssimo sobre a Educação Física reflete a preocupação das elites brasileiras do século XIX em formar cidadãos saudáveis, disciplinados e preparados para contribuir com o projeto de modernização do país. A Educação Física, nesse contexto, funcionava como uma ferramenta para reforçar desigualdades sociais, ao mesmo tempo que mascarava essas exclusões sob o pretexto de promover saúde e moralidade (Guimarães e Sousa (2016).

Veríssimo rebate as críticas de Saraiva sobre a ginástica, argumentando que ela não é uma “mystificação”, mas uma prática fundamentada em resultados observáveis de saúde e vigor. No entanto, sua carta também sinaliza uma transição de foco, incorporando os esportes como complemento à ginástica, o que marcava um movimento global na Educação Física da época. Essa tensão entre ginástica e esportes exemplifica o processo de transformação da Educação Física, que buscava se legitimar como uma área científica e pedagógica. No entanto, essa transição também refletia a influência crescente de valores competitivos e individualistas, associados ao capitalismo emergente, subjacente a isso, a normativa médica que autorizava e prescrevia formas de ser e não ser fisicamente, algo caro ao biopoder e que já tendia ser a técnica dominante das relações na primeira metade do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou como práticas discursivas e não discursivas atuaram de maneira estruturada para instituir modos de ver e educar o corpo na cidade de Belém do Pará entre o final do século XIX e o início do XX. O uso de perspectivas foucaultianas, especialmente as teorizações sobre biopolítica e biopoder, permitiu desconstruir documentos históricos que narravam o cotidiano das práticas corporais, como jornais, livros e materiais didáticos. Essa abordagem destacou a instrumentalização do corpo como alvo do poder, em um contexto marcado por entrelaçamentos entre discursos médico-higienistas, militares, religiosos e esportivos.

A análise destes artefatos permitiu afirmar que a cidade de Belém, em seu processo de modernização, investiu em práticas educativas voltadas para o corpo, refletindo uma tentativa de moldar comportamentos e construir um padrão de saúde e disciplina alinhado aos interesses da época. Ao abordar o corpo como um “monumento” histórico a ser interrogado, esta pesquisa amplia a compreensão sobre como as práticas sociais e educacionais do passado moldaram os padrões de subjetividade e corporalidade que, de certa forma, ainda ressoam atualmente.

Dispositivos continuam operando no presente sob formas renovadas, sustentando um regime biopolítico que regula, normatiza e hierarquiza os corpos. Na contemporaneidade, observa-se uma persistente instrumentalização dos discursos sobre saúde, produtividade e estética, que reforçam padrões corporais idealizados e operam como tecnologias de subjetivação. Práticas como o culto ao corpo “em forma”, a medicalização da infância e da juventude, a disseminação de aplicativos de autocontrole corporal e o uso crescente de procedimentos estéticos configuram formas atuais de governo dos corpos, agora mais vinculadas à lógica neoliberal do desempenho.

Nesse sentido, a lógica disciplinar analisada neste trabalho – e sua incidência sobre a educação do corpo – permanece ativa, ainda que sob novas linguagens e dispositivos. A educação física escolar, por exemplo, embora tenha se transformado, ainda enfrenta desafios quanto à superação de práticas normativas e padronizadas, que muitas vezes reiteram exclusões históricas. Também é possível identificar ressonâncias dessa racionalidade em políticas públicas contemporâneas, como a militarização de escolas e os programas de controle do peso corporal infantil, que reafirmam a vigilância sobre os corpos a partir de critérios técnicos e biomédicos.

Portanto, ao abordar o corpo como um artefato histórico e cultural, esta pesquisa contribui para a compreensão das formas pelas quais os dispositivos de poder continuam a moldar a experiência corporal na atualidade. A partir da perspectiva foucaultiana, mostra-se que as práticas do passado não apenas conformaram subjetividades e corporeidades historicamente localizadas, mas também projetaram matrizes de controle que seguem operando no presente, exigindo uma análise crítica e situada das intervenções educativas e sociais que se dirigem ao corpo.

Contudo, é possível uma leitura mais ampla e histórica sobre o papel da Educação Física na atualidade da escola brasileira. Se por um lado, a ginástica sueca e os jogos escolares indiretamente ainda compõem o currículo não apenas como atividades educativas, mas como tecnologias regulatórias. Se jogos ainda são didatizados e higienizados em exercícios sistematizados. Ou seja, os corpos dos estudantes ainda são regulados para o trabalho, para a obediência, para a ordem. A Educação Física ainda é um campo técnico, usado como ferramenta biopolítica.

Por outro lado, se, como afirma Fensterseifer, somos “construtores de sentido em um horizonte de sentido” (2021, p. 40), então o corpo pode ser compreendido como linguagem. Trata-se de um deslocamento que não se dá apenas no plano das ideias – ele é ético, estético, existencial e político. É a passagem de uma pedagogia da execução para uma pedagogia da escuta, de um corpo obediente para um corpo significativo. Como afirma Fensterseifer, “é preciso devolver ao conhecimento a sua condição de acontecimento simbólico” (1999, p. 43), onde a linguagem não é apenas um meio, mas o próprio lugar do mundo. Essa perspectiva exige uma reconfiguração profunda da escola. O espaço escolar, nesse novo horizonte, deixa de ser um local de transmissão de verdades para se tornar um lugar de criação de sentidos. O professor deixa de operar como executor de conteúdo para se tornar um intérprete das experiências vividas por seus alunos. O

corpo, passa a ser escutado em sua pluralidade: um corpo que sente, que se expressa, que se relaciona.

Na prática pedagógica, isso se traduz em propostas que favoreçam a expressividade corporal, o movimento como diálogo, conhecimento e cuidado de si e a escuta sensível ao contexto e às experiências prévias dos alunos. De acordo com Da Silva e Fensterseifer (2015), a Educação Física, ao adotar esse horizonte, se aproxima de uma prática formativa que respeita a pluralidade dos corpos e a complexidade das relações humanas. Ela deixa de ser o “lugar da técnica” para se tornar o lugar do acontecimento educativo. Deixamos um convite a continuarmos nos perguntando com o corpo e com o mundo.

REFERÊNCIAS

- BRACHT, V. Educação física no 1º grau: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, p. 23-28, 1996.
- CARVALHO, R. M. **Belle Époque esportiva**: A imprensa paraense como agente da popularização dos esportes no início do século XX (1900-1935). 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.
- COELHO, G. M. Na Belém da Belle Époque da borracha (1890-1910): dirigindo olhares. **Escritos: revista da Casa de Rui Barbosa**, ano 5, n. 5, p. 141-168, 2011.
- DA SILVA, S. P.; FENSTERSEIFER, P. E. Conhecimento e intervenção na Educação Física: questões ético-epistemológicas. In: **CONGRESSO Brasileiro de Ciências do Esporte**. 2015.
- DIAS, D. C. **Quem te margeia conta de ti**: educação do corpo na Belém do Grão-Pará (de 1855 à década de 1920). 2014. 484 f. Tese (Doutorado). Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2014.
- DIAS, D. C. SOARES, C. L. Entre velas, barcos e braçadas: Belém no espelho das águas (do final do século XIX à década de 1920). **Projeto História (PUCSP)**, v. 49, p. 19-49. Abr. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/19712>. Acesso em: 10 fev. 2019.
- FENSTERSEIFER, P. E. Epistemologia, crítica e formação: uma interpretação não metafísica (para os habitantes da caverna). **Epistemologia, ensino e crítica: desafios contemporâneos para a Educação Física**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, p. 31-48, 2013.
- FENSTERSEIFER, P. E. **A Educação Física na crise da Modernidade**. 1999. 194f. 1999. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In: MACHADO, Roberto (Org. e Trad.). **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2021. p. 15-40.

GOMES, J. A. M.; DA SILVA, L. C. S. Uma cidade sobre duas rodas: Ciclismo e gênero em Belém do Pará (1890-1910). **Revista Discente Oficinas de Clio**, v. 6, n. 10, p. 294-294, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/CLIO/article/view/21172>. Acesso em: 11/02/2022.

GONÇALVES, A. M. O processo de urbanização na cidade de Belém do Pará durante a Belle Époque e seus impactos. **Oficina do Historiador**, v. 15, n. 1, p. e37865-e37865, 2022.

GUIMARÃES, J. T. S.; SOUSA, M. S. A. A educação da Criança na república paraense: as propostas de José Veríssimo. **Revista Latino-Americana de História**, v. 5, n. 15, p. 11-25, 2016. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/780>. Acesso em: 10/02/2019.

MACHADO, J. R. C. A Escola de Química Industrial do Pará: ações em rede sociotécnica na Belém dos anos 1920. **Seminário Nacional de História das Ciências e Tecnologias**, v. 15, 2015.

MELO, V. A. Esporte, ginástica, educação física: as práticas corporais institucionalizadas. **Revista ComCiência**. n.157 Campinas Apr. 2014.

PICH, S. Cultura corporal de movimento. In: GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Org.). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Editora Unijuí, 2014. p. 108-111.

PINHEIRO, W. C.; ALVES, L. M. S. A. A educação da infância paraense a partir de propagandas de colégios no início do século XX. **Cáceres: UNEMAT Editora**. Vol. 5, no. 2, 2014, p. 239.

SARGES, M. de N. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)**, 3a edição. Belém, Paka-tatu, 2010.

SOARES, C. L. (Org). **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas, SP. Autores Associados: 2016.

SOARES, C. L. **Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940). Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas: Autores Associados, p. 1-45, 2016.

VIGARELLO, G. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. Université de Paris V École des Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS).

Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 25, n. 1, p. 9-20, set. 2003. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/170>. Acesso em: jan/2010.

VILLARET, S. Naturismo e educação corporal (fim do século XIX e início do século XX): uma natureza em movimento. In: SOARES, Carmen Lúcia. **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas: Autores Associados, 2016. p.69-89.

4. PRÁTICAS CORPORAIS DE EDUCAÇÃO DO CORPO: BIOPOLÍTICA E BIOPODER EM BELÉM DO PARÁ

Gabriel Paes Neto
Eduardo Pontes Vieira

Resumo:

O artigo analisa como práticas corporais, especialmente ginásticas e esportes, foram mobilizadas como dispositivos de biopoder e biopolítica na cidade de Belém do Pará entre o final do século XIX e o início do século XX, período marcado pela influência estética e cultural da Belle Époque. Com base nas teorizações arqueogenealógicas de Michel Foucault, os documentos históricos – como jornais, revistas ilustradas, campanhas publicitárias e iconografias – são tomados como monumentos discursivos que produzem modos específicos de ver, classificar e educar o corpo. As análises mostram que práticas esportivas e ginásticas foram incorporadas a projetos higienistas, moralizadores, militarizantes e produtivistas, configurando uma trama pedagógica voltada à normalização dos corpos e à formação de sujeitos saudáveis, disciplinados e úteis à lógica moderna. Ademais, o estudo mapeia tensões entre práticas corporais institucionalizadas e manifestações populares, revelando disputas discursivas que atravessaram o espaço urbano de Belém. Conclui-se que essas práticas corporais operaram como tecnologias de governo que articularam saúde, moralidade, civismo e produtividade, contribuindo para regular a vida social e o corpo da população no contexto da modernização da cidade.

Palavras-chave: corpo; práticas corporais; biopoder; educação do corpo.

Introdução

A Belle Époque em Belém do Pará foi um período compreendido entre o final do século XIX e o início do século XX, neste momento, a cidade de Belém experimentou um processo de embelezamento no qual os modos de vida europeus, especialmente o de Paris, tornaram-se ponto de referência, impactando, qualificadamente, o espaço urbano daquela época (Barros e Serra, 2018). A pesquisa empreendida busca demonstrar como

modos de ginásticas e esportes foram selecionados e montados de forma que se tornassem supostamente corretos, instrumentalizando o corpo como alvo do poder.

Para isso, analisaram-se práticas discursivas e não discursivas que instituem modos de ver e educar o corpo, nestes termos, lançando-se mão de pressupostos foucaultianos relacionados com o biopoder⁵⁰. O recorte geográfico e temporal para este estudo abrange o final do século XIX e o início do XX, período correspondente a Belle Époque na cidade de Belém.

As teorizações arqueogenealógicas de Michel Foucault orientaram as análises desenvolvidas nesta tese. Nessa perspectiva, os documentos não foram tratados como vestígios que representariam fielmente um passado a ser recuperado, mas como monumentos que devem ser desmontados e interrogados em sua materialidade, em suas condições de emergência e em seus efeitos de verdade. Em *A Arqueologia do Saber*, Foucault (2008) insiste que os arquivos não são marcas de memória ou testemunhos transparentes: eles são construções, montagens históricas atravessadas por disputas, seleções, exclusões e estratégias de poder. Assim, os materiais analisados foram examinados como artefatos que produzem modos de ver, classificar, ordenar e educar os corpos, e não como simples representações de um real anterior aos discursos.

A fim de delimitar o foco da investigação, foram formuladas questões disparadoras que orientaram a análise do material empírico, buscando conferir visibilidade às práticas discursivas e não discursivas que instituíram determinadas pedagogias do corpo em Belém do Pará entre o final do século XIX e o início do XX. O objetivo não foi reconstruir a história “real” das práticas corporais, mas compreender como certos discursos se tornaram possíveis, como se articularam a dispositivos biopolíticos e como engendraram modos específicos de condução dos corpos por meio de estratégias de regulação, controle-estimulação e normalização.

Nesse horizonte teórico, a formação discursiva foi mobilizada como operador analítico central. Conforme Foucault (2008), uma formação discursiva refere-se ao arranjo histórico de normas que define como os enunciados podem surgir, relacionar-se entre si, permanecer vigentes ou serem transformados ao longo do tempo. Tomar os

⁵⁰ Segundo Foucault (1999), a partir do século XVIII, é possível identificar uma nova estratégia de poder que se dirige ao corpo populacional, tornando o Estado a figura que substitui o monarca soberano que passa a “cuidar” da vida e estabelece o crescimento das populações como sua preocupação central. O biopoder enquanto técnica reelabora o propósito de governabilidade na medida em que objetiva a regulação da vida ao invés da imposição por meio da morte (Foucault, 1999, p. 286-287).

documentos como superfícies onde tais regras se tornam visíveis significou analisá-los não como testemunhos de fatos, mas como espaços nos quais emergem regularidades que definem o que pode ser dito, quem pode dizer, a partir de qual posição, e com quais efeitos.

As fontes analisadas neste estudo incluem documentos não oficiais, selecionados a partir de arquivos⁵¹ destinados à preservação e produção de memórias. Entre eles, destacam-se matérias jornalísticas, campanhas publicitárias, produções artísticas, além de revistas pedagógicas e de variedades que contenham enunciados relacionados às práticas corporais. A análise busca compreender os modos pelos quais discursos sobre o corpo foram construídos, disseminados e naturalizados no contexto histórico examinado.

Foram excluídos documentos cuja datação excedesse o recorte temporal; textos que não produzissem enunciados sobre práticas corporais; materiais deteriorados ou ilegíveis; e fontes normativas internas sem circulação pública, por não constituírem dispositivos de enunciação no espaço urbano.

Sobre o acesso à coleta de dados, os registros foram acessados em duas plataformas de arquivos: 1) Hemeroteca Digital Brasileira⁵²; e 2) Seção de obras raras da biblioteca pública Arthur Vianna⁵³.

A partir desse corpus, construiu-se uma unidade de enredo, compreendida como uma ferramenta metodológica que permite articular enunciados dispersos, identificando tensões, continuidades, deslocamentos e disputas que possibilitaram a emergência de determinados modos de dizer o corpo. Para fins de organização, os documentos iconográficos foram referenciados entre as Figuras 1 e 13, tratadas não como meras ilustrações, mas como enunciados visuais que também participam da produção de regimes de visibilidade e normalização dos corpos.

Os enunciados foram agrupados segundo eixos que emergiram do próprio corpus, tais como higienismo e moralização; pedagogização e escolarização dos corpos;

⁵¹ As edições históricas dos jornais citados foram consultadas no acervo digital da Hemeroteca Digital Brasileira, mantido pela Biblioteca Nacional, e da Biblioteca Arthur Vianna, que disponibilizam digitalizações em alta resolução dos periódicos da época pesquisada.

⁵² É um portal de digitalização de periódicos nacionais que possibilita uma vasta consulta, pela *internet*, a jornais, revistas, anuários e outras publicações. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁵³ É um catálogo de obras raras que reúne publicações de alto valor histórico, cultural, literário e artístico. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/espacos-culturais/sede/biblioteca-arthur-vianna>

militarização e civismo; esportivização e rendimento; e práticas populares que tensionavam esses discursos.

Importante destacar que esta tese não toma “a população”, “a juventude” ou “as elites” como totalidades homogêneas ou grupos empíricos fixos. Tais designações foram compreendidas como posições discursivas, produzidas e estabilizadas em jogos históricos específicos de saber-poder. Ou seja, não se trata de categorias sociológicas substanciais, mas de efeitos de discursos que classificam, hierarquizam, ordenam e diferenciam sujeitos e práticas.

Assim, ao assumir uma abordagem não representacional, evitou-se reconstruir uma suposta “realidade” das práticas corporais. A análise não se dedicou a verificar se os discursos correspondiam aos fatos, mas a compreender como os discursos fizeram existir certos corpos, certas práticas, certos modos de vida e certos padrões de normalidade. O foco, portanto, esteve na emergência de um dispositivo de educação do corpo, que articulou saberes médicos, pedagógicos, morais, higienistas e militares, produzindo formas específicas de subjetivação, de controle dos corpos e de governo das populações.

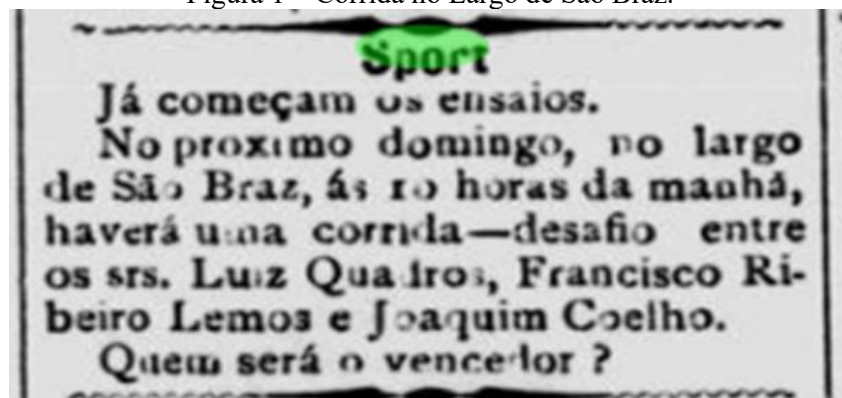
4.1 Esporte como produção lúdica-competitiva para disciplinar e moralizar corpos “fortes” e “saudáveis”

Entre o final do século XIX e início do XX⁵⁴, discursos “defendendo” (ou não) esportes e ginásticas como elementos importantes na formação de crianças e jovens, passavam a ser frequentes em Belém. Enunciados passavam a compor formações discursivas médico-higienistas, ou se referiam à moralidade do corpo, a civilidade de hábitos, produtividade, nacionalismo, entre outros. Para começar a torná-los visíveis, iniciamos com a corrida no Largo de São Braz⁵⁵, que era um espaço público, que servia como ponto de encontro para diversas atividades. A figura 1, apresentada abaixo, é um recorte de jornal de 1888 que anuncia uma corrida no Largo mencionado.

⁵⁴ Esse período coincide com a consolidação do esporte moderno em alguns países.

⁵⁵ Segundo o portal RePa, onde ficam os Estádios dos dois maiores clubes da cidade, Curuzu e Baenão, que estão separados por apenas 200 metros, sendo a segunda menor proximidade entre estádios de clubes rivais no mundo todo. Fonte: <https://www.portalrepa.com.br/p/curiosidades.html>

Figura 1 – Corrida no Largo de São Braz.



Fonte: Diário de Notícias (PA), Belém do Pará, 24 mar. 1888, p. 2.

O anúncio apresenta a introdução de práticas esportivas organizadas na cidade. Percebe-se que o incentivo à prática esportiva, a competitividade e a instalação de modalidades esportivas em Belém (Dias, 2014). O efeito incidiu em grupos de pessoas que buscavam imitar os ditos bons hábitos dos “civilizados” europeus por meio da prática de esportes por eles difundidos. O anúncio do evento no jornal legitimou o esporte como atividade “relevante” na sociedade belenense da época. Neste período, em muitos países da Europa o corpo passou a ser pensado e estimulado/educado para “novas finalidades”, Belém sobre a influência do que ocorria principalmente em Paris e Londres, passou reproduzir as mesmas práticas. Segundo Foucault (1988) a modernidade é a época de maior estímulo do corpo, seja para o seu controle social, ou para servir utilitariamente na dinâmica da produção de valor. Segundo o autor, a modernidade substituiu o “direito de morte” pelo “poder sobre a vida”, estimulando o corpo, ao mesmo tempo que regulando-o. Não apenas individualmente, porém, regulando populações, inclusive, a sexualidade.

Essa construção, contudo, não fica estacionada na episteme moderna, ela progride e instaura tecnologias de poder que alcançam seu ápice ainda na primeira metade do século XX (Foucault, 1988, 1999). Antes disso, é possível afirmar que não se tinha um discurso único sobre o “poder” educativo do esporte, ainda assim, nos parece que era consensual que o esporte era uma prática (para muitos ainda é) que envolve seus praticantes em uma dimensão lúdica-competitiva.

A pergunta “Quem será o vencedor?”, sinaliza uma transformação nas práticas corporais, que passam a incorporar valores modernos, como a busca pela vitória mediante a necessidade de sobrepujança e comparação objetiva dos resultados entre os competidores (Kunz, 1989). O papel da imprensa parece ter servido para a construção de

normas, o que pode ter tido efeito para existência da “trama pedagógica esportiva” que estamos buscando perceber em mais acontecimentos. Ao transformar uma prática comum em um “evento esportivo”, participava da construção de uma narrativa esportiva como símbolo de modernidade e progresso.

Bracht (2005) chama de esportivização⁵⁶ o processo de crescimento do esporte desde o século XIX, até hoje, que entre outros elementos, produziu a organização disciplinadora, burocrática/organizativa, a criação de clubes, seja dentro ou fora das escolas, assim como, as competições. Processo que foi se dando durante o século XIX, até os dias atuais (skate, fisiculturismo, surf, capoeira e jiu-jitsu são casos recentes, já que passaram a ter campeonatos, federações e, alguns, pleitear vagas olímpicas), não de forma linear e sim complexa e controversa. Nesse ínterim, segundo Melo (2014, p.1) o corpo passou a ser central na modernidade⁵⁷, a “Ciência, marca simbólica do novo tempo, contribui para gestar uma nova excitabilidade urbana marcada pelas noções de velocidade, mobilidade, progresso”.

Não por acaso, na narrativa de Elias e Dunning (1992) sobre o dito processo civilizador moderno experimentado em um conjunto de hábitos políticos, sociais e culturais, o esporte emergiu como um elemento central da construção de hábitos que pudessem ser identificados como mais civilizados⁵⁸, isto é, “não violentos”. No limite, a modernidade exhibe os espaços, materiais, regulamentações refinadas e técnicas esportivas como supostos símbolos de uma nova era.

O esporte, como uma criação de um tipo certo de ser, fazer, comportar-se, treinar e competir, rompeu parcialmente com a ideia e o conceito de jogo, que é mais incerto, lúdico e subjetivo (Melo, 2014; Piccolo, 2010; Bracht, 2005). No lugar do lúdico, aparece um tipo de “jogar” competitivo, organizado, rígido e uniforme (Bracht, 2005). Porém, sem abandonar a ludicidade, incorporando-a na dinâmica competitiva. No esporte, o brincar deixa de ser concebido como uma atividade espontânea, passa a ser decisivamente como um meio de ensino planejado, metódico, regulamentar, portanto, controlado, para

⁵⁶ Segundo Valter Bracht (2005), os jogos populares ingleses foram esportivizado, eles eram manifestações do folclore inglês da época. Eram vivenciados, sobretudo, pelas classes populares. Sendo assim, segundo o autor, o jogo passou por um processo de “esportivização”.

⁵⁷ Segundo Soares (2011, p. 116), a compreensão do corpo como objeto de intervenção da ciência, como máquina a ser manipulada foi ampliada.

⁵⁸ É por esta razão, que a noção de esportivização carrega não apenas a perspectiva de transformação no sentido da regulamentação e adequação de práticas de movimento para a condição esportiva, mas também, o dito “espírito civilizatório” de um tempo histórico.

garantir a internalização de valores como cooperação, disciplina e autocontrole (Agra e Costa, 2023). Vejamos mais eventos esportivos em Belém. A figura 2 é um recorte de jornal datado de 1891⁵⁹, referente a uma corrida promovida no “Jockey-Club Paraense”. Vejamos a figura 2:

Figura 2 – Corrida no Jockey Club Paraense.



Fonte: Diário de notícias (PA), Belém do Pará, 9 jul. 1891, p. 3.

Tratou-se de um evento esportivo com “objetivos filantrópicos”, realizado com o apoio do Governo estadual. Que, provavelmente, se relacionavam com estratégias de construção de *status* social para as “elites urbanas”, ou seja, percebe-se a construção de uma narrativa de sociedade dividida em pessoas da elite e fora da elite, marcada por quem tem dinheiro e poder e quem não tem. Já que o esporte é uma prática corporal distintiva entre as classes, de início, apresenta-se sobretudo como uma moda burguesa de cuidado do corpo (Bourdieu, 1978). Os eventos esportivos provavelmente eram atravessados por interesses diferentes e até conflitantes, o que inclui arrecadar recursos para a criação do Lyceu, ou seja, marcado por controvérsias. Se por um lado, a corrida é apresentada como um evento destinado à elite, enfatizando a distinção de classe e o caráter “espetacular” do

⁵⁹ De acordo com Dias e Soares (2014), ressaltamos que Belém estava em um período de grandes transformações políticas, sociais e culturais.

evento, descrito como uma “esplêndida festa sportiva”. Por outro, “esconde” o não acesso a determinados espaços de lazer e cultura, que eram (ainda são) limitados pelo *status* social, ou seja, o texto do anúncio sugere dinâmicas de poder e exclusão social. Assim, a estrutura do evento institucionalizava as relações de poder ao consolidar o papel da elite como “benfeitora” e dos setores populares como destinatários passivos da compaixão dos primeiros. Sobre isso, Bourdieu (1978) assevera que foi típico das elites a atitude de apresentar o esporte como espaço de consumo passivo para as classes populares.

Ainda sobre a figura 2, o texto remete ao conceito de “*sportmen*”, que é um discurso de criação de identidade aos praticantes de esporte. A pessoa que pratica as modalidades esportivas era denominada dessa forma. Segundo Matos (2012, p. 3) “os *sportmen* significava ser seguidor do modelo de vida baseado nos padrões europeus de defesa do discurso de progresso e civilização”. Dias (2014) aponta que esse tipo de discurso passa a ser disseminado em Belém desde o final da década de 1870, com o início de práticas da modalidade remo. A modalidade era praticada por militares e passou a ser estimulada para civis, com provas contra os primeiros.

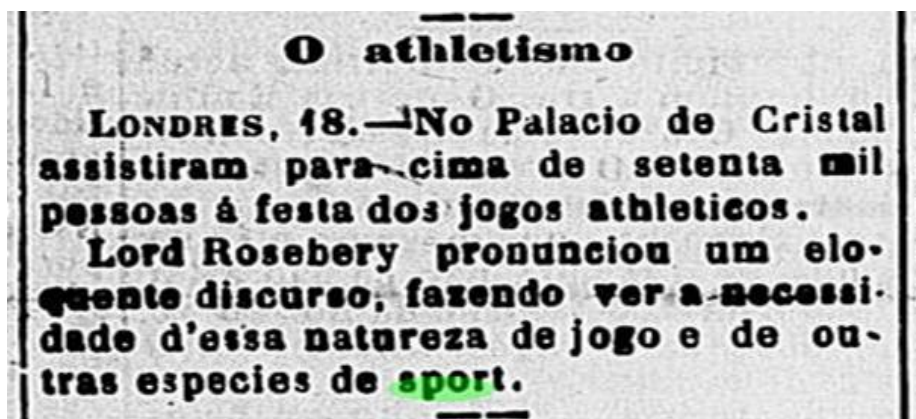
Em Belém, os esportes foram produzidos por discursos e disseminados, sobretudo, por jornais e revistas, sendo vivenciado de diferentes formas em cada clube (também em escolas). Sempre sendo instrumentalizados por algum ideal de formação e moral (Matos, 2012). Melo (2014, p. 2) pontua que “concebido como estratégia de formação; uma boa ferramenta para a preparação de corpos musculosos, bem como para a difusão desse modelo como ideal a ser perseguido”.

Vejamos outros exemplos nesse sentido, como a notícia sobre “athletismo”⁶⁰ exibida abaixo, figura 3, extraída do jornal “A República” (1886-1900), refere-se a um evento esportivo ocorrido em Londres (no Palácio de Cristal⁶¹), com participação de mais de 70 mil pessoas. Percebe-se que o esporte também era associado às elites urbanas que buscavam incorporar os valores tratados como “corretos” para o dito “progresso civilizatório”. Para isso, o texto enuncia a construção discursiva do esporte como um fenômeno dito universal e necessário. Vejamos a figura 3:

⁶⁰ O atletismo é caracterizado por ser a disputa competitiva com base nos movimentos mais elementares e primitivos do ser humano. Tal como, andar (marcha), correr (diversas corridas curtas e longas) saltar (em distância, salto triplo, salto em altura), lançar (lançamento de disco, dardo e peso).

⁶¹ O Palácio de Cristal, construído em 1851, que simbolizava o progresso técnico e cultural da Inglaterra.

Figura 3 – O “athletismo” em Belém.



Fonte: A República (PA), Belém do Pará, 22 out. 1899, p. 4.

O texto não faz qualquer reflexão sobre as exclusões implícitas no cenário urbano de Belém. A adoção do termo “*sport*”, com grafia inglesa, simboliza uma sujeição cultural britânica no campo esportivo, como se pode perceber nos dois maiores clubes esportivos de Belém, hoje em dia, “*Paysandu Sport Club*” e “*Club do Remo*. Ainda, segundo Dias (2014), quanto ao remo, é uma modalidade náutica muito praticada em Londres entre o final do século XIX e início do XX. O esporte, nesse contexto, foi produzido como uma tecnologia disciplinar que regula corpos e comportamentos. Esses discursos constituem o uso do esporte como um saber-poder que o legitima como elemento estruturante do “progresso”. Percebe-se o uso da modalidade também como espetáculo, “para o entretenimento do público”.

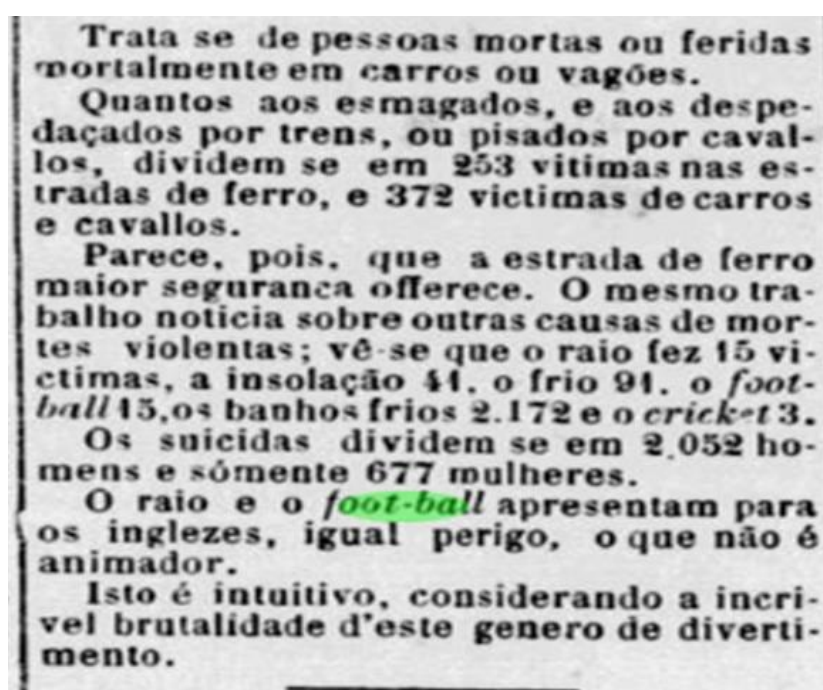
Em Belém, a discursividade “esportiva” foi sendo vinculada à produtividade médico-higienista e, assim, passou a instigar transformações na natureza, na organização, na dinâmica social/cultural e nas políticas das práticas populares de jogos⁶². Sobre as transformações do esporte e sua “utilização pedagógica”, segundo Melo (2014, p. 2) “com sua vinculação à saúde, a publicidade, que no momento também melhor se delineava, não deixou o esporte passar despercebido”.

Segundo Matos (2012), em Belém os esportes passaram a ser defendidos em discursos de cronistas em jornais e revistas, que falavam das modalidades. Segundo o autor, os discursos falavam recorrentemente sobre “o ideal de “*sportmen*”. Acontecia o incentivo da “prática de educação física entre as crianças”, por parte dos cronistas. Segundo o autor, tal ideal era produzido como um discurso moderno, mas com uma dita

⁶² O jogo relaciona-se com as necessidades lúdicas, imaginativas, de imitação e até mesmo de criação/invenção. Para Piccolo (2010), o desenvolvimento humano dependente das relações sociais e do processo de aprendizagem que lhe permite a apropriação de sua humanidade.

referência aos “jogos gregos”. Em algumas crônicas, os jornalistas realizaram analogias ao passado, mais especificamente ao culto corporal (Matos, 2012). A legitimação do esporte através de uma origem mítica e gloriosa constitui um ideário⁶³ que cria uma linha de continuidade artificial das práticas atléticas antigas (Bracht, 2005). Matos (2012) apresenta nas publicações do jornal “A Folha do Norte” e na revista “A Semana”, uma diversidade de modalidades esportivas acontecendo em Belém. Entretanto, a figura 4 elucida que nem todo mundo era a favor dos esportes, outrossim, havia campanha contra as práticas, alegando sua periculosidade, o que incluiria o *football*. Vejamos a figura 4:

Figura 4 – Esporte é uma barbárie.



Fonte: Diário de Notícias, Belém do Pará, 22 ago. 1896, p. 2.

A notícia foi publicada no jornal “Diário de Notícias”, o texto sugeriu críticas à prática esportiva, vista como uma atividade perigosa, semelhante a outros eventos que resultavam em mortes acidentais. A percepção do esporte como uma atividade violenta, incompatível com as noções de lazer seguro e civilizado é dita na frase “esporte é uma barbárie”. Para isso, fez-se a comparação do futebol com fenômenos naturais (raio, frio), o que sugeriu uma tentativa de racionalizar o perigo do esporte. O texto demonstra um regime discursivo em que o futebol é representado como uma atividade potencialmente

⁶³ Essa narrativa apaga a especificidade histórica de cada contexto e ignora as complexas relações de poder que atravessam o esporte moderno. Ao invocar o “culto ao corpo” da antiguidade, os cronistas constroem um ideal de beleza e força que se alinha ao projeto moderno de racionalização do corpo.

perigosa para a integridade física e moral. O corpo do “burguês moderno” tende a ser sensível aos excessos e descontroles, não por acaso, aquelas práticas esportivas mais ligadas a luta corporal e ao esforço físico, como é o caso do futebol e do boxe, vão ser paulatinamente incorporadas aos hábitos das classes populares (Bourdieu, 1978).

O processo de aceitação e popularização do esporte em Belém, inclusive o futebol, envolveu não apenas sua prática, mas também a disputa simbólica e discursiva sobre seus lugares e o controle do corpo (Dias, 2014). Muitos eram a favor do uso pedagógico, outros não. Segundo Dias (2014), desde a década de 1870, Belém foi sendo palco de diversos discursos em prol da prática esportiva. Os discursos esportivos passaram a interpelar a juventude urbana, produzindo expectativas de participação em práticas corporais associadas à disciplina e ao rendimento. Nesse sentido, a figura 6 apresenta um grupo de esportistas (uma equipe de futebol) em um campo. A presença de uniformes suscita ideais de organização, burocratização, ordem e controle, presentes nos esportes. Vejamos a figura 5:

Figura 5 – Equipe de futebol uniformizada.



Fonte: A Semana: Revista Ilustrada, Belém do Pará, 19 jul. 1919, p. 3.

A presença de uniformização padronizou o corpo, o comportamento, os gestos nas práticas esportivas ou através delas por meio da normatizações que passaram a normalizar movimentos, os chutes, os passes, o ideal de vitória, as regras e as indumentárias. A “burocratização do esporte” de que estabelece e se amplia em um movimento de regulamentação esportiva, com a criação de federações, regras universais e competições organizadas (Bracht, 2005).

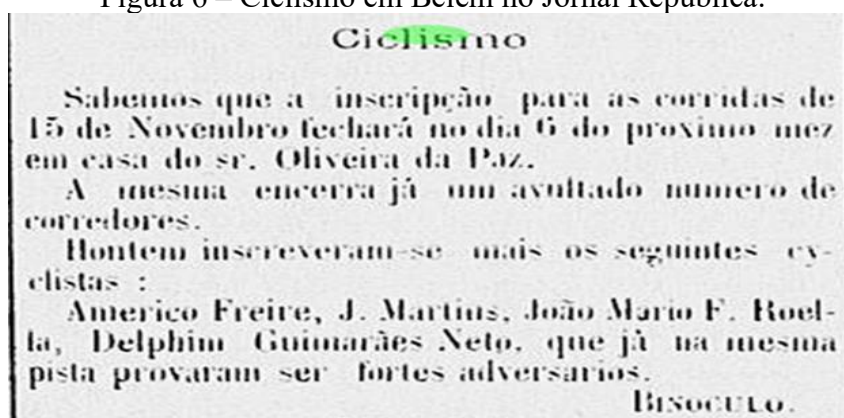
Corpos específicos, sobretudo aqueles inscritos em práticas escolarizadas, clubes e espaços de sociabilidade modernos, passaram a ser regulados por novos sentidos,

finalidades e tecnologias de poder, pois, como afirma Foucault (2021), o poder produz os corpos através dos discursos – discursos que não apenas descrevem o real, mas o fazem existir. Nesse processo, a uniformização tornou-se um recurso central para reforçar ideais de higiene, educabilidade e saúde, tanto nos clubes quanto nas escolas, funcionando como marca visível de disciplina e integração aos padrões vigentes. Como aponta Foucault (2008, p. 57), nas sociedades industriais a preservação da saúde coletiva passou a funcionar como um requisito econômico fundamental, integrando-se aos mecanismos que regulam e organizam a vida social. Assim, o corpo foi progressivamente constituído como objeto e alvo da biopolítica, sobretudo a partir da lógica produtivista que associa vitalidade, ordem e eficiência ao bom funcionamento da sociedade moderna.

4.2 Esporte e educação “physica”

O corpo passou a ser construído discursivamente como um projeto de aperfeiçoamento. Os corpos que não se adequavam aos padrões eram excluídos, controlados e ridicularizados, reforçando hierarquias sociais. A modalidade ciclismo também fez parte dos discursos considerados como boas práticas dos clubes esportivos em Belém do Pará, que direta ou indiretamente, sugeriu um tipo de corpo adequado, magro, forte, disciplinado e predominantemente masculino. Nesse sentido, trazemos a prática do ciclismo em jornais do estado do Pará, no ano de 1899. Vejamos a figura 6:

Figura 6 – Ciclismo em Belém no Jornal República.



Fonte: República (PA), Belém do Pará, 22 set. 1899, p. 1.

Mostra-se como, nesse momento, havia muitos competidores da modalidade em Belém do Pará, assim como uma organização burocrática das competições, que foram intensas na época, o que indica discursos de competitividade e disciplina. Ao final do

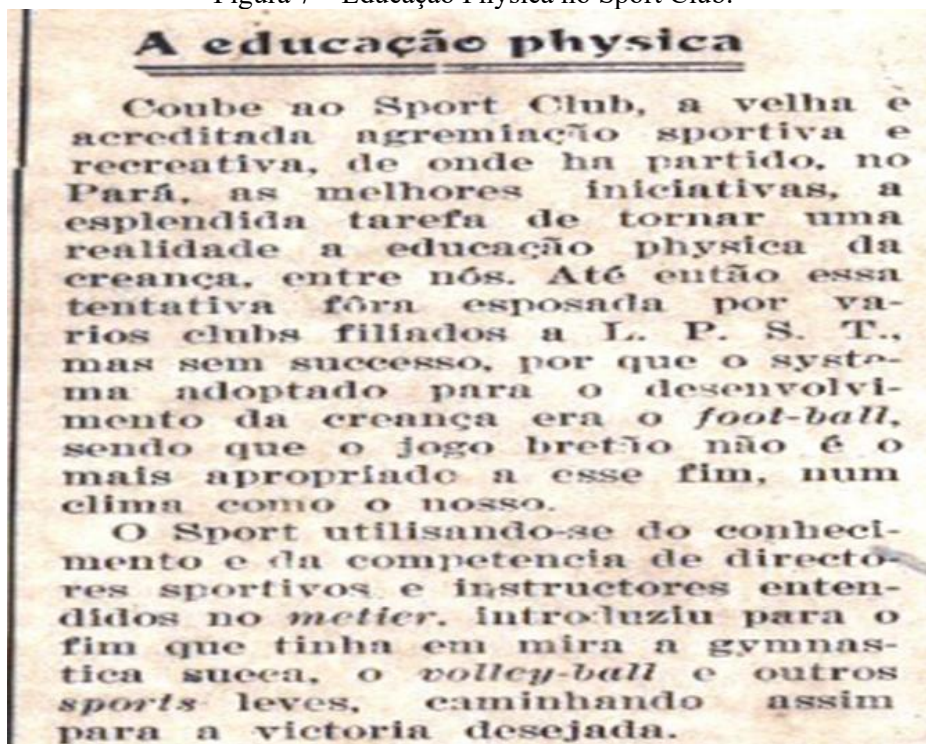
texto, é reforçada a competitividade entre os praticantes. Ou seja, o princípio da vitória era colocado como central, o que instigava a necessidade de treino com disciplina, com observância de regras, com uma lógica de competitividade. Nesse sentido, educar o corpo era também colocá-lo em jogo, em disputa com outros corpos, submetê-lo ao regime de trabalho e repouso, inscrevê-lo em complexos processos de competição. Não bastava praticar um esporte, era preciso, por meio dele controlar o corpo, torná-lo rígido, magro e forte.

O esporte passou a operar como um mecanismo de controle regulamentar sobre a juventude, articulando-se a um sistema de sujeição que valorizava o trabalho, a produtividade e a formação de corpos úteis e dóceis às exigências da modernidade (Foucault, 2013). Não se tratava apenas de repressão ou interdição, mas de um regime de controle-estimulação, no qual os indivíduos eram conduzidos a desejar e a internalizar certos modos de existir, orientados pela estética, pela eficiência e pela saúde consideradas legítimas (Foucault, 1999, 2013). Assim, a educação do corpo produzia sujeitos que, ao perseguirem esses ideais, tornavam-se simultaneamente regulados e produtivos, integrando-se aos dispositivos de poder que atravessavam a escola e a cidade.

Nesse sentido, a análise do recorte de “A Semana: Revista Ilustrada (1919)”, figura 7, revela relações complexas entre esporte, educação física e os ideais de modernização e saúde no Brasil do início do século XX. O texto aborda a tentativa de implementação da educação física para crianças através de iniciativas esportivas promovidas pelo *Sport club*⁶⁴, do Pará, destacando o papel do “futebol (foot-ball)”, “voleibol (volley-ball)” e da ginástica sueca. Tratou-se de um debate sobre competições realizadas no *Sport Club*, organizadas como eventos esportivos, mobilizando milhares de pessoas. Vejamos a figura 7:

⁶⁴ Fundado dia 25 de setembro de 1896, sua sede ficava na Estrada Nazareth, onde eram praticadas as modalidades náuticas, basquete, ciclismo e tiro. Parte de seus integrantes fundaram o grupo de Remo, atual clube do Remo. Fonte: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=124040>

Figura 7 – Educação Physica no Sport Club.



Fonte: A Semana: Revista Illustrada, Belém do Pará, jan. 1919, p. 14.

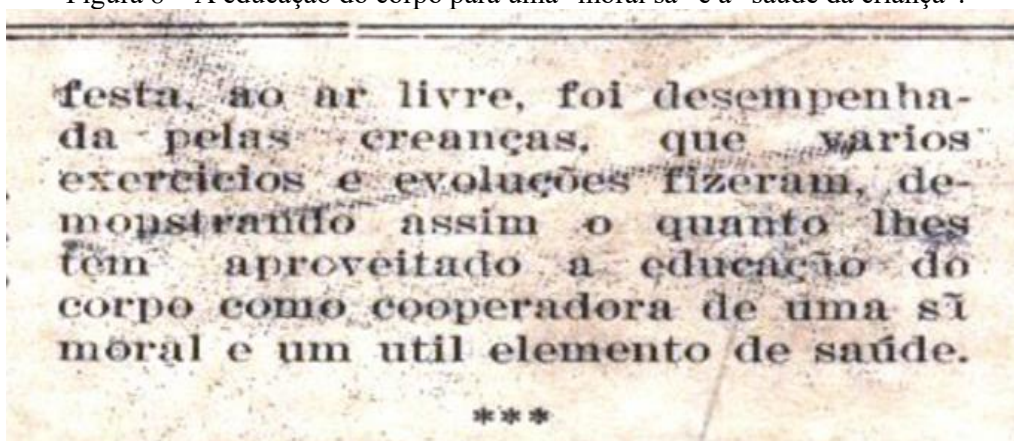
Através do esporte foram aplicados enunciados de dedicação, de esforço, de treinamento, assim como um sistema de regras que passou a envolver os praticantes e os espectadores. Como Bracht (2019) assinala, o esporte exerceu um potencial moralizador na modernidade, identificado com a ética do trabalho produtivo propagado pelo sistema de produção de mercadorias. Todavia, o texto mostra que o futebol era considerado inadequado para o desenvolvimento físico infantil em comparação a práticas mais organizadas, como a ginástica e esportes tidos como mais leves.

A ginástica sueca⁶⁵, por sua vez, era conhecida por seu caráter sistemático e disciplinador, foi amplamente difundida em escolas e clubes, enquanto o futebol ganhava espaço como o esporte das elites nos clubes. No lugar do futebol, foram apresentados, além da ginástica sueca, os esportes ditos leves, tal como o vôlei, que aparece como prática corporal adequada, notadamente em lugares de clima quente. Assim, não era qualquer prática corporal que atendia aos critérios necessários ao processo educativo. A análise da figura 8, retirada de “A Semana: Revista Ilustrada (1919)”, também remete a um discurso típico do início do século XX sobre a relação entre corpo, moral e saúde,

⁶⁵ Segundo Moreno (2014, p. 130), esse modelo de ginástica propõe que “o corpo poderia ser analisado cientificamente e daí construir movimentos precisos e adequados, formas exatas e uniformes”.

centrado na educação física como ferramenta de formação do cidadão. O trecho destaca a importância dos exercícios físicos na infância, apresentando-as como meio de construção de um corpo disciplinado e saudável. Vejamos a figura 8:

Figura 8 – A educação do corpo para uma “moral sã” e a “saúde da criança”.



Fonte: A Semana: Revista Ilustrada, v. 1, n. 44, Belém do Pará, jan. 1919, p. 14.

O texto mostra que as relações entre esporte, saúde e moralidade, estavam inseridas no contexto das políticas higienistas em Belém. Os discursos médico-higienistas supostamente visavam melhorar as condições de vida da população urbana, prevenindo doenças e promovendo a ordem social. Todavia, nos discursos higienistas e pedagógicos, a infância passou a ser construída como fase privilegiada para intervenções sobre o corpo. Nesse sentido, a educação física nas escolas passou a ser tida como uma “ferramenta” necessária. Para isso, os exercícios ao ar livre, mencionados no texto, eram considerados ideais, pois alinhavam-se aos preceitos higienistas, que valorizavam o contato com a natureza como forma de fortalecimento do organismo. Esse processo, ao mesmo tempo em que promoveram a inclusão de crianças em práticas ditas saudáveis, cria também “exclusões” – aqueles que não atingem os padrões físicos ou que não participam das atividades esportivas poderiam ser vistos como desviantes ou menos capazes.

Nesse ínterim, novos discursos foram enunciados, interagiram e por vezes se conflitavam, produzindo diversos acontecimentos em Belém e compondo a trama pedagógica ginástica/esportiva, dentre eles, os de cunho nacionalista que preconizavam as práticas de educação física como parte de um projeto nacional de fortalecimento do corpo social. Segundo Dias (2014), diversas práticas esportivas e ginásticas em Belém, foram atravessadas pelo nacionalismo, em espaços colegiais, clubes e da própria educação física escolar. Sobre esse ponto, segundo Melo (2018, p. 2), as iniciativas de

“controle urbano e de restrição a determinados comportamentos”, se relacionavam com ditas “necessidades relativas à formação de uma elite [...] de caráter nacional”.

Entre os discursos nacionalistas localizados em Belém, estavam os de José Veríssimo (1906), que defendia o higienismo como elemento de um projeto de civilidade para o povo brasileiro. Nesse projeto, o corpo deveria ser educado, moralizado, treinado e fortificado. Portanto, mudar os hábitos do povo brasileiro e sua corporeidade eram metas discutidas em sua proposta de educação nacional⁶⁶. O jogo esportivo para Veríssimo (1906), seria importante para a formação dos jovens, em prol de uma formação nacionalista, moral e supostamente saudável. É dito mais especificamente que, esses tipos de jogos (esportivos) podem ser mais adequadas para a primeira infância. Contudo, ele associa a prática de esportes ao desenvolvimento da nação, uma “vida nacional”.

4.3 Ginástica como prática de educativa para o controle-estimulação do corpo

Nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do XX em Belém a produção de discursos sobre ginásticas e esportes foram sendo produzidos, redefinidos, escolhidos, transformados, promulgados. Assim como em outras cidades, em Belém os diferentes discursos, de médicos, políticos, professores, cronistas manifestavam “[...] o desejo de tutelar a educação das juventudes, sobretudo, dos jovens mais pobres, no sentido de erradicar hábitos vistos como imorais ou perigosos e promover aqueles interpretados como salutareos ou moralmente aceitos.” (Dalben e Júnior, 2018, p. 170). Foi assim, que por essas bandas, as ginásticas⁶⁷ e os esportes, assim como os jogos, foram se tornando prioridade nos discursos médicos, pedagógicos e científicos de “educação do corpo”. De acordo com Soares (2011, p. 117), o caráter científico então afirmado na ginástica moderna⁶⁸ foi determinante para o crescimento da prática dela entre militares e civis, nas escolas e nas cidades como um todo, em grandes cidades brasileiras.

⁶⁶ José Veríssimo (1906) propôs a criação de uma educação nacional, moralista, higiênica e supostamente alinhada com a evolução do povo brasileiro. Segundo Guimarães e Sousa (2016), ele “parte do pressuposto de que a civilização e o progresso são determinados por um povo moralmente regenerado” (p. 16).

⁶⁷ Ginásticas e esportes são métodos de exercícios físicos sistematizados, organizados e com objetivos específicos. Porém, o segundo leva às últimas consequências a competitividade.

⁶⁸ Segundo Vigarello (2003), no decorrer do século XIX, as criações para a educação do corpo fizeram o movimento de cooptação das ginásticas. Para Fensterseifer (1999, p.140), a principal instrumentalização de educação do corpo, movimento e práticas corporais passou a ser os métodos de ginástica.

O corpo foi se tornando alvo do controle médico-higienista. De acordo com Soares (2011, p. 116), ginásticas populares e jogos foram transformados posteriormente em ginásticas pedagógicas e em esportes. A autora aponta que “as práticas populares tradicionais de artistas de rua, de acrobatas e funâmbulos, como espetáculos” foram parte importante para a ginástica moderna, científica, médica⁶⁹, europeizada, educável. Foram criados enunciados de diferenciação entre a ginástica racional mais vivenciada nas escolas, os esportes (inicialmente “de lazer”) mais vivenciados nos clubes e outras ginásticas praticadas ao ar livre. Em Belém não foi muito diferente.

De acordo com Galak, Zoboli e Manske (2020, p. 59), entre os séculos XVIII e XIX, o corpo humano passou a ser estudado e tratado como um sistema, uma máquina⁷⁰. A ciência médica, especificamente a anatomia, forjou e fundamentou um corpo biológico, assentou as bases para as novidades do corpo e de como educá-lo, como uma máquina. Conforme Góis Junior, Soares e Terra (2015), o corpo foi sendo repensado como máquina⁷¹, com as mudanças que foram acontecendo, tal como no campo das produções industriais e tecnológicos. O corpo passou a ser pensado como produtivo para a economia, uma máquina que precisa ser cuidada para tal finalidade. “Um corpo máquina seria limpo, mais produtivo, moralmente eficaz.” (Ibid., p. 975). No século XIX, de acordo os autores, “esses discursos sobre o corpo colaboraram para uma lenta difusão de práticas corporais presentes nos hábitos cotidianos” (Ibid., p. 976). Foi assim que discursos sobre o corpo foram produzindo realidades também em Belém⁷². Vejamos desdobramentos práticos sobre a utilização educativa da ginástica racional em Belém, figura 9.

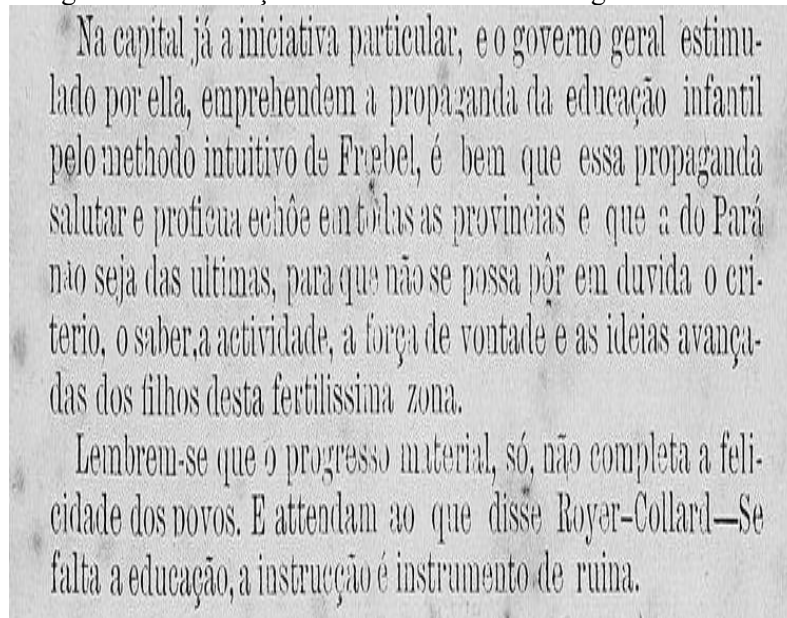
⁶⁹ Melo (2014) resume a adoção de ginásticas e esportes no Brasil (no século XIX) da seguinte forma: “Surgem as primeiras iniciativas ligadas à ginástica, posicionamentos emitidos no âmbito das instituições médicas”. Ainda segundo o autor: “Surgem os primeiros posicionamentos e iniciativas ligadas à introdução de práticas corporais em instituições educacionais. [...] Preocupações com a educação *physica*, termo ligado à higiene e saúde como um todo.”

⁷⁰ Conforme declaram Galak, Zoboli e Manske (2020), o médico francês Julien Offray de La Mettrie foi um agente que defendeu insistentemente a visão de corpo como uma máquina.

⁷¹ Segundo Góis Junior, Soares e Terra (2015,), a produção de Etienne-Jules Marey (1830-1904) colaborou para pensar o corpo nos parâmetros de uma ginástica tida como racional. Já Claude Bernard, com a proposta de medicina fundamentou uma ciência baseada em um modelo de razão para pensar o corpo “máquina”.

⁷² Sarges (2010) pontua Belém passou a sofrer as influências provenientes de Paris e Londres. Segundo a autora, a cidade vivia o auge econômico com a extração do látex, com a valorização de um período artefatos de borracha, principalmente para a produção de pneus, tendo como consequência a chegada de pessoas e mudanças estruturais na cidade.

Figura 9 - A educação da infância – Dr. Domingos D'almeida.



Fonte: Revista Amazonica, ano 1, n. 1, Belém do Pará, jan. 1883, p. 5–10.

Faz-se referência a Herbert Spencer⁷³, como um homem de notório saber sobre filosofia e educação. Que apontava que a educação deve começar no “berço”, sendo física, moral e intelectual. Tem-se aqui o discurso moral da família tradicional, no qual a mãe deve cuidar da criança. Isso é dito pelo autor do texto, assinado por “Dr. Domingos D'almeida.” A análise do texto publicado aborda a educação infantil em Belém e a promoção da ginástica racional. Apontava-se o discurso médico como orientador da formação das pessoas, remetendo à discursos de “bom cidadão de família”, “focado no trabalho” e “defensor da nação”.

Sugeria-se que a educação deveria formar o sujeito com ênfase no cuidado da saúde individual, do trabalho, da família, da pátria, da humanidade e por último as diversões e prazeres. Dr. D'almeida defendia que na educação infantil do Pará fosse adotada a sugestão de Spencer, portanto, o método intuitivo de Froebel. A “educação física” funciona como uma tecnologia de poder que visa controlar o movimento, a postura e a energia, garantindo a formação de corpos tidos como úteis e obedientes. Para isso, a educação infantil era apresentada para garantir o futuro da nação, sendo fundamental para o desenvolvimento de uma população forte e supostamente de moral íntegra.

⁷³ Dr. Domingos D'Almeida, referencia Spencer, que destacava uma educação “completa” – física, moral e intelectual – para o progresso da sociedade. Também menciona Fröbel, criador do conceito de jardim de infância, cuja pedagogia enfatizava o desenvolvimento integral por meio de atividades lúdicas e educativas.

Ainda de acordo com Soares (2011, p. 114), “o corpo torna-se constantes cuidados e as pedagogias que sobre ele incidem”. Em *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, Para Foucault (2013), o corpo passa a ocupar um lugar estratégico em sociedades organizadas pela lógica do trabalho, pois sua utilidade produtiva depende de estar inserido em mecanismos de controle e dependência – um verdadeiro sistema de sujeição que molda e dirige suas forças. O corpo também passa a ser integrado num sistema de sujeição, assim, controlado pelo estímulo ao trabalho, à produtividade, requerendo um outro tipo de disciplina, de educação e práticas cotidianas. Em vista disso, o corpo se torna alvo do poder moderno e produtor dele. Para Foucault (2013), o corpo virou alvo de poder, a partir de novas formas de exercício dele:

O grande livro do Homem-Máquina foi redigido simultaneamente em dois registos: o registo anatómico-metafísico, do qual Descartes escrevera as primeiras páginas e que foi continuado pelos médicos e pelos filósofos; e o registo técnico-político, que foi constituído por todo um conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares, e por processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo. Eram dois registos muito distintos, pois um tratava de submissão e utilização, e o outro de funcionamento e explicação: corpo útil, corpo inteligível. No entanto, entre eles, existem pontos de cruzamento. O Homem-Máquina de La Mettrie é, em simultâneo, uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro das quais reina a ideia de «docilidade», que junto o corpo analisável ao corpo manipulável. É dócil o corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. (Foucault, 2013, p. 132)

O corpo tratado como máquina para passou a ser produtivo e obediente, “científico”, passou a ser amplamente estudado e educado por diferentes áreas, mas centralmente pela medicina. As práticas discursivas produziram formas de controle do corpo, constituindo um “corpo político” (Foucault, 2013, p. 30). O corpo é produzido como objeto de submissão e aperfeiçoamento dentro desses discursos regulatórios. A figura 10 retirada da revista “A Semana: Revista Ilustrada (1920)”, destaca o jovem Cypriano Santos como símbolo da “primazia dos músculos”, assim, exemplifica o ideal de corpo forte e musculoso. Vejamos o Cypriano Santos na figura 10.

Figura 10 – a primazia dos músculos.



Fonte: A Semana: Revista Illustrada, Belém do Pará, agosto 1920, p. 31.

A exaltação do corpo forte e musculoso compôs os discursos higienistas, que associavam saúde e estética a progresso e moralidade. A ênfase nos músculos e na força física simboliza um corpo disciplinado e alinhado aos valores de ordem, controle e superioridade. Esse tipo de corpo disseminou discursos de poder, de vigor, força, beleza e adequação ao ideal moderno. A figura 10 e sua descrição posicionaram Cypriano Santos como um modelo a ser admirado e emulado, reforçando a normalização de um corpo ideal masculino, que é forte e produtivo. A exaltação do corpo atlético como “primazia” criou padrões de beleza que excluiu corpos considerados fracos, femininos ou desviantes.

Esses enunciados educaram corpos para que se tornassem saudáveis e moralizados, cumprindo as regras da “boa moral”. Para que fossem corpos ativos, saudáveis, estimulados, fortes. Uma formação para um tipo de corpo praticante de ginásticas e esportes. É nesse contexto que educar o corpo para uma moral produtiva foi

se consolidando como um dispositivo moderno, também em Belém. Por outro lado, vejamos a figura 11.

Figura 11 – O ciclista “acima do peso”.



Fonte: A Semana: Revista Ilustrada, Belém do Pará, julho 1919, p. 40.

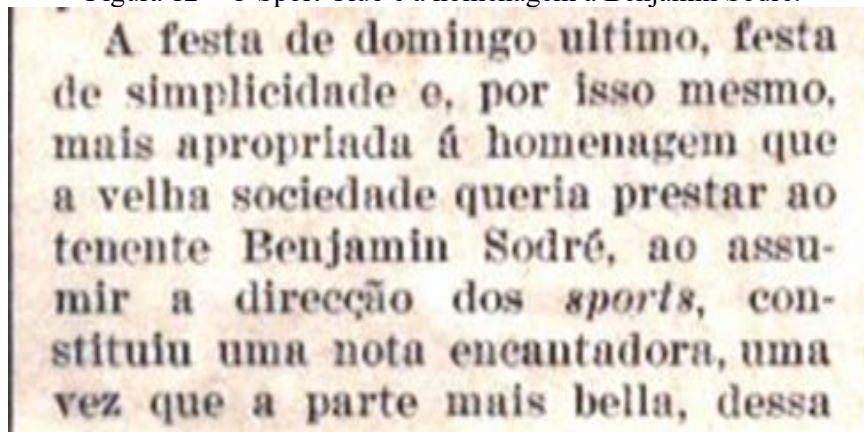
As práticas ginásticas como o ciclismo reforçaram ideais de um corpo dito como “adequado”: magro, ágil e disciplinado, características associadas a valores masculinos. A charge satiriza um ciclista “acima do peso”, sendo empurrado por uma pessoa menor e magra. Certos corpos foram construídos discursivamente como inadequados, desviantes ou ridículos, reforçando hierarquias sociais e morais.

A figura criticou a inadequação do corpo obeso em um ambiente que se valoriza a magreza e o desempenho físico. A ridicularização de corpos que fogem ao padrão ideal produziu a exclusão desses outros corpos. A prática da ginástica, neste caso o ciclismo, se tornou um espaço que reforçava hierarquias sociais, premiando aqueles que se adequam ao modelo vigente e marginalizando os que não se enquadram. O ciclista retratado na charge não era apenas um corpo gordo, mas um corpo que desafiava o ideal normativo de “corpo moderno”.

Os discursos higienistas também estavam vinculados aos discursos militares. Na matéria da revista *Ilustrada* (figura 12), aparece a reverência a militares como entusiastas/incentivadores das práticas de esportes. Nesse caso, com o tenente Benjamin

Sodré, mostra-se que a educação do corpo seria como “cooperadora de uma moral”, como um saber considerado “útil”, ligado a um saber prático, fundado na disciplina e na saúde.

Figura 12 – O Sport Club e a homenagem à Benjamin Sodré.



Fonte: A Semana: Revista Illustrada, v. 1, n. 44, Belém do Pará, janeiro 1919, p. 14.

A reverência a militares como incentivadores de práticas esportivas, particularmente ao tenente Benjamin Sodré, produziu efeitos sobre as relações entre esportes, educação moral e disciplina individual no início do século XX. Discursos importantes para que as práticas ginásticas e esportivas fossem incluídas nos currículos escolares. Esportes e ginásticas eram apresentados como extensões do treinamento militar. O texto associa a prática esportiva à construção de uma “moral”, reforçando a ideia de que o corpo disciplinado é também um corpo moralmente correto. Essa relação entre corpo e moralidade operou como um dispositivo de exclusão, marginalizando aqueles que não se adequam aos padrões estabelecidos.

A exaltação de militares como promotores do esporte e da ginástica na “Revista Illustrada” de 1919 produziu intersecções entre poder, saúde e moralidade no início do século XX, sendo a escola, um *locus* potencializador dessa discursividade. De acordo com Soares (2016, p. 33), as ingerências sobre a escola foram feitas no sentido de “conferir legitimidade a um projeto urbano de educação”. Tal como foi produzido em Belém.

Considerando que não era simples controlar o ímpeto de uma população crescente, em uma cidade complexa. Costa et al (2014) apontam que desde o século XIX, a educação física (escolar) se constituiu como um modo de intervenção médica e pedagógica. Os autores apontam para a realização de “uma reforma dos corpos, que ocorria primeiro no núcleo familiar através da educação higiênica na infância” (p. 273). A preocupação com a saúde pública estava atrelada ao crescimento de grandes cidades, tal como Belém. Os

discursos higiênicos do século XIX “ajudaram a legitimar a presença do Estado no campo da saúde pública, mas também no campo educacional” (p. 273).

Os enunciados médico-higienistas, incluído os militares, passam a reposicionar possibilidades de vivências de práticas corporais e, portanto, de formas de educação do corpo. Considerando uma Belém que passava por processos de industrialização, modernização, urbanização, que recebeu grande quantidade de imigrantes, portanto, fatos que fortaleceram e ampliaram as práticas de regulação do corpo. Assim, apontamos que a educação do física (inclusive, nas escolas), passou a compor enunciados de controle do corpo, de regulação da vida em sociedade (Foucault, 1999). O aumento de intervenções coletivas de regulação, com ênfase em um controle mais expansivo e que podemos chamar de controle biopolítico das populações (Foucault, 1999). Discursos e práticas institucionais passaram a operar no nível da população, produzindo modos específicos de governo dos corpos.

Por vezes, o discurso sobre a ginástica foi vinculado à discursos militares. No século XIX, as relações entre os meios militares e a ginástica se desdobraram em diversos acontecimentos. O que inclui o início das práticas esportivas e ginásticas em Belém, tal como aponta Dias (2014). O que se reverbera pelos discursos nacionalistas por dentro dos discursos escolares e da educação física escolar. Sobre esse ponto, segundo Melo (2018, p. 2), as iniciativas de “controle urbano e de restrição a determinados comportamentos”, aconteciam tanto no meio civil, quanto no militar, tendo como referência “o que ocorria na Europa e relacionadas às necessidades relativas à formação de uma elite [...] de caráter nacional”.

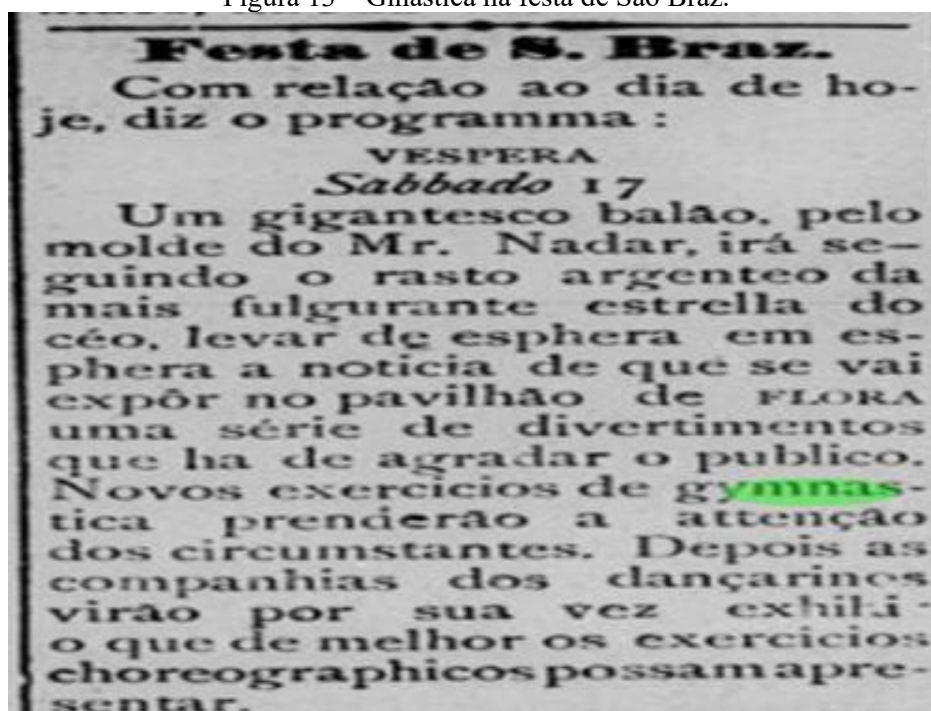
Por outro lado, ruas, as festas, as baixadas, as favelas, os rios, o igarapés e as praias jogavam? Capoeiras e Carimbós escapam às formas de controle as potências de ser, jogar, dançar, correr, pular, saltar, girar? Segundo Matos (2010, p. 71), em Belém, aconteciam muitas festas durante o século XIX. Festas das elites, com altos valores para se ter acesso, e festas de uma população empobrecida, com folguedos, danças e ginásticas populares. A autora mostra que, nesse período, “o processo de remodelação espacial de parte da cidade de Belém com pretensão urbanizadora e profilática e a influência de valores urbanos europeus nas manifestações culturais populares estiveram fortemente presentes”.

Neste momento, existia uma Belém mais elitizada, idealizada em Paris, com melhores condições de vida, controlada por códigos e vigilância ostensiva. Nessa Belém, aconteciam as festas mais autorizadas e controladas. No entanto, nas zonas populares da

cidade, frequentemente marginalizadas pelos discursos oficiais, as práticas festivas assumiam outras formas. Em contrapartida aos discursos médicos, pedagógicos, militares, de acordo com Melo (2018) e Soares (2011, p. 116), as práticas corporais oriundas dos âmbitos populares configuraram um “conjunto de saberes que também serviu de base para a Ginástica científica” e para a Educação Física escolar.

Em Belém, em 1881, como na figura 13, abaixo, ocorria a festa de São Braz, tendo como atração ginásticas populares de apresentação e danças coreografadas, também com finalidade de apresentação e de entretenimento. Vejamos a figura 13:

Figura 13 – Ginástica na festa de São Braz.



Fonte: Diário de Noticias (PA), Belém do Pará, 8 de fev. de 1881, p. 3.

Quem diria?! Os arrastões folclóricos não são “de hoje”. Mostra-se aqui que a festa de Nossa Senhora de Nazaré, em 1876, envolvia muita dança, ginástica e manifestações artísticas. Tratou-se de uma festa da própria paróquia. Diferentemente de hoje em dia, quando as manifestações ditas profanas são organizadas por grupos de arte e cultura. A análise do texto, retirada do “Diário de Notícias (1881)”, destaca a ginástica e danças coreografadas como atrações culturais e de entretenimento. A Festa de São Braz, como descrita, apresentou uma programação que misturou elementos tradicionais com práticas modernizantes, como a ginástica. A fusão de práticas religiosas e artísticas na Festa de São Braz racionalizava e moralizava os espaços e festas populares. Por meio de

manifestações artísticas como a dança e a ginástica, as elites locais controlaram e disciplinaram a participação popular nesses eventos.

Sobre as festas Nazarenas, segundo Matos (2010, p. 72), nelas houve uma valorização maior “das produções culturais em ascensão na Europa”, como o circo mais organizado e espetacularizado. Assim, os folguedos, incluindo os Nazarenos, “passam a ser normatizados, associados a manifestações ultrapassadas e a sofrerem perseguições e discriminações, prática vista em diversas festas populares no Brasil” (Ibid.).

Matos (2010, p. 73) declara que “não foram poupados esforços na tentativa de moralização das práticas religiosas e lúdicas”, sendo que o Círio era – e ainda é – um grande evento mobilizador do comércio, proporcionava grande fluxo de pessoas, mobilizava a fé e a festa. Foram necessárias mediações entre o que se pode ou não, entre a permissão ou não para as manifestações populares. Ainda para Matos (2010, p. 85) aconteceram controles ostensivos dessas festas populares, com uso da repressão e de enunciados que tornavam possível o que é certo, algumas ditas posturas e padrões corretos.

As ginásticas populares serviram de entretenimento, mas, por outro lado, foram colocadas como exóticas, que fugiam às regras e à ordem (moderna). De acordo com Soares (2011, p. 116), “as práticas populares tradicionais de artistas de rua, de acrobatas e funâmbulos, como espetáculos”, foram parte importante para a ginástica moderna, científica, europeizada, educável. Ou seja, as ginásticas populares foram reinscritas em novos discursos que as reconfiguraram como repertórios empíricos para a ginástica pedagógica moderna. Contudo, a promoção de ginástica e danças nas festas populares funciona como um dispositivo de poder, alinhado ao projeto higienista e disciplinar do final do século XIX. Esse processo foi alinhado ao biopoder, para regular a vida social por meio do controle dos corpos na sociedade belenense.

Como argumenta Foucault (2008), no contexto da sociedade industrial a saúde coletiva passa a ser tratada como um imperativo econômico, integrando os mecanismos que organizam e regulam a vida social. Nesse cenário, o corpo torna-se um elemento estratégico, permanentemente administrado e dirigido por tecnologias biopolíticas de controle. Contudo, foram desenvolvidas formas de controle distintas entre pessoas e grupos sociais. Se, para um grupo de pessoas ricas, era interessante dançar, bailar e andar pelas entrelinhas dos universos ocultos, aos seus filhos, diziam não ser adequado. À juventude, muitas vezes, era dito que festas populares ou “espetaculares” eram

perniciosas. Mais ainda, as manifestações de práticas populares (folgedos, ginásticas, danças, capoeira) em si não eram bem aceitas para discursos em torno das relações de poder em sociedades de controle e seus dispositivos. Todas essas eram ditas adequadas, em certo contexto e para propósitos diferentes, além de diferenças entre pessoas e grupos, em diferentes tempos. Entretanto, as ginásticas mais populares, nesse caso não gozavam de prestígio, enquanto “valor formativo”. Eram postas em uma outra rede de enunciados, ou seja, do espetáculo e do entretenimento.

Contudo, por fim, a escola passou a ser um *lócus* para as ginásticas pedagógicas, científicas, que eram defendidas como necessárias em discursos que tinham desdobramentos. Em meio ao fortalecimento do discurso de corpo educável pela ginástica, respaldado pela ciência, os governos adotam o higienismo como política a ser seguida, tendo a escola como *lócus*. Em Belém, os novos discursos sobre ginásticas pedagógicas, científicas, moderadas, saudáveis, higiênicas foram disseminados em atos de governos, em espaços acadêmicos e adotados em escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mapeou que as práticas corporais difundidas em Belém do Pará, entre o final do século XIX e o início do XX, não podem ser compreendidas como simples iniciativas pedagógicas ou recreativas, mas como parte de processos históricos que fizeram emergir modos específicos de conduzir, intervir e produzir corpos. A partir das contribuições foucaultianas, mostrou-se que ginásticas e esportes foram atravessados por discursos que as posicionaram como práticas legítimas para orientar condutas, regular intensidades e instaurar expectativas sobre o corpo e seus possíveis usos.

Longe de se constituírem como fenômenos neutros ou espontâneos, essas práticas foram produzidas por enunciados que circularam em jornais, revistas, instituições, clubes e espaços urbanos, compondo arranjos contingentes entre saberes médicos, higienistas, moralizadores, militares, pedagógicos e cívicos. Tais enunciados operaram na definição do que poderia ser considerado um corpo “apto”, “educável”, “saudável” ou “perigoso”, ativando mecanismos de biopoder que, ao mesmo tempo, incentivavam e regulavam movimentos, produzindo efeitos sobre hábitos, sensibilidades e modos de viver.

O conjunto de artefatos analisados permitiu mapear a constituição de uma trama na qual práticas corporais foram acionadas de maneiras distintas, muitas vezes

tensionadas ou contraditórias. Enquanto alguns discursos atribuíam ao exercício físico um papel civilizador, moralizador e formador, outros o tratavam como arriscado, perigoso ou inadequado. Essas posições divergentes indicam a inexistência de uma racionalidade única e aproximam o fenômeno de uma rede de forças que não se organiza de forma linear.

As contradições – entre exaltação e crítica, entre disciplina e perigo, entre saúde e excesso, entre práticas populares e expectativas de modernidade – mostram que o corpo foi atravessado por disputas que não se explicam por um único eixo ou intenção. O que se observa são composições móveis, instáveis, nas quais diferentes discursos se cruzam, se reforçam, se anulam ou se desviam, produzindo efeitos variados sobre modos de se mover, sentir e participar da cidade.

Desse modo, as práticas corporais ginásticas e esportivas participaram de modos específicos de governar a vida na Belém da Belle Époque, não como mecanismos homogêneos, mas como tecnologias situadas, marcadas por disputas e rearranjos contínuos. Seus efeitos não foram uniformes: produziram múltiplas possibilidades de subjetivação, normalização, diferenciação e resistência.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. C.; SERRA, H. H. a Belém da belle époque e os roteiros geo-turísticos como instrumentos de educação patrimonial. **Formação (Online)**, v. 25, n. 44, 2018.

Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/5163>.

Acesso em: 20 jan. 2024.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo. **Questões de sociologia**, p. 136-153, 1983.

BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí: Unijui, 2005.

BRACHT, V. **A educação física escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que ela pode ser** (elementos de uma teoria pedagógica da educação física). Ijuí: Unijui, 2019.

DIAS, D. C. Quem te margeia conta de ti: educação do corpo na Belém do Grão-Pará (de 1855 à década de 1920). 2014. 484 f. **Tese (Doutorado em Educação)** – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

DIAS, D. C. SOARES, C. L. Entre velas, barcos e braçadas: Belém no espelho das águas (do final do século XIX à década de 1920). **Projeto História (PUCSP)**, v. 49, p. 19-49. Abr. 2014. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/19712>. Acesso em: 10 fev. 2019.

ELIAS, N; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**: desporto e lazer no processo civilizacional. Lisboa, Difel, 1992.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 41^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. **In: Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2021.

KUNZ, E. O esporte enquanto fator determinante da educação física escolar. **Contexto & Educação**. Ijuí, RS, v. 4, n. 15, p. 63-73, jul/set, 1989.

MELO, V. A. Esporte, ginástica, educação física: as práticas corporais institucionalizadas. *ComCiência*, n. 157, abr. 2014. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n157/11.pdf>. Acesso em: 3 março 2025.

MATOS, L. S. Belém em festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré. **Tese** (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MATOS, R. **Sportmen nas redações: o jornalismo esportivo na Belle Époque**. ALCAR/UFPA, 2012. Disponível em: http://www.alcarnorte.com.br/wp-content/uploads/alcar2012_sportmen_nas_redacoes_o_jornalismo_esportivo_na_belle_epoque.pdf. Acesso em: 07/07/2021.

MORENO, A. A propósito de Ling, da ginástica sueca e da circulação de impressos em língua portuguesa. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 2, p. 128-135, mar. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/YrywjFnDPmC9dWQmzHTGckm/?lang=pt>. Acesso em: 07/07/2021.

PICCOLO, G. O jogo por uma perspectiva histórico-Cultural. **Revista Brasileira de Ciências e Esportes**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 187-202, jan. 2010. Disponível em: <https://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/297>. Acesso em: fev/2011.

VERÍSSIMO, J. **A educação nacional**. Rio de janeiro: Livraria F. Alves, 1906.

5 INSTRUÇÃO PÚBLICA E HIGIENISMO EM ESCOLAS DE BELÉM ENTRE O FINAL DO SÉCULO XIX E O INÍCIO DO XX

Gabriel Paes Neto
Eduardo Pontes Vieira

Resumo

Este artigo analisa as articulações entre instrução pública e higienismo em Belém do Pará entre o final do século XIX e o início do XX, examinando como práticas educativas e discursos médico-pedagógicos operaram como tecnologias de governo dos corpos. A partir da perspectiva arqueogenealógica de Michel Foucault, investigam-se documentos normativos, periódicos pedagógicos e artigos de imprensa, compreendidos como monumentos que compõem formações discursivas sobre corpo, saúde, infância e modernidade. Os resultados demonstram que a escola belenense constituiu-se como dispositivo biopolítico central, no qual a ginástica, os exercícios físicos e a higiene escolar atuaram como mecanismos de normalização e de produção de subjetividades disciplinadas, produtivas e moralmente ajustadas. Conclui-se que as práticas corporais escolares integraram um projeto de governamentalidade republicana que buscava modelar comportamentos, ordenar a vida urbana e gerir populações. A compreensão dessa tessitura histórica permite problematizar a permanência, na atualidade, de dispositivos de controle e exclusão inscritos no ensino da Educação Física e nas políticas de corpo na escola.

Palavras-chave: Instrução pública; Higienismo; Biopolítica; Governamentalidade; Educação Física escolar; Belém do Pará.

Introdução

O presente artigo investiga os modos de ver, regular e educar o corpo na cidade de Belém, tomando como foco a constituição da instrução pública paraense no final do século XIX e início do XX. Parte-se do pressuposto de que as práticas educativas desse período não podem ser compreendidas como neutras ou espontâneas, mas como efeitos

de um conjunto de discursos⁷⁴ que articulavam higiene, moralidade, produtividade e civilidade. Nesse sentido, busca-se compreender como determinados saberes sobre corpo e educação foram produzidos, legitimados e incorporados às práticas escolares, especialmente por meio de regulamentos, prescrições pedagógicas e enunciados que circularam em periódicos e documentos oficiais.

A análise orienta-se pelo arcabouço arqueogenealógico de Michel Foucault, mobilizando conceitos como enunciado, formação discursiva, condições de possibilidade e regimes de verdade. Os documentos não são tomados como testemunhos transparentes do passado, mas como monumentos que, ao serem montados e selecionados, expressam estratégias de produção de memória e instauram determinadas formas de ver e governar o corpo. Conforme Foucault (2008), os enunciados não se reduzem ao nível da frase ou da intenção do autor; eles pertencem a formações discursivas que delimitam aquilo que pode ser dito, pensado e praticado em uma época. Descrever tais formações – e não as interpretar – constitui o eixo metodológico deste estudo.

O corpus documental analisado abrange legislações, pareceres, planos de ensino, regimentos escolares, discursos pedagógicos e matérias jornalísticas, recolhidos em duas plataformas: a Hemeroteca Digital Brasileira e a Seção de Obras Raras da Biblioteca Pública Arthur Vianna. Esses materiais, entendidos como dispositivos de memória, permitem tornar visíveis regularidades discursivas que atravessaram o campo educacional paraense e contribuíram para a emergência de um modo específico de tratar o corpo na instrução pública. Inspirados na análise foucaultiana, descrevemos não apenas os discursos explícitos, mas também as práticas não discursivas que lhes conferiram materialidade – como normas, prescrições, rotinas e técnicas escolares.

A trama documental construída orienta a seguinte questão de pesquisa: quais condições de possibilidade permitiram a emergência de discursos sobre corpo, educação e higienismo na instrução pública paraense entre o final do século XIX e o início do XX? Busca-se, assim, descrever os arranjos discursivos e institucionais que tornaram possível a constituição de pedagogias voltadas ao corpo no contexto escolar belenense, destacando o papel de documentos como o Regulamento Geral da Instrução Pública Primária (Pará, 1890) na organização dessas práticas.

⁷⁴ Para Foucault (2008) não há distinção entre discurso e prática. Todo discurso é prática que produz algo, embora nem toda prática seja discurso.

O objetivo geral consiste em descrever e analisar as regularidades discursivas que instituíram modos de compreender e governar o corpo na instrução pública paraense, evidenciando como, nesse período, o higienismo e a racionalidade modernizadora se articularam à escola para produzir formas específicas de normatização e normalização do corpo.

Quanto aos critérios de seleção das fontes, optou-se por incluir documentos que, de alguma forma, participassem da produção, circulação e institucionalização de discursos sobre corpo, educação e higiene no âmbito da instrução pública paraense. Foram selecionados, portanto, materiais que apresentassem regularidades discursivas, tais como legislações, regulamentos escolares, pareceres, programas de ensino, artigos pedagógicos, matérias jornalísticas e textos normativos que expressassem prescrições e racionalidades atuantes no período delimitado.

Excluíram-se documentos cuja função fosse meramente descritiva ou administrativa, sem vinculação direta às práticas de fabricação do corpo escolar, bem como fontes que não possibilitassem a identificação de enunciados ou regras de formação discursiva – exigência central da abordagem arqueogenealógica. Esses critérios metodológicos estão alinhados ao próprio gesto foucaultiano de descrever as condições de existência dos discursos, priorizando materiais capazes de revelar não apenas o que foi dito, mas os modos pelos quais certos enunciados puderam emergir e adquirir autoridade nos arquivos pedagógicos e institucionais de Belém entre o final do século XIX e o início do XX.

A investigação se justifica pela necessidade de mapearmos como, no contexto da modernização urbana e institucional da Belém do final do século XIX e início do XX, constituíram-se discursos e práticas que tomaram o corpo como objeto privilegiado de intervenção pedagógica, higienista e civilizatória. Esse período é marcado por reformas educacionais e sanitárias, nas quais a escola passou a ocupar um papel estratégico na produção de sujeitos moralizados, higiênicos e ajustados a determinadas expectativas de ordem, produtividade e racionalidade moderna. Entretanto, apesar da relevância histórica desse processo, ainda são escassos os estudos que examinam, sob uma perspectiva foucaultiana, como tais discursos emergiram, foram legitimados e se materializaram em prescrições, regulamentos e práticas escolares no âmbito da instrução pública paraense.

A abordagem arqueogenealógica adotada permite deslocar leituras lineares e evolutivas da história da educação, privilegiando a descrição das condições de

possibilidade que tornaram certos discursos sobre o corpo mais aceitáveis, verdadeiros e operantes que outros. Desse modo, a pesquisa não busca reconstruir uma história contínua da instrução pública, mas mapear rupturas, descontinuidades e estratégias de poder-saber que constituíram modos específicos de governar a vida escolar. Justifica-se, assim, o interesse por documentos oficiais e não oficiais – regulamentos, planos de ensino, pareceres, artigos pedagógicos, matérias jornalísticas – entendidos como peças de um dispositivo mais amplo de normatização e normalização.

Além de seu valor historiográfico, o estudo contribui para problematizar heranças ainda presentes na educação contemporânea, em especial no que se refere à naturalização de práticas de controle, vigilância e regulação dos corpos escolares. Ao discutir os mecanismos que produziram tais racionalidades na instrução pública paraense, a pesquisa trata de processos que continuam a atravessar o campo da Educação Física escolar e das políticas de formação humana. Por fim, a relevância acadêmica também reside em tensionar a historiografia tradicional da educação ao introduzir lentes analíticas que tensionam as relações entre biopoder, pedagogias do corpo e produção de subjetividades.

5.1 Práticas educativas sobre o corpo no contexto da Instrução pública paraense entre o final do século XIX e o início do XX

Em Belém do Pará, no contexto das reformas que buscavam imprimir à cidade um caráter “moderno”, os enunciados médico-higienistas passaram a reorganizar as possibilidades de vivência das práticas corporais. Diversas formas de jogar e de se movimentar foram sendo reconfiguradas e ressignificadas à luz de discursos que valorizavam ordem, progresso e racionalidade científica. Esse movimento articulava-se às transformações urbanas, industriais e demográficas que marcaram a capital paraense, especialmente a partir da segunda metade do século XIX, período em que Belém recebeu intensos fluxos migratórios e consolidou uma dinâmica urbana que demandava novas práticas de regulação dos corpos.

Segundo Dias (2014), desde a década de 1850, impulsionada pelo ciclo da borracha e pelas iniciativas de modernização lideradas pelo intendente Antônio Lemos⁷⁵,

⁷⁵ Antônio José de Lemos, intendente de Belém entre 1897 e 1911, conduziu o projeto de remodelação urbana pautado por ideais civilizatórios inspirados na Belle Époque europeia. Suas ações incluíram obras de infraestrutura, reorganização do espaço urbano e imposição de normas de conduta pública, com apelo

a cidade experimentou profundo crescimento populacional e remodelações estruturais: abertura de ruas, construção de bairros, escolas, melhorias no saneamento e reorganização dos serviços públicos. Entre 1850 e 1900, grande parte dessas ações respondia à necessidade de combater epidemias – sobretudo a cólera – e de instituir uma nova pedagogia do corpo que, conforme afirma o autor (2014, p. 135), “inscreveria na carne marcas da modernidade”.

Nesse cenário, práticas educativas voltadas ao corpo passaram a compor um conjunto de enunciados destinados à regulação e à gestão da vida, articulando-se às transformações que caracterizam o poder moderno descrito por Foucault (1999), no qual técnicas de administração coletiva ampliam os mecanismos de controle e intervenção sobre as populações. O crescimento urbano deixou evidente a precariedade das condições de vida de uma parcela significativa dos habitantes, que residiam em moradias insalubres e constituíam a principal força de trabalho das ocupações tidas como “inferiores”. A reconfiguração do espaço urbano – demolição de casas pobres e construção de palacetes – integrou, segundo Dias (2014), um projeto que também educava os corpos, pois “as ruas transformam-se em lugares de mediações simbólicas e de troca de sociabilidades” (p. 147), produzindo novos hábitos e modos de conduta.

No âmbito escolar, Da Costa (2021) destaca que medidas higienistas passaram a ser incorporadas de modo sistemático, aproximadamente dez anos após a adoção de políticas públicas destinadas a adequar a instrução às mudanças econômicas e sociais do Estado. Além disso, a autora evidencia que um dos discursos fortemente propagados dizia respeito à necessidade de controlar e educar os filhos das mulheres escravizadas após a Lei do Ventre Livre, inserindo-os na escola para moldá-los conforme normas de conduta consideradas “corretas”. Somado a isso, conforme mostra Dias (2014), as mudanças demográficas ao longo do século XIX – intensificadas pelo impacto da Cabanagem, pela redução proporcional de pessoas escravizadas e pela chegada de imigrantes nordestinos – reconfiguraram a composição social da cidade, exigindo do Estado estratégias de governo e escolarização mais amplas.

Nesse processo, os republicanos paraenses reorganizaram a escola primária, estabelecendo requisitos mínimos de escolarização, entre os quais a inclusão da Educação Física como disciplina obrigatória nas escolas públicas (Da Costa, 2021, p. 39). Essa

higienista e disciplinador. Embora modernizadoras, tais reformas também implicaram em exclusão e normatização dos corpos. (Gonçalves, 2022)

escola, entretanto, não apenas alfabetizava: buscava ensinar formas específicas de existir e de comportar-se. De acordo com Viana (2015), a higiene passou a orientar a organização escolar, assumindo funções antes atribuídas à família e à religião, em consonância com um ideal liberal de infância. A medicina coletiva, presente em Belém, deslocava o foco do corpo individual para a população, justificando intervenções que buscavam garantir “o desenvolvimento e o progresso das nações sob sua responsabilidade” (Ibid.). Assim, o higienismo escolar articulava-se à racionalidade republicana e à modernização urbana.

Pinheiro e Alves (2014) demonstram, ao analisar propagandas de colégios, que a educação republicana belenense se apresentou como um instrumento de regeneração do povo, incumbida de inculcar princípios de higiene e moral nas disciplinas escolares. Esse entendimento é reforçado por Viana (2015), ao destacar que José Veríssimo defendia a inclusão da Educação Física nos programas escolares e recomendava normas de higiene e conduta para as escolas primárias. Para ele, a formação corporal era parte estratégica de um projeto de modernização alinhado às diretrizes de países industrializados, articulando aspectos intelectuais, físicos e morais (Ibid., p. 42).

O discurso sobre a ginástica, por sua vez, frequentemente se vinculava a práticas militares (Dias, 2014; Melo, 2018). A presença de militares como instrutores de ginástica e a associação entre exercícios físicos e disciplina refletem iniciativas de controle urbano e de restrição de comportamentos consideradas necessárias tanto no meio civil quanto no militar, inspiradas em modelos europeus que buscavam formar uma elite disciplinada e nacionalista. Soares (2011, p. 117) mostra que a ginástica, especialmente em sua versão civil-militar, contribuía para instaurar a “estética da retidão”, marcada por princípios de higiene, moralidade e postura.

Esse entrelaçamento entre ginástica e militarização aparece de modo evidente em registros jornalísticos, como no Diário de Notícias (1887), que anunciava aulas de ginástica no “Collégio Americano” – dirigido por José Veríssimo – associadas a exercícios militares ministrados por França, F. Ory e capitão Sotero. Vejamos:

Imagem 1 – Diário de notícias (PA). Ano 1887.



Fonte: <http://memoria.bn.br/>

Essa prática não apenas fortalecia o corpo, mas inculcava disciplina, obediência e comportamentos considerados desejáveis, constituindo uma pedagogia corporal afinada com os imperativos da Primeira República. A prática da ginástica⁷⁶ não era vista apenas como um meio de fortalecer o corpo, mas como um instrumento para inculcar “valores”. Ao instituir rotinas de exercícios estruturados, pautadas por comandos rígidos e pela exigência de obediência, a ginástica escolar operava como um mecanismo de controle regulamentar sobre a juventude. Conforme observa Dias (2014), a presença de militares como professores de ginástica não se relacionava apenas ao domínio técnico desses profissionais sobre determinados exercícios, mas, sobretudo, à intenção de afirmar valores morais, padrões de comportamento e preceitos higiênicos que se buscava legitimar como verdades educativas.

Nesse processo, o corpo era integrado a um sistema de sujeição que, como analisa Foucault (2013), articulava-se ao estímulo ao trabalho, à produtividade e à necessidade de formar sujeitos úteis. Tratava-se de produzir um corpo disciplinado e eficiente, comparável a uma máquina, moldado pelas novas regras de conduta impostas pela racionalidade moderna. Assim, nas escolas de Belém, os alunos eram interpelados a internalizar normas de moralidade, higiene e disciplina, incorporando-as como elementos constitutivos de sua formação e de seu modo de ser.

⁷⁶ Olhando para uma aula de ginástica sueca (imagem 7) e pensando com Vigarello (2003) e Soares (2016), nos remete que a “invenção” da ginástica “moderna”, quando redimensiona as formas de controle do corpo, que passa a ser alvo de formas educativas que pressupõem o movimento.

No editorial denominado *1892 da Revista de Educação e Ensino* (REE), conforme Viana (2015), a educação adquire um papel patriótico, no qual tanto o povo quanto os mestres são convocados a participar na construção de um projeto nacional voltado para a autonomia e independência. Nesse sentido, o autor do texto (Octavio Pires) falava da importância de se modificar a consciência da população por meio do conhecimento científico, e o professor desempenhava um papel estratégico na concretização desse objetivo.

Segundo Damasceno, Pantoja e Miranda (2021, p. 6), no texto *A doutrina do higienismo na Revista de Educação e Ensino*⁷⁷: *Octavio Pires e a higiene dos internatos*, analisando os textos publicados por Octavio Pires, os autores confirmam seu alinhamento com os ideais republicanos propagados pelo país, principalmente em relação à função da escola. Pires defendia a higiene como “meio pelo qual se poderia conseguir o desenvolvimento físico”, além de afirmar que, nesse sentido, nada era feito no estado do Pará (Ibid., p. 11). Em resumo, evidenciava a influência obtida das experiências europeias e preocupava-se com o “controle e vigilância dos infantes e adolescentes frequentadores desses estabelecimentos, demonstrando a influência decisiva dos princípios de domínio moral e a clara ingerência da corporação médica sobre os aspectos pedagógicos” (Ibid., p. 21).

Segundo A ESCOLA (1900, p. 34), em texto “DA HYGIENE ESCOLAR”: “É uma questão de actualidade o estudo da hygiene applicada ao ensino escolar. Tratava-se de uma “Revista official de ensino, fundada pelo “Director Geral da Instrucção Publica, Bacharel Virgilio Cardoso de Oliveira”, em 1900. Tinha publicação mensal e tinha como redatores “Francisco Ferreira de Vilhena Alves e Arthur Vianna. (p. 1)” Em diversos textos publicados nesta revista, há uma defesa deliberada da educação física alinhada com discursos higienistas. Nesse sentido, no contexto da virada do século XIX para o XX, havia uma forte preocupação com a moralização das camadas populares, especialmente das crianças pobres. Segundo A ESCOLA (1900, p. 35), sugere-se que a educação deveria equilibrar atividades físicas e intelectuais, refletindo preocupações que ecoariam em movimentos educacionais do século XX.

⁷⁷ Foi um periódico paraense de circulação mensal do final do século XIX. Fundado por volta de 1891, teve como um de seus fundadores e colaboradores o professor paraense José Veríssimo. Foi dirigido pelo professor Octavio Pires. (VIANA, 2015, p. 74)

Assim, a preocupação com a higiene e a educação física era uma estratégia de saúde pública, pois, Belém também enfrentava desafios como altas taxas de mortalidade infantil, epidemias, desigualdades sociais, cidades complexas etc. Segundo A ESCOLA (1900, p. 36): “Graças à iniciativa do dr. José Paes de Carvalho, governador zeloso e medico eminente, o ensino entre nós vae e deve entrar numa era de prosperidade, sendo tomada em consideração a necessidade da applicação dos preceitos hygienicos nas casas de ensino publicos.”

Também se propunha o trabalho com jogos. Segundo A ESCOLA (1902, p. 182), os jogos promovem “movimentos úteis de todo o corpo” e estimulam “exercícios de intuições”, que por sua vez se relacionam com a educação moral e social. O texto continua “Com estes jogos a creança timida adquire coragem e robustez pelo mais adequado para si; as grosseiras tornam-se mais gentis e sociaes; a rebellião e a maldade vão amoldeando-se até que desaparecem de todo.” Portanto, um discurso voltado para a domesticação dos comportamentos infantis, reforçando um ideal de docilidade e conformidade social (A Escola, 1902, p. 182).

Por sua vez, a ginástica teria papéis diferentes na produção de subjetividades e na regulação comportamental e moral. Assim, deveria ir além do mero desenvolvimento muscular, promovendo centralmente a formação moral, intelectual e social dos alunos. O texto apresenta uma crítica à ginástica realizada sob “comando militar”, afirmando que transforma as crianças em “bonecas ou fantoches autômatos”. Segundo A ESCOLA (1902, p. 182), “É o caso das crianças que executam gymnasticas com o commando militar, transformadas assim em bonecas ou fantoches automatos!” Essa passagem sugere um descontentamento com a militarização do ensino, uma prática comum no Brasil da Primeira República, quando a educação física estava diretamente vinculada à formação de cidadãos obedientes e preparados para servir à nação.

Nesse sentido, a escola não deveria apenas instruir intelectualmente, mas também moldar o corpo, o comportamento e o caráter dos alunos, garantindo que fossem indivíduos saudáveis e produtivos. Para isso, segundo A ESCOLA (1904, p. 171), (N. 47 - 29 de Fevereiro), em texto de José Veríssimo, “DA EDUCAÇÃO PHYSICA/Lição de pedagogia”. O texto sugere que práticas alternativas, como caminhadas ao ar livre, banhos de sol, natação e corrida, seriam mais eficazes para a formação física. Essa crítica reflete debates presentes no campo da fisiologia e da pedagogia no início do século XX, nos quais estudiosos defendiam que o exercício físico deveria estar mais próximo das atividades naturais do corpo, e não de treinamentos rígidos e artificiais. Contudo,

compondo uma educação positiva, especificamente sobre a higiene corporal dos alunos. Segundo A ESCOLA (1904, p. 173), “A educação directa ou positiva, essa tem por principal factores, além da theoria de hygiene, a educação dos sentidos, os exercicios physicos que comprehendem a gymnastica, os jogos chamados escolares, os exercicios militares.” A ginástica é colocada como mais adequada, segura e necessária.

As relações entre higienismo, disciplinarização do corpo e conformação do espaço de instrução são destacadas em diversos textos da revista A Escola. Por exemplo, no artigo “Da Hygiene Escolar” (A ESCOLA, 1900, p. 34), enfatiza-se a necessidade de aplicar preceitos higiênicos nas instituições públicas de ensino, o que indica uma tentativa de articular saúde pública e escolarização como forma de conter epidemias e controlar socialmente as camadas populares. Isso leva a concluir que a escola, mais do que um espaço de aprendizagem, era também um dispositivo de normalização dos corpos. Em A ESCOLA (1902, p. 182), também é possível visualizar que a modelação da conduta infantil era algo que caracterizava a prática de exercícios físicos, descritos como estratégias para transformar crianças “rebeldes” em sujeitos “gentis” e “sociais”.

Havia, contudo, formas de ginástica e de práticas corporais que circulavam em outra rede de enunciados, vinculadas ao espetáculo, ao entretenimento e às manifestações populares. Essas práticas – muitas delas realizadas nas ruas, em festas, comemorações e celebrações comunitárias – escapavam, em certa medida, ao controle normativo escolar e médico-higienista. Em Belém, como mostra Matos (2010), tais manifestações passaram a ser alvo de controles ostensivos, que envolviam tanto ações repressivas quanto a produção de discursos que definiam posturas consideradas corretas, estabelecendo fronteiras entre o aceitável e o indesejável. Nesse conjunto destacavam-se as acrobacias, a ginástica circense, a capoeira e o carimbó.

Apesar de sua relevância histórica e de comporem a base de muitas expressões corporais brasileiras, essas práticas não gozavam de prestígio no interior da escola e dos discursos pedagógicos do período. Eram frequentemente desqualificadas enquanto “valores formativos”, mesmo constituindo, como apontam Melo (2018) e Soares (2011, p. 116), parte importante do repertório corporal que alimentaria tanto a chamada ginástica científica quanto a própria Educação Física escolar. Assim, a distinção entre práticas populares e práticas legitimadas pela escola revela a operação de um sistema de hierarquização dos saberes do corpo, no qual determinados movimentos eram valorizados

como civilizadores, enquanto outros eram marginalizados ou reprimidos, compondo diferentes regimes de verdade sobre o corpo e a educação.

A Belém “moderna”, forjada sob os ideais estéticos e civilizatórios da Belle Époque, instituiu um conjunto de práticas discursivas entrelaçadas – médicas, higienistas, militares, religiosas e esportivas – organizadas pela racionalidade produtivista e pelo controle dos corpos. Nesse contexto, a cidade converteu-se em um laboratório de normatização da vida, no qual o corpo passou a ser alvo de intervenções pedagógicas, sanitárias e morais que buscavam produzir modos específicos de ser, agir e ocupar o espaço urbano. Tal cenário pode ser interpretado à luz de Michel Foucault (2008; 2013), para quem o poder moderno opera pela produção de subjetividades e pela administração da vida por meio de mecanismos disciplinares e biopolíticos.

A escola, inserida nessa racionalidade, constitui-se como um dispositivo biopolítico privilegiado, no qual se articulam técnicas de disciplinamento e de normalização voltadas à docilização e à utilidade do corpo. Foucault (2008) destaca que, na sociedade industrial, a saúde coletiva foi incorporada como um requisito econômico fundamental, o que revela a profunda interdependência entre o saber médico, as práticas de governo e as demandas de produtividade. Nesse quadro, medidas de higiene, rotinas de vigilância, normatização dos comportamentos e a própria estruturação temporal e espacial da escola passaram a integrar um amplo conjunto de intervenções políticas direcionadas à gestão dos corpos.

O corpo escolarizado, nesse sentido, é um corpo produzido – atravessado por normas, regulamentos e práticas que o inscrevem numa lógica de vigilância, rendimento e eficiência. Foucault (2013) nos ajuda a mostrar que a Educação Física, as ginásticas, os jogos, os códigos de postura e as práticas de higiene presentes nas escolas de Belém funcionaram como tecnologias de normalização. Essas práticas compunham uma micropolítica do poder sobre a vida que buscava fabricar sujeitos produtivos, obedientes e ajustados à ordem republicana da época.

5.2 “Educação physica” em escolas de Belém entre o final do século XIX e o início do XX: o “Regulamento Geral da Instrução Pública Primária (1890)”

A leitura do “Regulamento Geral da Instrução Pública Primária (1890)” sugere a produção de um dispositivo de normatização dos corpos e de regulação do cotidiano dos

estudantes de Belém. Segundo o “Regulamento Geral da Instrução Pública Primária (1890)”, os alunos deveriam ser educados a ter: “I-Noções práticas de higiene particular sobre os alimentos e vestuário, a casa, os exercícios, a distribuição do tempo de trabalho e repouso.” As escolas reforçavam a busca da construção de uma realidade ordenada, controlada e produtiva. A ênfase do regulamento na higiene particular e nos hábitos cotidianos engendrou o higienismo na organização do ensino público em Belém no final do século XIX.

A ginástica, em termos de exercício é referida da seguinte forma: “III- Exercícios físicos, marchas, saltos, movimentos a pé e outros exercícios calistênicos feitos durante o recreio e ao menos duas vezes por semana em uma seção especial de uma hora de tarde.” Portanto, a educação física devia produzir a educação do corpo por meio de ginásticas militarizadas (com ideais higienistas) nas escolas (Melo, 2018; Soares, 2011, 2016; Quitau, 2015; Dias, 2014; Moreno, 2006, 2015).

A ênfase na ginástica com características militarizadas (exercícios sistemáticos de marcha, saltos e calistenia, reforçava esse ideal disciplinar) no regulamento educacional engendra um ideal de disciplina e padronização do corpo, que deveria ser treinado regulado (Melo, 2018; Soares, 2011, 2016; Quitau, 2015; Dias, 2014; Moreno, 2006, 2015). Quanto aos exercícios de jogos “IV- Jogos e brinquedos ao ar livre”. (PARÁ, REGULAMENTO GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA PRIMÁRIA DO ESTADO DO PARÁ, 1890, p.19), é possível afirmar que em Belém, jogos e ginásticas passaram a ter um papel decisivo, pois também por eles, se educava um corpo correto, moral, educado, saudável e produtivo. A inclusão dos jogos e brinquedos ao ar livre no regulamento pode ser percebida dentro do contexto higienista.

O ensino da ginástica e dos jogos não era apenas uma questão de bem-estar, mas de formação de futuros trabalhadores capazes de suportar longas jornadas laborais (Veríssimo, 1906). Um discurso utilitarista e moralista, supostamente, evitando o ócio e a desordem. Todos os discursos acima são reforçados no Regulamento de 1899, na Seção III “Dos Grupos Escolares” no art. 85º da subseção “Da organização dos grupos” o parágrafo § Único. “O ensino de trabalhos manuais, ginástica e exercícios militares, será ministrado pelos próprios professores do grupo aos respectivos cursos” (PARÁ, REGULAMENTO DO ENSINO PRIMÁRIO, 1899, p. 24)

Quanto à Escola Normal de 1890, os discursos militares, higiênicos e pedagógicos se cruzam. As aulas de rapazes e moças eram separadas, sendo que “no 1º ano ginástica

sendo exercícios calistênicos para as alunas e exercícios militares para os alunos, no 2º ano higiene e higiene escolar e no 3º ano Método Froebel (PARÁ, REGULAMENTO DA ESCOLA NORMAL, 1890. A distinção entre os exercícios físicos para homens e mulheres na Escola Normal de 1890 mostra como a educação física era estruturada a partir de uma lógica de gênero que definia diferentes funções sociais e corporais para cada grupo. Segundo Silva (2012), Veríssimo acreditava que a mulher devia aprender, mas através de noções, [...] não poderiam aprender nada além do que um homem pudesse aprender no tocante ao ensino das ciências. Veríssimo defendia a educação da mulher, porém, de forma reduzida e controlada.

Como se pode ler no regulamento da escola normal, para “os alunos”, os exercícios militares reforçavam um ideal de virilidade, força e disciplina, preparando-os para um futuro no qual poderiam atuar como líderes, protetores da pátria e agentes da ordem social. Para “as alunas”, os exercícios calistênicos (movimentos ritmados e controlados, muitas vezes sem o uso de aparelhos) estavam associados à ideia de um corpo feminino delicado, harmônico e ajustado às expectativas de feminilidade da sociedade oitocentista. Vem da ginástica sueca a lógica de um tipo de ginástica mais “suave”, adequada às mulheres, pois não visava o desenvolvimento da força, mas à manutenção da postura e da graciosidade corporal (Baía e Moreno, 2020).

No “segundo ano”, a introdução da disciplina de “higiene e higiene escolar” era elemento central do discurso higienista na estruturação da formação docente na Escola Normal de 1890. O higienismo (Melo, 2018; Villaret, 2016; Soares, 2011; Quitzau, 2015; Viana, 2015; Dias, 2014; Moreno, 2015), sustentava que a escola deveria atuar como um espaço de intervenção sanitária, prevenindo doenças e promovendo hábitos saudáveis entre os alunos e suas famílias. O professor era parte importante nesse projeto pedagógico, responsável por garantir que os alunos adotassem hábitos corretos de alimentação, vestuário, asseio pessoal e organização do espaço escolar. No “terceiro ano”, a introdução do “Método Froebel” na formação dos professores da Escola Normal instrumentalizava o brincar e da infância. De acordo com Agra e Costa (2023), a inclusão do Método Froebel na Escola Normal de 1890 indica que o jogo e a atividade física eram reconhecidos como elementos importantes da educação infantil, mas dentro de uma lógica disciplinadora. O brincar não era concebido como uma atividade espontânea, mas sim, como um meio de ensino planejado, metódico, regulamentar, portanto, controlado, para garantir a

internalização de valores como cooperação, disciplina e autocontrole. (Agra e Costa, 2023; Veríssimo (1906).

Existiam os discursos que deliberavam o que podia ser trabalhado e o que não podia. O Regimento Interno dos Grupos escolares de 1904, de autoria do Governador do Estado Augusto Montenegro, decreto n. 1280, delibera que a capoeira (portanto, jogos, danças, lutas, elementos das culturas indígenas e afro-brasileiras) não seja trabalhada nas aulas de educação física. Segundo o documento: “os professores que presidirem os exercícios devem manter a ordem e evitar os jogos de mãos, de capoeiragem e outros que não convêm a meninos que querem educar-se” (art. 66) (PARÁ, REGIMENTO INTERNO DOS GRUPOS ESCOLARES E DAS ESCOLAS ISOLADAS, 1904, p. 440). Segundo Silva (2015), a proibição da “capoeira e de jogos de mãos” no currículo dos grupos escolares do Pará em 1904 se insere dentro de um contexto mais amplo de criminalização das práticas culturais afro-brasileiras.

A exclusão da capoeira e de outros jogos tradicionais afro-brasileiros e indígenas reforça essa tentativa de homogeneização, supostamente necessária ao progresso do país. Segundo Schwarcz (2005), discursos médicos aqui no Brasil, se produziram formas de “hierarquização das raças” e modos ditos como corretos de educação para “salvar” o Brasil da suposta “degeneração” (p. 248). Estes discursos foram pilares para discursos higienistas que foram sendo criados a partir do desenvolvimento das cidades. Segundo Schwarcz (2012, p. 48), “O Brasil de finais do XIX parecia condenado ao fracasso, tal a carga pessimista que recaía sobre a ideia de miscigenação”, tal como se pode perceber no regimento interno dos grupos escolares do Pará.

O corpo escolar deveria ser treinado dentro de padrões de disciplina e moralidade europeus, eliminando gestos, ritmos e expressões que não se encaixassem nesse modelo. O trecho do artigo 66 que determina que os professores devem “manter a ordem e evitar os jogos de mãos, de capoeiragem e outros que não convêm a meninos que querem educar-se” demonstra como a educação física era usada como um dispositivo moralizador e, nesse caso, eugenista. Segundo as teorias raciais de caráter eugenista, “não haveria futuro para um país de raças cruzadas como o nosso”, e definitivamente “degenerado”. Silva (2014) aponta que a eugenia é dita como “uma ciência que legaria a boa descendência à espécie humana” (p. 14). Segundo o autor “a Eugenia, apoiada nas teorias da Hereditariedade, versava sobre os exercícios físicos e constituía na interface com Higiene, Saneamento, Educação, etc., uma rede de relações de saber-poder (p. 14).”

O jogo de capoeira, com sua musicalidade própria e movimentos sinuosos, contrastava diretamente com a rigidez da ginástica militarizada e dos exercícios calistênicos promovidos nas escolas. A sua interdição – assim como a de outras práticas populares – evidencia que a escola republicana assumiu o papel de reguladora dos gestos, das posturas e das expressões culturais que considerava inadequadas ao ideal civilizado de corpo. O decreto de Augusto Montenegro reforça esse entendimento ao classificar a capoeira como prática incompatível com a educação formal, sugerindo que aqueles que a executassem não se enquadrariam na condição de “verdadeiramente educados”. Essa lógica de exclusão ultrapassava o espaço escolar e integrava uma estratégia mais ampla de ordenamento social.

José Veríssimo (1906) aparece, em parte da historiografia, como corresponsável pela atmosfera que sustentou tal decreto. Há indícios de que ele não se posicionou de forma contundente pela valorização das práticas corporais de matrizes indígenas, africanas e afro-brasileiras, aderindo a concepções que associavam essas culturas à indolência – ao mesmo tempo em que lhes atribuía uma suposta índole de paz e alegria. Veríssimo comungava do evolucionismo inspirado em Herbert Spencer (1820–1903), perspectiva que hierarquizava sociedades e concebia a ginástica como instrumento de “elevação” do homem rumo à civilidade. Esses ideais, baseados numa visão progressiva da história e do corpo, aproximam-se de discursos que atribuíam ao corpo moderno a função de trabalhar, render e produzir, forjando-o, por vezes, como uma máquina a serviço da ordem social e econômica.

Nesse contexto, segundo Silva (2014), ocorreram mudanças no que se tem como essência humana, isso promove uma ruptura significativa, inclusive em relação ao corpo. De acordo com Soares (2011, p. 117), o caráter científico então afirmado na ginástica foi determinante para o crescimento da prática de ginástica entre militares e civis, nas escolas e nas cidades como um todo. Em Belém, a vida passou a ser regulada por uma educação do corpo estreitamente articulada aos saberes médico-higienistas e às prescrições escolares, operando como estratégia de normalização e governo da população.

De acordo com Agra e Costa (2023), para Veríssimo (1906), a função da educação física se alinhava com o desenvolvimento do indivíduo e da nação. Sendo orientado por referenciais teóricos e práticos, tal como Spencer e Froebel. Não à toa, os novos discursos sobre ginásticas pedagógicas foram disseminados em atos de governos, em espaços acadêmicos e adotados em escolas de Belém. Para Veríssimo (1906) as aulas de ginástica

deveriam ser ministradas regularmente, sob a tutela de um professor capacitado com exercícios militares, envolvendo jogos, saltos e caminhadas. Nesse contexto, a discordância entre Veríssimo e outros agentes de poder, em Belém, dá-se basicamente quanto ao método mais adequado para a “necessária evolução do povo brasileiro”. Segundo Guimarães e Sousa (2016), para José Veríssimo, sobre “a incorporação de práticas higienistas e de exercícios físicos no currículo escolar” (p. 13). Ainda, “Veríssimo sinalizava a necessidade premente de introduzir a educação física nas escolas e principalmente nos costumes populares, não para valorizá-los, mas para corrigi-los.” (GUIMARÃES; SOUSA, 2016, p. 13)

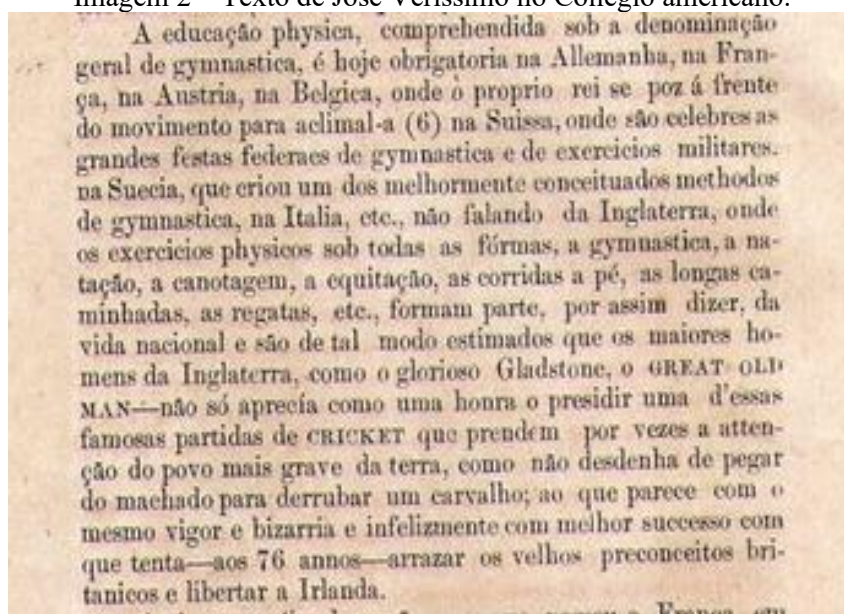
Assim, Veríssimo (1906) defendeu o higienismo como elemento de um projeto de civilidade para o povo brasileiro, afinal, ele propusera uma “educação nacional” também para o povo belenense. Nesse projeto, o corpo deveria ser educado, moralizado, treinado e fortificado. Portanto, mudar os hábitos do povo brasileiro e sua corporeidade eram metas discutidas pelo autor aqui no Pará e em sua proposta de educação nacional. Sobre essa dita evolução, segundo Guimarães e Sousa (2016), Veríssimo “parte do pressuposto de que a civilização e o progresso são determinados por um povo moralmente regenerado” (p. 16). Contudo, para Veríssimo (1906), a superação de uma suposta “moleza” da cultura brasileira, que é associada às culturas indígenas e africanas, implicaria na reconstrução da educação moral do povo brasileiro, para possibilitar a sua suposta evolução histórica. Reformar os hábitos do povo, sendo a ginástica e a escola importantes para isso.

José Veríssimo (1906) e Ruy Barbosa tinham um importante alinhamento discursivo, pensavam a suposta evolução dita como necessária ao povo brasileiro nas mesmas linhas gerais. Segundo Guimarães e Sousa (2016), “Veríssimo nutria a convicção de que a educação escolarizada poderia contribuir para o melhoramento dos homens e ajudar o país a superar o atraso cultural”. Ruy Barbosa foi um agente decisivo como difusor de uma discursividade evolucionista e suas relações com a escola. Por meio do ensino da ginástica, o que era considerado fundamental para o disciplinamento “físico e moral” das crianças, dos jovens e dos adultos. Ficando a cargo de José Veríssimo, no final do século XIX, fazer tal empreendimento nas escolas de Belém.

Para Veríssimo, a ginástica era elemento indispensável à formação da juventude, concebida como meio de forjar uma educação “nacional”, moralizada e alinhada aos padrões considerados corretos (Guimarães e Sousa, 2016). Ao mesmo tempo, o autor reconhecia que certas práticas corporais – como jogos e esportes – poderiam ser mais

apropriadas para a primeira infância (Veríssimo, 1906), indicando uma preocupação em adequar os exercícios às fases do desenvolvimento infantil. Inspirado pelos novos modos de vida que se consolidavam em alguns países europeus, Veríssimo – assim como outros agentes de poder do período – entendia que era preciso reeducar o povo brasileiro, moldando hábitos, gestos e condutas. Nesse projeto, a “educação physica” ocupava posição estratégica, sendo vista como instrumento fundamental para a conformação de sujeitos disciplinados, moralmente ajustados e integrados ao ideal republicano de modernidade. Sobre esse ponto, vejamos a imagem 2, de José Veríssimo (1886):

Imagem 2 – Texto de José Veríssimo no Collégio americano.



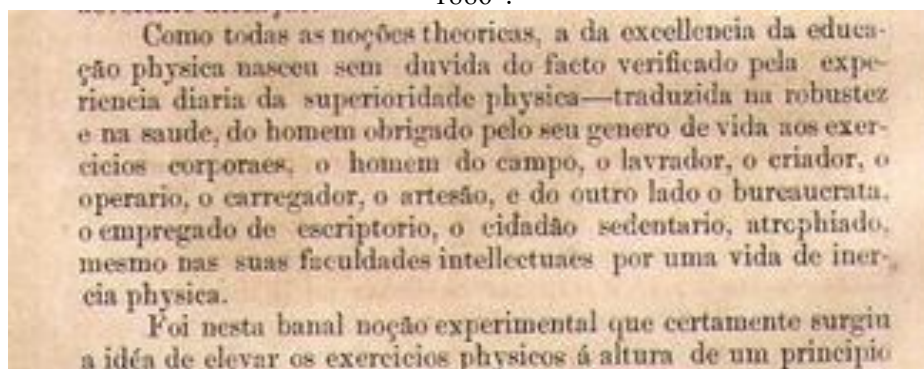
Fonte: <http://www.fcp.pa.gov.br/2016-11-24-18-22-47/noticia-geral-sobre-o-collegio-americano>.

Neste texto, Veríssimo trata dos avanços das práticas corporais (ginástica e esporte) em países europeus e de como eles deviam ser praticados pelos jovens, para que a desenvolvam na nação, uma “vida nacional”. A referência às práticas corporais “criadas” na Europa configura uma exclusão daquilo que “não seria adequado” enquanto prática corporal. Em outro ponto de destaque, é posto que a “*educação physica*” é, em si, o ideal de educação do corpo, o objetivo a ser alcançado enquanto disciplinamento dele.

Ainda no texto de Veríssimo (1886), novamente se mostra a dita relevância da prática militar de ginástica, o que supõe uma moral específica, alinhada com preceitos tidos como conservadores e bélicos. No discurso na festa de “educação physica dos alunos do colégio Colégio Americano no anno de 1886”, é dito por Veríssimo que “das melhoraes

pedagógicas mais bem provadas nos paizes de alta cultura, uma das que melhor tem vingado é a da educação physica”. Vemos a imagem 3:

Imagem 3 – “Discurso na festa de educação physica dos alunos do mesmo colégio no anno de 1886”.



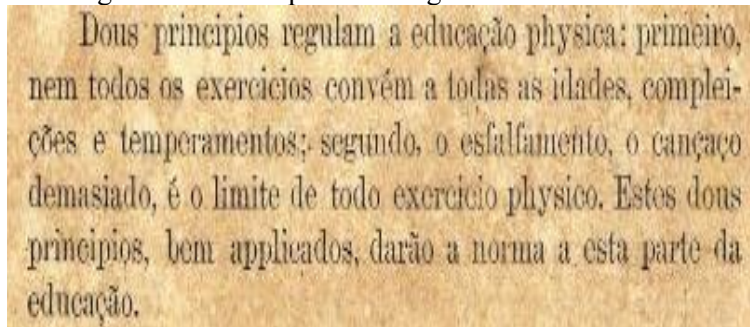
Fonte: <http://www.fcp.pa.gov.br/2016-11-24-18-22-47/noticia-geral-sobre-o-collegio-americano/>

Como se pode ver no discurso de Veríssimo (1886), para ele “a excellencia da educação physica [...] superioridade physica – traduzida na robustez e na saúde, do homem obrigado pelo seu genero de vida aos exercícios corporaes” [...] de pessoas que tem uma vida ativa. Assim, propõe “elevar os exercícios physicos” como um princípio, um fundamento. Veríssimo está a defender que os exercícios físicos sejam um princípio geral, cultural, ao povo brasileiro.

O trecho analisado apresenta uma visão da educação física baseada na oposição entre o corpo ativo e o corpo sedentário. Ao descrever o trabalhador manual como fisicamente superior, o texto reforça a relação entre “corpo ativo e moralidade”. Esse discurso foi determinante na “estruturação da educação física nas escolas” de Belém.

Segundo Santos e França (2020), em Belém consolidou-se uma perspectiva de formação orientada por um ideal de higienismo corporal. A educação escolar passou a ser concebida como instrumento central para a regeneração social, especialmente porque os discursos predominantes difundiam “a ideia de que o país vivia uma crise moral e intelectual que precisava ser combatida” (SANTOS; FRANÇA, 2020, p. 12). Assim, a escola assumia a função de corrigir hábitos, disciplinar condutas e produzir sujeitos moralmente ajustados, articulando práticas pedagógicas e higiênicas ao projeto civilizatório republicano. Para o enfrentamento de tal crise, a educação física é proposta no regulamento da instrução pública de 1890 (imagem 4), nele Veríssimo (1890) mostra que a ginástica deve ser adequada ao esforço e idade de cada aluno:

Imagem 4 – Ensino primário: regulamento escolar 1890.



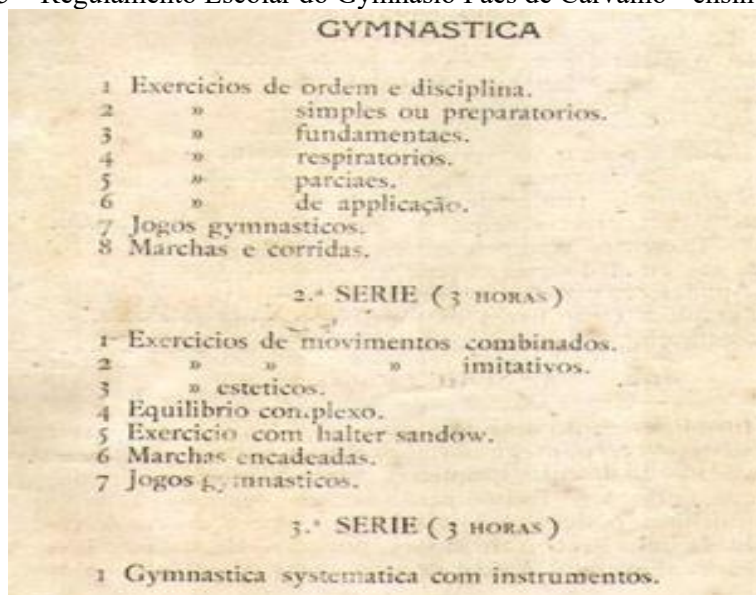
Fonte: <http://obrasraras.fcp.pa.gov.br/>

O primeiro princípio destacado por José Veríssimo (1890) afirma que “nem todos os exercícios convêm a todas as idades, complexões e temperamentos”. Tal enunciado revela uma hierarquização do corpo infantil, pois pressupõe a classificação dos alunos segundo seu desenvolvimento biológico, sua constituição física e sua capacidade para determinados esforços. Essa lógica classificatória dialoga diretamente com o discurso médico-higienista do final do século XIX e início do XX, que buscava ordenar os indivíduos conforme critérios de normalidade, robustez e aptidão física. Na prática, essa segmentação legitimava uma educação física diferenciada: crianças consideradas “fracas” ou “delicadas” deveriam receber um regime específico de exercícios, distinto daquele destinado às consideradas “fortes”, “robustas” ou “aptas ao trabalho”. Assim, a educação física operava não apenas como prática de saúde, mas como instrumento de produção de corpos úteis e funcionalizados.

O segundo princípio enunciado por Veríssimo (1890) afirma que “o esfalecimento, o cansaço demasiado, é o limite de todo exercício físico”. A preocupação expressa nesse trecho aponta para a regulação da energia corporal, buscando estabelecer limites precisos para o dispêndio de força e movimento. Esse cuidado não se restringia à saúde, mas respondia à necessidade de garantir que as crianças se exercitassem “na medida certa”, sem ultrapassar um ponto considerado prejudicial à sua futura capacidade laboral. O objetivo era formar sujeitos fisicamente aptos, vigorosos e disciplinados, mas sem excessos que comprometessem sua produtividade.

O regulamento da instrução pública de 1890, Veríssimo (1890), mostra relações entre a “medicina social” e o crescimento da educação física escolar em Belém. Vejamos outro regulamento escolar, do Gymnasio Paes de Carvalho (imagem 5), que aponta para esta relação no conteúdo programático proposto.

Imagem 5 – Regulamento Escolar do Gymnasio Paes de Carvalho - ensino primário.



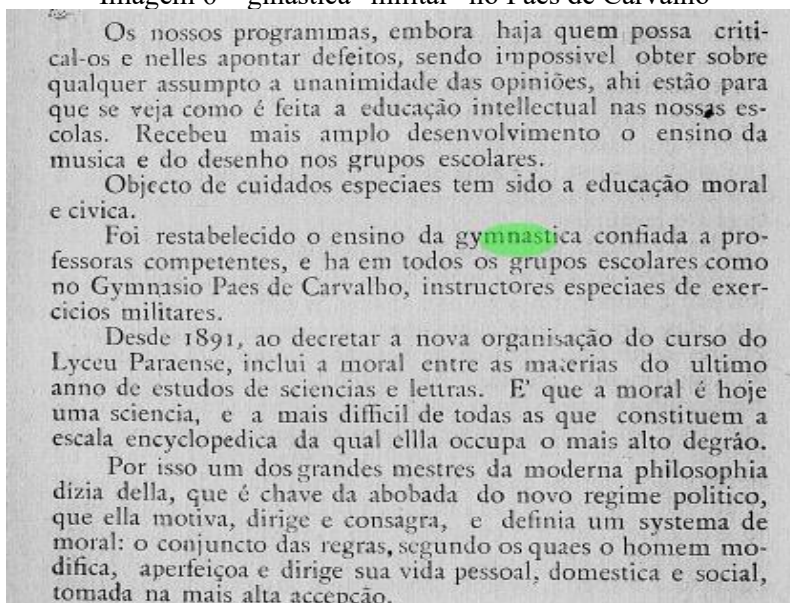
Fonte: <http://obrasraras.fcp.pa.gov.br/>

Nesse documento de orientação pedagógica destinado aos professores de “gymnastica” do ensino primário, observa-se a prescrição das práticas corporais, organizadas em exercícios ginásticos, jogos, marchas, corridas e ginástica com instrumentos. O primeiro aspecto em destaque é a ênfase na “disciplina e na ordem”, evidenciando que a ginástica era concebida como prática orientada ao controle dos gestos, das posturas e dos comportamentos dos alunos. A estruturação em “séries progressivas”, cada uma com tempo determinado de execução (“3 horas”), expressa a lógica positivista vigente, que buscava classificar, sequenciar e padronizar os saberes – incluindo aqueles relacionados ao corpo.

As atividades são organizadas em um percurso graduado, iniciando com exercícios elementares e avançando para movimentos mais complexos, o que reforça o ideal de racionalização pedagógica e de construção de um corpo treinado de forma metódica. A presença de categorias como “exercícios estéticos” e “equilíbrio complexo” aponta para uma preocupação com o desenvolvimento “harmônico e simétrico” do corpo, ideal associado à noção de corpo civilizado e, portanto, ajustado aos padrões de moralidade e eficiência da época. Além disso, o uso de “instrumentos” na ginástica evidencia a influência militar, já que muitos dos equipamentos empregados – como barras, argolas e pesos – derivavam de modelos europeus de treinamento, reforçando a intersecção entre educação física escolar, militarização e produção de sujeitos disciplinados.

Os discursos que produziam e legitimavam práticas corporalmente militarizadas podem ser identificados em diversos documentos do período. A análise da imagem 2 evidencia como a educação física foi instrumentalizada em Belém no final do século XIX e início do XX. No Gymnasio Paes de Carvalho, o modelo de ginástica adotado mobilizava explicitamente valores de disciplina, ordem e patriotismo. O texto que acompanha a imagem afirma que o ensino da ginástica estava “confiado a professores competentes” e vinculado a “exercícios militares”, reforçando a ideia de que a educação física operava como uma ferramenta de conformação cívica. Assim, esse arranjo discursivo consolidava a formação de estudantes obedientes, disciplinados e fisicamente aptos a servir à nação, alinhando a prática escolar aos ideais republicanos e nacionalistas da época. Vejamos a imagem 6.

Imagem 6 – ginástica “militar” no Paes de Carvalho



Fonte: <https://memoria.bn.br/>

A ginástica no Gymnasio Paes de Carvalho funcionou como uma tecnologia voltada à modelação de corpos e subjetividades, inserindo os estudantes em uma rede de controle social. A sua descrição como “um sistema de regras” evidencia a influência das teorias racionalistas sobre a educação física do período, nas quais o corpo é concebido como uma máquina a ser treinada, otimizada e permanentemente aperfeiçoada. Trata-se, como aponta Foucault (2013), de um corpo submetido e tornado apto, moldado por novos desejos e simultaneamente controlado por dispositivos que organizam sua eficiência e rendimento. Sob o pretexto de promover saúde, disciplina e vigor, a ginástica foi central

nas estratégias de biopoder também em Belém, operando na regulação do corpo coletivo e na produção de sujeitos ajustados às exigências da modernidade republicana.

5.3 A escolha pelo método de ginástica: Educação do corpo pautada na racionalidade científica, saudável e natural

Desde o início do século XIX, como aponta Melo (2018), a ginástica passou a ser introduzida em escolas de diversas cidades brasileiras. No final desse mesmo século, segundo Moreno (2014), sua presença tornou-se ainda mais expressiva, alcançando ampla divulgação e consolidando-se como referência para a organização das práticas corporais escolares. A autora destaca que essa ginástica produzia uma “verdade fisiológica”, baseada na ideia de que seus principais efeitos incidiam sobre os órgãos respiratórios e de que os exercícios deveriam ser executados com “perfeita liberdade” (Ibid., p. 132). Defendia-se, assim, a construção de uma saúde equilibrada, de um corpo proporcional e de um domínio consciente sobre os movimentos – elementos constitutivos de uma “cultura física”. Foi essa ginástica sueca – qualificada como “médica”, “fisiológica”, “higienista” e, simultaneamente, ainda marcada por traços de militarização – que passou a integrar o cotidiano das escolas de Belém nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX, articulando saberes da medicina, da pedagogia e da disciplina corporal na formação dos estudantes. Segundo Moreno (2015), sobre as características da ginástica sueca, expõe:

Desde então, sob diversos nomes, temos encontrado o sistema lingiano de ginástica: método sueco, ginástica sueca, método racional, ginástica racional, ginástica respiratória. As diferentes denominações, de algum modo, revelam não só a origem, mas os princípios do sistema criado por Ling que permitiram agrupar os movimentos ginásticos em lições, com um ou mais exercícios de cada grupo na ordem numerada: 1) Introdutórios; 2) Arcoflexões; 3) Movimentos de braços; 4) Movimentos de balanço; 5) Movimentos de escápula; 6) Exercícios abdominais; 7) Movimentos laterais do tronco; 8) Movimentos lentos das pernas; 9) Pulos e saltos e 10) Exercícios respiratórios. (Moreno, 2015, p. 131)

Nesse sentido, o método sueco de ginástica era apresentado como racional, científico e controlado, sendo considerado adequado a um modelo de educação do corpo pautado na racionalidade científica e na busca por um ideal de saúde “natural” e equilibrada. Para Moreno (2015), a ginástica sueca estava diretamente vinculada a uma

proposta médica legitimada como científica, cuja organização prescrevia padrões de execução, frequência e finalidade dos movimentos, sempre orientados para a educação e a saúde. Nessa perspectiva, o corpo passa a ser concebido de modo estritamente científico, de forma a produzir um ideal de movimento “correto”, educado e parametrizado – um corpo cuja funcionalidade e precisão se tornam indicadores de civilidade e modernidade. A ginástica sueca⁷⁸, era um modelo pedagógico amplamente conhecido por sua abordagem sistemática e disciplinadora, que combinava movimentos precisos com o fortalecimento fisiológico do corpo. Vejamos a imagem 7:

Imagem 7 – ginástica respiratória / sueca



Fonte: A Semana: Revista Ilustrada – 1919, v.1, n.49, março.

<http://177.74.60.161/obrasraras/a-semana-revista-illustrada-1919-v-1-n-49-marco/>

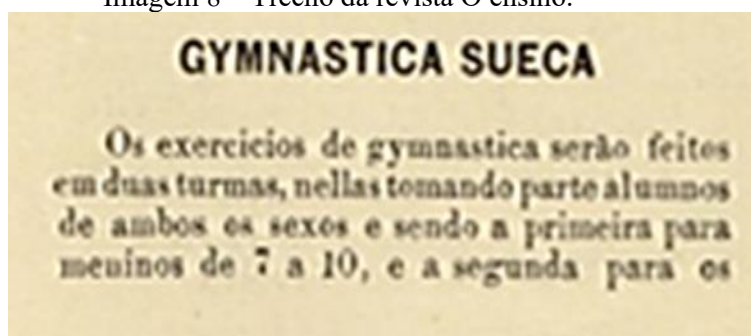
A promoção da ginástica sueca nas escolas articulava-se diretamente ao discurso higienista, que vinculava a prática sistemática de exercícios à prevenção de doenças e à

⁷⁸ A ginástica sueca, desenvolvida por Per Henrik Ling no início do século XIX, foi amplamente adotada em diversos países como parte dos sistemas educacionais. Caracterizada por movimentos organizados, sistemáticos e padronizados, ela buscava alinhar corpo e mente para promover saúde, disciplina e eficiência. No Brasil, a introdução da ginástica sueca na educação pública, especialmente em escolas femininas, refletia o alinhamento com os valores higienistas e modernizadores que permeavam o discurso pedagógico.

melhoria da saúde pública. Nesse contexto, a educação física funcionava como uma extensão do biopoder, atuando sobre os corpos infantis para garantir a vitalidade da população futura. A ênfase na respiração, na postura e na correção dos movimentos reforçava a medicalização da vida cotidiana, fazendo do cuidado corporal um imperativo de saúde, moralidade e eficiência. A uniformização das roupas e dos gestos das crianças expressava, por sua vez, um projeto de construção de um corpo coletivo homogêneo, ajustado às normas de higiene e comportamento definidas pelas elites, e profundamente integrado às estratégias de normalização próprias da modernidade republicana.

Mostra-se a imagem 8, da revista *O ensino*⁷⁹, em uma proposta de ginástica sueca. Propôs-se um tipo de sujeito disposto ao trabalho, a certos padrões morais. Diz-se que para a turma de alunos com idade de 7 a 10 anos: “Exercício de gymnástica respiratória: equilíbrio da cabeça, do tronco, braços e pernas. Marchas simples”. Para a turma de alunos entre 11 e 14 anos: “Repetição e exercícios progressivos do programma anterior, compreendendo mais diferentes movimentos combinados entre si. Diversas maneiras de marchar”.

Imagem 8 – Trecho da revista *O ensino*.



Fonte: <http://www.fcp.pa.gov.br/2016-12-13-19-40-20/o-ensino-revista-mensal-de-pedagogia-literatura-artes-e-officios-1918-1919-belem-officinas-instituto-lauro-sodre-453-p>.

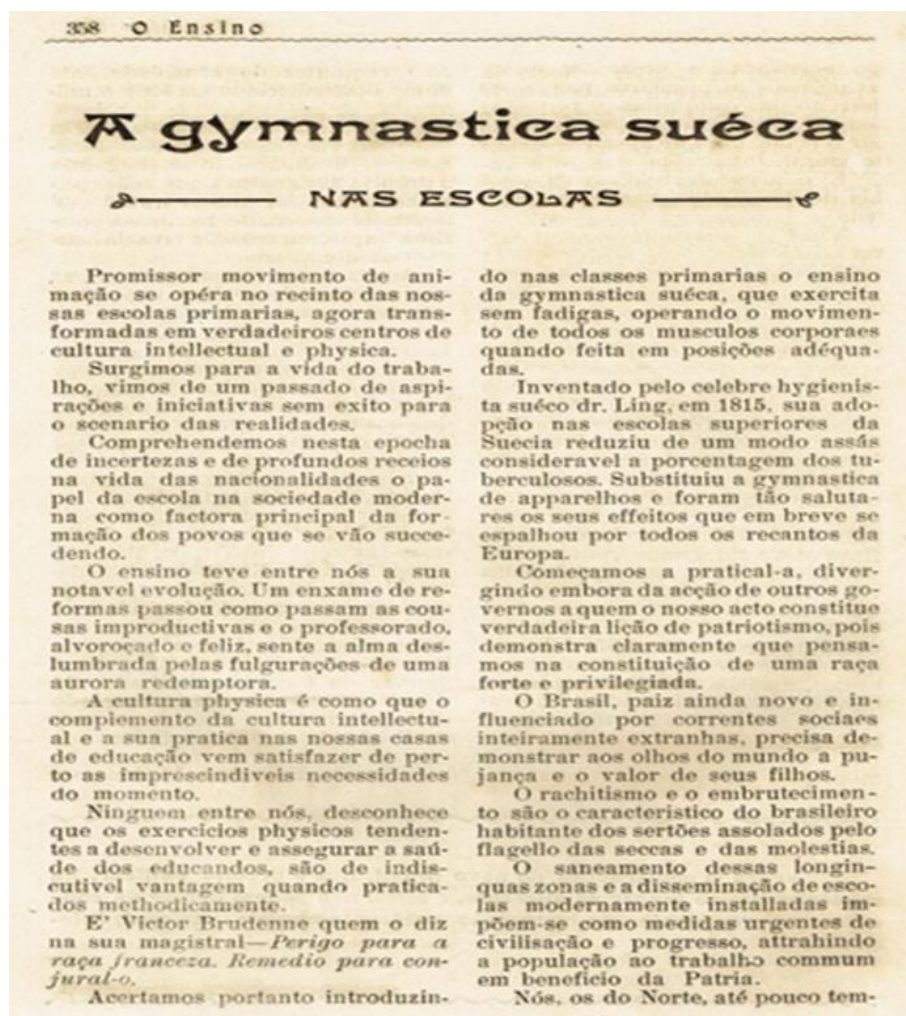
A proposta de ginástica sueca apresentada na revista *O Ensino* não visava apenas ao desenvolvimento físico dos alunos, mas à formação de um corpo disciplinado, produtivo e moralmente ajustado aos padrões sociais vigentes. Baseada na ideia de que o corpo deveria ser educado gradualmente, por meio de movimentos sistemáticos e progressivos, essa ginástica defendia um desenvolvimento equilibrado e controlado, coerente com os ideais higienistas e racionalistas do período.

⁷⁹ Trata-se de uma revista de educação e ensino que apresenta conteúdos relacionados à higiene escolar, educação física, ciências, assuntos gramaticais, literatura, instrução pública, lyceu paraense, curso integral de letras e ciências. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/176513>.

O texto organiza os exercícios segundo faixas etárias, evidenciando uma pedagogia corporal diferenciada: para alunos de 7 a 10 anos, o foco recaía sobre “exercícios respiratórios, equilíbrio e marchas simples”; para aqueles entre 11 e 14 anos, previa-se a repetição dos exercícios anteriores, acompanhada da introdução de “movimentos combinados e diferentes maneiras de marchar”. Essa estruturação por etapas reforça a concepção de um corpo a ser moldado de forma metódica, obedecendo a princípios de progressão, controle e harmonia.

Em outro texto publicado na revista *O Ensino*, em setembro de 1919, a ginástica sueca aparece novamente como prática capaz de garantir não apenas uma formação física, mas a constituição de uma verdadeira cultura física. A cultura sueca é apresentada como modelo exitoso, digno de ser assimilado, sobretudo por associar o trabalho a um valor moral de dignificação. O texto argumenta que o povo de Belém – e, de modo mais amplo, do Norte – deveria aderir a essa ginástica que prescindia de muitos aparelhos, justamente porque ela estaria contribuindo para a formação de “uma raça forte e privilegiada”. A narrativa reforça uma visão medicalizada e racializada do corpo ao afirmar que o Brasil era um país marcado pelos “flagelos da seca e das moléstias”, sugerindo que a adoção da ginástica sueca poderia atuar como estratégia de regeneração física e moral da população. Vejamos a imagem 9:

Imagem 9 – Trecho da revista O Ensino.



Fonte: <http://www.fcp.pa.gov.br/2016-12-13-19-40-20/o-ensino-revista-mensal-de-pedagogia-literatura-artes-e-officios-1918-1919-belem-officinas-instituto-lauro-sodre-453-p>.

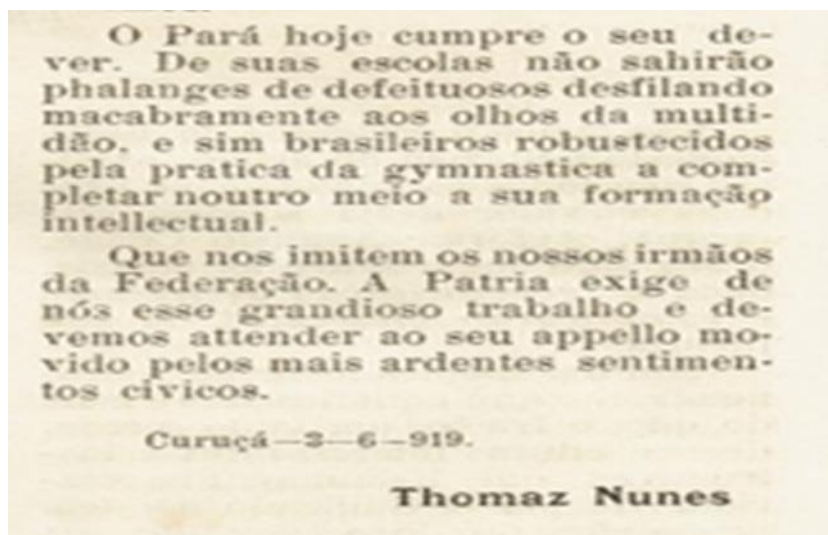
O texto destaca a ginástica sueca como um “instrumento de formação do caráter e da saúde do aluno”, associando a prática corporal ao progresso nacional e à educação moral. Afirmava-se que seu cultivo promoveria o “aprimoramento físico e moral dos estudantes”, garantindo-lhes uma formação integral e alinhada aos ideais de civilidade. Embora não fosse estritamente militar, a ginástica sueca comportava elementos de controle corporal e formação cívica, aproximando-se das técnicas disciplinares que buscavam regular gestos, condutas e posturas. Ao ser apresentada como um “movimento promissor” para as escolas, evidencia-se o esforço de padronizar o ensino do corpo, assegurando que as crianças “aprendessem a obedecer ordens, manter a postura ereta e executar exercícios de forma mecânica e disciplinada”. Descrita como racional, calculada e regrada, a ginástica sueca era considerada uma prática que não produziria cansaço

excessivo, ao mesmo tempo em que ativaria “todos os músculos” sem depender do uso de aparelhos. Nessa lógica, sua prática era tratada como chave para o progresso da nação.

Para José Veríssimo (1906), o “rachitismo e embrutecimento” representavam sinais de fraqueza e doença que afetavam amplos setores da população brasileira, sobretudo os habitantes dos “sertões”. Esse quadro deveria ser combatido por meio da escola, da ginástica e de práticas educativas e higiênicas capazes de regenerar o corpo nacional. Na mesma direção, Rui Barbosa também se posicionou como entusiasta da ginástica sueca. Como observa Moreno (2006, p. 2), sua defesa convicta foi determinante para a adoção de manuais desse método no Brasil, inclusive em Belém do Pará, influenciando diretamente as ações de José Veríssimo e os rumos da instrução pública na cidade. A consolidação dessa proposta de ginástica no ambiente escolar resultou da convergência de interesses de médicos, professores e políticos, que a reconheceram como estratégia eficaz para forjar corpos saudáveis, disciplinados e adaptados às expectativas da modernidade republicana.

O texto assinado por “Thomaz Nunes”, publicado em 1919, expressa um discurso marcadamente nacionalista, higienista e eugenista, ao afirmar que a prática da ginástica constituiria um meio de “completar” a formação intelectual. Vejamos a imagem 10:

Imagem 10 - Proposta de ginástica sueca na revista O ensino.



Fonte: [http://www.fcp.pa.gov.br/2016-12-13-19-40-20/o-ensino-revista-mensal-de-pedagogia-literatura-
artes-e-officios-1918-1919-belem-officinas-instituto-lauro-sodre-453-p](http://www.fcp.pa.gov.br/2016-12-13-19-40-20/o-ensino-revista-mensal-de-pedagogia-literatura-artes-e-officios-1918-1919-belem-officinas-instituto-lauro-sodre-453-p).

A referência à eliminação dos “defeituosos” revela de modo explícito a circulação das teorias eugênicas no Brasil das primeiras décadas do século XX, nas quais o corpo era tomado como indicador de valor racial, moral e social. A exaltação da ginástica como instrumento de “fortalecimento físico e moral da população” insere-se em um projeto claramente biopolítico, no qual o Estado assume a regulação da vida, administrando os corpos como forma de controle social. O discurso de Thomaz Nunes reforça a ideia de que o corpo deveria ser corrigido, aprimorado e fortalecido para servir aos imperativos da pátria, articulando um pensamento que combinava higienismo, moralização e governo da população.

Nesse processo, múltiplas formas de esportes e ginásticas foram legitimadas como práticas “oficiais”, consideradas corretas e educáveis dentro do espaço escolar. Ao se tornarem parte dos currículos, essas práticas produziram – discursiva e institucionalmente – modelos supostamente adequados de corpo saudável, moral, competitivo, disciplinado e produtivo, constituindo um repertório normativo de condutas e gestos que passou a orientar a formação das juventudes.

A educação do corpo tornou-se uma urgência para a sociedade belenense, imersa em transformações rápidas e profundas. Ginásticas e esportes integraram discursos que projetavam a necessidade de corpos fortes, magros, disciplinados e eficientes, associados aos ideais de rendimento físico, saúde, moralidade e trabalho. Diferentemente de um modelo centrado na coerção direta, essas práticas operaram como tecnologias de controle-estimulação, por meio das quais os indivíduos eram levados a desejar a estética, a força e a vitalidade do corpo dito educado e saudável. A difusão das ginásticas e dos esportes modernos disseminou enunciados de disciplina, burocratização e competição, reforçando formas de normalização que padronizavam gestos, chutes, passes, posturas, regras, uniformes e até mesmo o sentido de vitória.

Concluimos, em consonância com Soares (2016, p. 33), que em diversas capitais brasileiras – como foi o caso de Belém – e em cidades mais populosas nas primeiras décadas do século XX, “a instituição escolar pública foi estimulada a incorporar em seu currículo a prática da educação física constituída por jogos e exercícios físicos, preferencialmente realizados ao ar livre” (Ibid.). Também acompanhamos Soares (2016, p. 32) ao afirmar que tais ingerências não ocorreram de forma isolada, mas buscaram “conferir legitimidade a um projeto urbano de educação”, resultante do esforço articulado de autoridades públicas e de proposições elaboradas por médicos, pedagogos,

engenheiros, educadores e urbanistas. Nesse cenário, as práticas corporais nas escolas belenenses foram submetidas a um controle regulamentar cada vez mais rigoroso, operando como estratégia biopolítica de gestão e normatização dos corpos na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos registros históricos e das normativas analisadas, foi possível compreender que a escola constituiu, em Belém, um espaço estratégico de materialização das racionalidades médico-higienistas que atravessaram o final do século XIX e o início do XX. A educação do corpo, mais do que um complemento pedagógico, operou como um dispositivo de governamentalidade, orientado para gerir populações, produzir subjetividades dóceis e garantir a circulação de corpos ajustados aos imperativos da modernidade republicana. As práticas escolares de ginástica, higiene e moralização configuraram-se como tecnologias de poder que, ao regular, também produziam corpos – instituindo regimes de verdade sobre o que deveria ser considerado saudável, útil, civilizado e normal.

Os discursos higienistas, amplamente difundidos por médicos, governantes e educadores, sustentaram uma forma de biopolítica local, na qual a escola assumiu a função de preservar, corrigir e aperfeiçoar a vida da população. A introdução da ginástica – frequentemente inspirada em métodos europeus, especialmente o sueco – e a ênfase na ordem, na regularidade respiratória, na postura e na disciplina evidenciam um esforço sistemático de padronização dos corpos estudantis. Nessa perspectiva, o currículo escolar tornou-se um espaço privilegiado para a produção de corpos aptos ao trabalho e integrados ao projeto de urbanização e modernização da cidade, conforme desejado pelos gestores públicos daquele período.

Ao mesmo tempo, as práticas escolares operaram uma política de exclusão: manifestações corporais populares, sobretudo de matriz africana, indígena ou associadas às classes trabalhadoras – como a capoeira e outras expressões lúdicas – foram interditadas ou desqualificadas, reforçando hierarquias raciais e sociais. Ao delimitar quais corpos e quais gestos eram autorizados a habitar o espaço escolar, a instrução pública em Belém fabricou distinções, produziu desigualdades e legitimou uma ordem corporal e moral específica. Assim, a escola não apenas disciplinou corpos individuais,

mas também contribuiu para desenhar uma população hierarquizada, coerente com os ideais de “progresso”, “civilização” e “raça forte” que atravessavam o período.

Nesse processo, práticas como a ginástica sueca tornaram-se centrais por constituírem um método racional, mensurável e aparentemente neutro de educação do corpo – exatamente o tipo de tecnologia valorizada pelos regimes de governamentalidade modernos. Sua adoção nas escolas de Belém revela não uma mera escolha pedagógica, mas a inscrição da educação física em um regime biopolítico que buscava administrar a vitalidade coletiva, prevenir doenças, otimizar forças e alinhar os corpos às exigências da vida urbana e da ordem republicana.

O controle regulamentar instituído pelas práticas corporais escolares configurou um conjunto de técnicas que não apenas moldavam comportamentos, mas produziam modos de ser, instaurando valores, hábitos e sensibilidades que passaram a operar como verdades sobre o corpo. Trata-se da fabricação de sujeitos que internalizam a normalização não como imposição externa, mas como desejo de conformidade – movimento típico das tecnologias modernas de poder, que se realizam menos pela coerção e mais pela estimulação, incentivo e vigilância difusa.

Por fim, esta tese trata de entrelaçamentos entre higienismo, instrução pública e práticas corporais em Belém é fundamental para problematizar as permanências desses dispositivos na atualidade. As marcas do higienismo e da governamentalidade do corpo ainda ecoam nas práticas pedagógicas contemporâneas, seja na busca por eficiência, rendimento, padronização técnica, seja na produção de corpos considerados adequados ou inadequados ao espaço escolar. Recuperar esse passado permite tensionar a forma como a educação física – ontem e hoje – pode funcionar como aparato de regulação, exclusão e normalização, mas também como campo possível de resistências, reinvenções e pluralidade corporal.

REFERÊNCIAS

AGRA, M.; COSTA, V. Alves da. As concepções de José Veríssimo sobre a formação do corpo pela educação física no cenário da educação nacional do século XIX. **Revista Teias**, v. 24, n. 73, p. 246-260, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/69877>. Acesso em: 20 jan. 2024.

BAÍIA, A. C.; MORENO, A. Revista Brasileira de Educação Física: a Moderna Ginástica Sueca no Brasil (1944-1952). **Cadernos de História da Educação**, v. 19, n.

3, p. 686-706, 2020. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/56833>. Acesso em: 20 jan. 2024.

COSTA, L. H. da. *et.al.* O discurso médico e a Educação Física nas escolas (Brasil, século XIX). **Ver. Bras. Educ. Fís. Esporte**, (São Paulo) 2014 Abr- Jun; 28(2): 273- 282. Acesso: <https://www.scielo.br/pdf/rbefe/v28n2/1807-5509-rbefe-28-2-0273.pdf>.

DA COSTA, J. L. M. **O higienismo na instrução pública paraense entre 1890 e 1900**. 108 f. Dissertação (Mestrado em Currículo e Gestão da Escola Básica) – Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

DAMASCENO, A; PANTOJA, S; MIRANDA, J. A doutrina do Higienismo na Revista de Educação e Ensino: Octavio Pires e a higiene dos internatos. **Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, Campinas, SP, v. 7, n. 00, p. 1-24, 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/15539>. Acesso em: 2 jan. 2025.

DIAS, D.C. (2014). Quem te margeia conta de ti: educação do corpo na Belém do Grão-Pará (de 1855 à década de 1920). 2014. 484 f. **Tese (Doutorado)**. Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 41^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. **In: Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 8^a edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2021.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GONÇALVES, A. M. O processo de urbanização na cidade de Belém do Pará durante a Belle Époque e seus impactos. *Oficina do Historiador*, v. 15, n. 1, p. 1–18, 2022. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/oficinadohistoriador/article/view/37865>. Acesso em: 10 março 2025.

MELO, V. A. de. Esporte, ginástica, educação física: as práticas corporais institucionalizadas. **Revista ComCiência**. Nº.157 Campinas Apr. 2014. Acesso: <http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n157/11.pdf>

MELO, V. A. Preocupações com a educação física: o ensino de práticas corporais nas escolas fluminenses (1836 - anos 1850). **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, e175905, 2018. Acesso: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-44-e175905.pdf>

MORENO, A. A propósito de Ling, da ginástica sueca e da circulação de impressos em língua portuguesa. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 2, p. 128-135, mar. 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbce/a/YrywJFnDPmC9dWQmzHTGckm/?lang=pt>. Acesso em: 07/07/2021.

MORENO, A. Corpo solar, corpo lunar: práticas corporais no Rio de Janeiro oitocentista. 'Usos do Passado' – **XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ** 2006.

MORENO, A. Nascer de novo na cidade-jardim da República: Belo Horizonte como lugar de cultivo de corpos (1891-1930). **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 3 (66), p. 67-80, set./dez. 2011.

MORENO, A. et al. “*UMA BELLA E DISTINCTA FESTA SPORTIVA*”: A CONSTITUIÇÃO DE UM *ETHOS* ESPORTIVO NA ESCOLA NORMAL MODELO DA CAPITAL (BELO HORIZONTE, 1914-1922). **Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte** Porto Alegre 11 a 16 de Setembro de 2011.

PARÁ (Estado). *O Ensino: Revista Mensal de Pedagogia e Literatura*. “Festas Escolares – Grupo Escolar José Veríssimo.” Pará, anno II, n.º —, 1919. Localização: Biblioteca Pública Arthur Vianna, Belém, PA. Link: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/>

PARÁ (Estado). *Decreto n.º 7.342, de 21 de julho de 1890*. Reorganiza o ensino público primário e secundário da Província do Pará. *Actos do Governo do Estado do Pará*, Pará, 1890. Localização: Biblioteca Pública Arthur Vianna, Belém, PA. Link: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/>

PARÁ (Estado). *Decreto n.º 1.280, de 24 de fevereiro de 1904*. Regimento interno dos grupos escolares e das escolas isoladas. *Diário Oficial do Estado do Pará*, Belém, PA, 27 jun. 1904. Localização: Biblioteca Pública Arthur Vianna, Belém, PA. Link: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/>

PARÁ (Estado). *Decreto n.º 3.356, de 7 de maio de 1918*. Altera o regulamento do ensino primário do Estado. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1918. Localização: Biblioteca Pública Arthur Vianna, Belém, PA. Link: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/>

PARÁ (Estado). *Programa de ensino da Escola Normal em 1918*. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1918. Localização: Biblioteca Pública Arthur Vianna, Belém, PA. Link: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/>

SCHWARCZ, L. M. O retorno do objetivismo ou dos males de ser científico. **Horizontes Antropológicos**, v. 11, p. 247-250, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/hdgPd3pm49R4z9xfwRKT9nx/?lang=pt>. Acesso em 10/07/2022.

SCHWARCZ, L. M. Do preto, do branco e do amarelo: sobre o mito nacional de um Brasil (bem) mestiçado. **Ciência e cultura**, v. 64, n. 1, p. 48-55, 2012. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v64n1/18.pdf>. Acesso em 10/07/2022.

SILVA, L. V. A. et al. José Veríssimo: ciência e educação feminina no século XIX. **Tese de doutorado**. 2012.

SILVA, E. P. A. Educação física no ensino público primário no Pará (1890 – 1930): prescrições e prática. 2016. 183 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, PA, 2015.

SILVA, A. L. S. **Nos domínios do corpo e da espécie [recurso eletrônico]: eugenia e biotipologia na constituição disciplinar da educação física** / André Luiz dos Santos Silva. – Porto Alegre: Orquestra, 2014.

SOARES, C. L. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen Lúcia. (Org.). **Corpo e história**. – 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. 111-131.

SOARES, C. L. (Org). **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas, SP. Autores Associados: 2016.

VERÍSSIMO, J. **A educação nacional**. Livraria F. Alves, 1906.

VIANA, L. C. **A Colonização de corpos, corações e mentes: educação e higienismo em escritos de periódicos pedagógicos no Pará (1891-1912)**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2015.

6 CONSIDERAÇÕES QUASE FINAIS: A VOLTA AO MEMORIAL

Este texto é, antes de tudo, um gesto de retorno – à própria história, ao corpo vivido, às experiências sensíveis que a razão escolar e acadêmica nem sempre conseguem traduzir. A tese foi composta por cinco partes interligadas que constroem um percurso investigativo pautado na arqueogenealogia foucaultiana e na problematização das práticas corporais escolares em Belém do Pará. No memorial intitulado “*A produção de um torcedor, atleta e professor de Educação Física*”, revisita-se a trajetória pessoal e formativa do autor, revelando como a experiência vivida com o corpo moldou o olhar investigativo e afetivo lançado sobre a temática da tese.

O primeiro artigo, “*Educação do corpo: Biopolítica e Biopoder em Belém do Pará, entre o final do século XIX e o início do XX*”, analisa os dispositivos escolares e normativos que regularam o corpo nas escolas públicas da capital paraense, destacando o papel da ginástica como prática biopolítica ancorada nos discursos médico-higienistas. O segundo artigo, “*Práticas corporais de educação do corpo: Biopolítica e Biopoder em Belém do Pará*”, aprofunda a análise das formações discursivas e não discursivas que instituíram os esportes e as ginásticas como formas legítimas de educar o corpo, evidenciando as exclusões de outras práticas corporais.

O terceiro artigo, “*Instrução pública e higienismo nas escolas de Belém entre o final do século XIX e o início do XX*”, examina o entrelaçamento entre as reformas educacionais, os decretos escolares e as políticas higienistas, demonstrando como a educação física emergiu como campo de disciplinamento e moralização dos corpos em consonância com as demandas do Estado republicano.

Por fim, nas considerações finais, reunidas sob o título “*Considerações quase finais: a volta ao memorial*”, propõe-se o deslocamento das verdades instituídas, a escuta dos silenciamentos e a abertura para outras possibilidades de educar o corpo – mais plurais, éticas, culturais e sensíveis à diversidade das experiências humanas.

Assim, esta tese se constitui como um esforço político, epistemológico e pedagógico de desnaturalização e invenção, abrindo caminhos para se pensar o corpo, o movimento e a educação para além das racionalidades modernas que historicamente os conformaram.

Com base nos estudos desenvolvidos, sustento que a Educação Física escolar em Belém do Pará, entre o final do século XIX e o início do século XX, configurou-se como

um dispositivo central de governo dos corpos e das condutas, articulado aos saberes médico-higienistas e às exigências de normatização impostas pela modernidade nascente. Os modos de ver, classificar e educar o corpo – especialmente por meio das ginásticas e dos esportes – foram selecionados, organizados e institucionalizados como práticas legítimas, apresentadas discursivamente como naturais, científicas e necessárias ao bom funcionamento da sociedade. Em Belém, práticas discursivas e não discursivas – tanto nas escolas quanto em outros espaços urbanos – produziram formas específicas de subjetivação corporal, nas quais o corpo passou a ser simultaneamente objeto de saber e alvo de intervenção. As técnicas corporais modernas, expostas nos métodos ginásticos e esportivos, instituíram regimes de verdade sobre saúde, vigor, disciplina e produtividade, conduzindo os indivíduos a se reconhecerem e se regularem a partir dessas prescrições. Argumento também que a cidade implementou estratégias biopolíticas, voltadas à gestão da vida coletiva e à administração dos riscos que ameaçavam a ordem urbana (doenças, improdutividade, “desvios” comportamentais). A instrução pública tornou-se, assim, um instrumento privilegiado de governamentalidade, por meio do qual se buscou orientar, dirigir e otimizar a conduta das populações. A Educação Física emergiu como tecnologia disciplinar e, simultaneamente, como técnica de biopoder: produzia corpos dóceis e úteis no espaço escolar, ao mesmo tempo que contribuía para a regulação da população em escala mais ampla. Dessa forma, demonstro que a Educação Física escolar em Belém integrou um projeto político-pedagógico de civilização, no qual o corpo passou a ser disciplinado, normalizado e administrado segundo as racionalidades governamentais da época. Nessa articulação entre disciplina e biopolítica, a escola funcionou como espaço privilegiado para a produção de subjetividades ajustadas às demandas de ordem, produtividade e modernidade.

Após os deslocamentos produzidos na travessia autobiográfica do memorial e nos artigos anteriores, busquei “redescobrir o gosto e o sabor da festa” – metáfora que nomeia o gesto de retorno a mim mesmo, agora como sujeito que aprende a jogar com o tempo, com as palavras e com a própria vida. Este desdobramento do memorial constitui uma segunda voz do mesmo personagem, ampliada pela experiência, pela paternidade, pela docência, pelo amor e pela escuta; voz que também é moldada pelas vivências formativas e pela matéria sensível que compõe a vida cotidiana.

Nas entrelinhas deste texto, lê-se o movimento de um corpo que procura inteireza. Um corpo que atravessou a ginástica, a lógica da produtividade e a moral disciplinadora

da Educação Física tradicional, sem renunciar à tarefa de ressignificá-las. Hoje, afirma outras possibilidades de prática corporal e outras maneiras de pensar o corpo e a própria Educação Física, partindo da compreensão do corpo como uno e comunicável – simultaneamente produto e produtor de linguagem. Foi nesse percurso que fui, pouco a pouco, repensando a vida, a ética, a estética e a afetividade que me constituem.

Nessa trajetória, a música Redescobrir⁸⁰, de Gonzaguinha⁸¹, acompanha minha vida desde a adolescência. Em seus versos encontrei, desde cedo, orientação sensível para pensar o tempo, o corpo e os afetos. A canção me atravessa não apenas pela beleza melódica, mas pelo que convoca em mim: a centralidade da cultura, da classe trabalhadora, do brincar, do lúdico, da festa – dimensões que também educam e formam.

Não por acaso, escolhi essa música como epígrafe do meu Trabalho de Conclusão de Curso em 2009. Havia ali, já naquele jovem formando, o desejo de uma Educação Física que ultrapassasse o plano técnico e se tornasse também poética, ética e crítica. Hoje, dezesseis anos depois, reconheço naquele gesto inaugural uma visão romântica, mas ainda guardo comigo sua força: sigo movido pela esperança, pela poesia e pela prática social.

Se Gonzaguinha me acompanha desde cedo, o encontro com Paulo Leminski foi mais tardio, embora igualmente transformador. Foi no doutorado, especialmente nas dobras do texto *Corpo não mente*, que fui desafiado a repensar o corpo para além dos binarismos clássicos da ciência moderna, do cristianismo e da filosofia ocidental. Leminski ofereceu a linguagem necessária para tocar o corpo como pensamento vivo: lugar de presença, de mistério, de sensibilidade que antecede o saber.

Entre Gonzaguinha e Leminski – entre música e poesia, entre o adolescente e o pesquisador, o professor e o pai – permanece a aposta em uma educação que não tema o sensível, o contraditório, o vivo, nem o processo contínuo de formação e transformação. Por isso, esta segunda parte do memorial se torna também ponto de partida para as considerações finais.

⁸⁰ “Redescobrir”, composta por Gonzaguinha e imortalizada na voz de Elis Regina em 1980. Fonte: https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/264804/gonzaguinha-e-uma-de-suas-obras-primas-redescobrir.htm?utm_source=chatgpt.com

⁸¹ Estamos nos referindo ao compositor e intérprete Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (1945-1991). Ele adotou em vida o nome Artístico de ‘Gonzaguinha’, em referência ao nome de seu pai, o também compositor e intérprete Luiz Gonzaga do Nascimento (1912-1989). Preferimos adotar seu nome artístico nas citações acadêmicas por estamos tratando de uma obra no gênero textual musical.

A partir do diálogo com Leminski (2017), especialmente em *Corpo não mente*, aprofundo tensões históricas sobre o corpo e recoloco em cena a persistente dicotomia corpo/mente, alma/razão, matéria/espírito. Ao final, reafirmo: o corpo é morada da vida. Mais que estrutura biológica ou instrumento funcional, o corpo é território de experiências, memória, afetos e significações.

Por fim, nesse retorno ao memorial, também reconheço que minha própria trajetória dialoga com debates que atravessam a obra *A educação física ainda “cuida do corpo e mente”*, de João Paulo Medina (2018). Ao denunciar que vivemos em uma sociedade que hipertrofia o pensamento, a mente e a alma – relegando o corpo a um lugar secundário –, Medina ilumina a negligência histórica que marca a Educação Física brasileira e que, de certo modo, constitui o pano de fundo da minha própria formação.

6.1 A educação física ainda “cuida do corpo e mente”

Iniciamos esse seção dialogando com João Paulo Medina (2018), que analisa os desafios da educação contemporânea, destacando que muitos deles se relacionam com o significado humano atribuído ao processo educativo. Em uma sociedade que valoriza o pensamento, a mente, a alma, o movimento corporal é frequentemente negligenciado, o que contribui para a desvalorização do corpo, da Educação Física, tanto na cultura brasileira em geral, quanto no ambiente escolar.

Assim, em uma obra clássica da educação física brasileira, Medina (2018) defendia na década de 1980 a urgência de uma transformação na cultura do corpo, que passasse por uma crise necessária capaz de provocar reflexões e rupturas com modelos reducionistas. Segundo ele, tanto a Educação Física quanto a própria concepção de corpo deveriam ser revistas, para que se ampliasse a compreensão de seus sentidos e potencialidades formativas. Além disso, Medina criticava a educação tradicional por não estimular o pensamento crítico dos educandos, limitando sua autonomia e capacidade de agir conscientemente no mundo.

A obra do autor é atual, assim como alguns de seus apontamentos. Para Medina (2018), a transformação da educação exige o engajamento ativo de seus profissionais. Diante de uma cultura que transformou o cuidado com o corpo em moda explorada pela indústria, a Educação Física se insere nesse cenário em constante expansão. No entanto, a área ainda precisa estar em crise, questionar os valores impostos e promover um modelo

de vida que integre corpo e mente de forma equilibrada. O autor denuncia que a dicotomia corpo-mente persiste, e que a valorização do ser humano em sua totalidade ainda é negligenciada. Ainda, defende a necessidade de resgatar uma compreensão integrada do corpo, reconhecendo suas múltiplas dimensões – intelectual, afetiva, sensorial, gestual e expressiva.

Contudo, de acordo com Medina (2018), para tanto, cabe às escolas de formação em Educação Física oferecer subsídios que possibilitem uma vivência plena dessas dimensões, de modo que o futuro profissional seja capaz de intervir na realidade com consciência crítica, contribuindo para a elevação da qualidade de vida humana em sentido amplo. Essa realidade denunciada pelo autor tem origens em processos explicados por Furtado, Borges e Paes Neto (2023, p. 3), que mostram como a Educação Física, no século XIX, “formou-se tendo como preceito a perspectiva de conectar a intervenção por meio das atividades corporais aos saberes emergentes oriundos de áreas como a Medicina, a Anatomia, a Biologia, a Fisiologia e a própria Pedagogia”. O que balizava a produção de conhecimento, o currículo escolar e a prática pedagógica. Nesse sentido, de acordo com os autores, os estudantes eram tratados como corpo a ser moralizado, educado e funcional, em sua “dimensão biológica e da função utilitária [...] Isso ocorria nas escolas, nas instituições militares e em outros espaços nos quais os exercícios corporais passaram a ser utilizados como instrumento utilitário à formação”.

De acordo com Furtado, Borges e Paes Neto (2023, p. 4), ainda quanto à educação física no Brasil no século XIX, “em especial para a ginástica, é a direta associação entre a Educação Física brasileira e as instituições militares.” A afirmação aponta para um traço estruturante da história da Educação Física no Brasil oitocentista: sua inserção como prática disciplinadora, associada à lógica do Estado e ao projeto de constituição de uma sociedade moderna e ordeira. Tal como mostrado nesta tese, durante o século XIX, a ginástica – de inspiração europeia – foi progressivamente incorporada ao espaço escolar brasileiro não apenas como prática de cuidado com o corpo, mas como mecanismo de formação, de corpos obedientes e produtivos, conforme os interesses das elites políticas da época.

Segundo Furtado, Borges e Paes Neto (2023, p. 5), sobre a associação direta entre ginástica e instituições militares, ela pode ser observada na maneira como os conteúdos corporais foram institucionalizados no ensino, sobretudo após as reformas educacionais no fim do século XIX e início do XX. A Educação Física era frequentemente ministrada

por militares, com uma ênfase na disciplina, na repetição de gestos e no fortalecimento físico – elementos que se alinhavam à ideia de formar cidadãos fortes para servir à pátria.

A racionalização do tempo, o controle dos movimentos e a imposição de normas de conduta tiveram como finalidade central a produção de corpos padronizados, simultaneamente controlados em sua singularidade e regulados em sua dimensão coletiva. Michel Foucault (2013) conceituou esse processo como “anatomopolítica do corpo humano”, destacando como os mecanismos disciplinares operam sobre gestos, ritmos e posturas para fabricar indivíduos úteis e dóceis. Conforme demonstrado nesta tese, a escola foi um dos principais espaços de aplicação dessa racionalidade disciplinar no contexto belenense.

Nesse cenário, a histórica dicotomia entre mente e corpo atua como tecnologia de poder, naturalizada a ponto de parecer parte da própria condição humana, quando, na verdade, constitui-se como efeito de estratégias disciplinares sedimentadas ao longo do tempo. Diversos discursos e instituições reforçaram esse controle: a moral cristã, ao associar o corpo ao pecado e à tentação; a doutrinação militar, que transformou o corpo em objeto de adestramento; e as divisões de gênero consolidadas nas ginásticas e nos discursos médico-pedagógicos do século XIX, que prescreveram funções corporais distintas e hierarquizadas para homens e mulheres.

A esses elementos somaram-se as doutrinas eugênicas, empenhadas em eliminar corpos classificados como “degenerados”, e os discursos republicanos e nacionalistas, que definiram modelos corporais ideais – disciplinados, ordeiros e funcionalmente úteis ao projeto de nação. Assim, o corpo, longe de constituir expressão autêntica da individualidade, converteu-se em alvo privilegiado de regulação política, moral e social.

Todas essas práticas discursivas, difundidas entre os séculos XIX e XX, relacionam-se às dicotomias herdadas do platonismo, do pensamento cristão, das ciências modernas e da sociedade urbano-industrial. Abordei esses pontos ao longo da tese, consciente de que se trata de um tema inesgotável e que seguirá provocando reflexões nas próximas décadas. Leminski (2017) também problematiza essa cisão histórica ao afirmar que “a mente do racionalismo ocidental é a filha leiga da alma salvável do cristianismo [...]. A sociedade urbano-industrial, através dos métodos de trabalho que impôs, promove a dissociação corpo/mente mais do que qualquer tratado de metafísica”.

A alma é posta com a possibilidade da razão
O espírito como a possibilidade da salvação

A mente é posta com lógica, a episteme
 Como a nova versão da racionalidade
 Em todas o corpo é a morada do perigo
 A ser evitado
 Logo ele? A vida está nele.

Para Leminski (2017), nos trechos citados – “a mente do racionalismo ocidental é a filha leiga da alma salvável do cristianismo” e “A sociedade urbano-industrial, através dos métodos de trabalho que impôs, promove a dissociação corpo/mente mais do que qualquer tratado de metafísica” – Leminski realiza uma crítica à razão ocidental, associando-a a um longo processo de cisão entre corpo e mente que chega dramaticamente aos dias atuais.

Leminski (2017) traça uma linha aproximativa entre o pensamento cristão – centrado na salvação da alma – e o racionalismo moderno. Para o autor, a “alma salvável” do cristianismo é apontada como a antecessora da “mente” racionalista moderna, evidenciando uma transformação semântica e epistemológica: aquilo que antes era objeto de redenção (a alma) torna-se, com a modernidade, objeto de conhecimento (a mente racional). Assim, o corpo, neste contexto, deixa de ser um meio de salvação e passa a ser um meio de produtividade. O autor sugere que, na modernidade, há uma radicalização da dicotomia corpo/mente. Para ele, a sociedade urbano-industrial intensifica a cisão metafísica por meio dos métodos de trabalho e disciplina.

Essa ruptura entre corpo e mente, radicalizada na modernidade, materializa-se em práticas sociais concretas que deslocam o corpo de um lugar secundário – antes submisso à alma cristã e, posteriormente, subordinado à razão moderna – para torná-lo alvo permanente de observação, regulação e intervenção. Instituições como a escola, a fábrica, o hospital e o quartel passam a operar como dispositivos privilegiados de disciplinamento, articulando produtividade e controle corporal, instaurando formas de subjetivação ajustadas às exigências do capital e da racionalidade técnico-instrumental. Nesse quadro, o conceito de biopoder, segundo Foucault (1999), redefine os modos de governar a vida ao deslocar o foco da punição e da morte para a administração da existência, operando por meio de tecnologias que normatizam, classificam e regulam os corpos. Para Foucault (2021), trata-se de um poder que não atua fundamentalmente pela coerção direta, mas pela produção de discursos que fabricam verdades, organizam percepções e moldam sujeitos, fazendo com que o próprio corpo seja constituído como efeito de práticas discursivas e de saber.

No contexto de Belém do Pará, como demonstram os estudos de Pinheiro e Alves (2014) e Dias e Soares (2014), esse processo assumiu contornos específicos. As simbioses entre discursos médico-higienistas e políticas públicas consolidaram uma vigilância difusa sobre a “vida banal”, sobretudo das camadas populares, instaurando uma pedagogia da cidade que regulava gestos, hábitos e condutas cotidianas. Nesse cenário, higienismo, moralização e ordenamento urbano convergiram para intensificar a normalização dos corpos, reforçando distinções sociais, raciais e morais. Assim, os mesmos mecanismos disciplinares e biopolíticos que estruturaram a modernidade ocidental também se materializaram em Belém, onde a educação física escolar – articulada às reformas urbanas e sanitárias – desempenhou papel estratégico na administração da população e na constituição de sujeitos ajustados ao projeto civilizatório da Primeira República.

Nesse cenário, a lógica do biopoder se intensificou ao articular-se a mecanismos que operam simultaneamente na produção da vida e na gestão da morte, no sentido formulado por Foucault (1999). Trata-se do exercício de um poder que regula a existência por meio da proliferação daquilo que é considerado desejável e da eliminação – simbólica ou material – do que é construído como indesejável. No contexto histórico analisado, essa racionalidade orientou políticas, discursos e práticas que buscavam gerir a população por meio da medicalização da vida cotidiana, da normalização dos comportamentos e da vigilância permanente dos corpos.

Leminski (2017), ao refletir criticamente sobre a tradição ocidental, evidencia o modo como diferentes discursos – religiosos, filosóficos, científicos – produziram a ideia de que o corpo seria um “perigo” a ser contido, vigiado e regulado. Tal percepção está em consonância com os dispositivos modernos de poder analisados nesta tese: o corpo é visto como aquilo que escapa à racionalidade, por ser instintivo, pulsional, caótico, sexualizado. A necessidade de governá-lo, portanto, não surge como dado natural, mas como efeito histórico de práticas disciplinares e biopolíticas que visam torná-lo previsível, útil e inteligível às exigências da modernidade.

Por outro lado, de acordo com Leminski (2017), “a vida está nele” – no corpo. Nesse sentido, Fensterseifer (2020, p. 10) aponta que a relação entre a Educação Física e a racionalidade moderna apresenta “vantagens e desvantagens”, especialmente quando se busca repensar os limites e as possibilidades epistemológicas do campo. Ao lado do autor, e inspirados na provocação “O dilema de Mafalda: Para onde vamos?”

(FENSTERSEIFER, 2020, p. 14), vislumbramos a urgência e a potência de (re)pensar a Educação Física a partir de outras referências, que valorizem o corpo como expressão da vida e não apenas como objeto de controle.

Nesse sentido, de acordo com Leminski (2017), é possível recuperar o corpo, o que não é apenas um gesto político ou filosófico, pois é um gesto de reconexão com a própria existência. Ao refletir sobre a cisão instaurada entre corpo e mente pela tradição ocidental, Leminski propõe a busca de pontos onde essa distinção já não seja possível. Neste horizonte, torna-se urgente pensar, como propõe o autor, “uma espiritualização do corpo e uma corporificação da mente e do espírito”. De acordo com Leminski (2017), o corpo é único! Ele trata o corpo como território sagrado.

A racionalidade, então, não é o oposto do corpo – ela é, também, sua expressão. Toda capacidade de abstração emerge de uma carne que sente, respira, se posiciona no espaço. O pensamento, antes de ser palavra ou lógica, é gesto. O corpo não é um risco a ser evitado – ele é o solo da existência. Tendo isso como referência, o corpo não deve ser apenas pensado como outra coisa senão ele mesmo: um todo integrado de percepção, memória, emoção e ação.

A leitura de Leminski propõe, nesse sentido, uma espécie de retorno – não à natureza, mas a uma experiência unitária do corpo e da mente. “Integrar mente e corpo é voltar ao paraíso que só conseguimos experimentar em momentos privilegiados” (LEMINSKI, 2017, p. 46), diz ele, sugerindo que há, na unidade originária entre percepção, sensação e pensamento. Nesse sentido, a canção Redescobrir, de Gonzaguinha, me reconecta com o corpo, com a história e com a memória coletiva.

Logo nos primeiros versos da canção Redescobrir, Gonzaguinha (1980) apresenta o corpo como espaço de trabalho e de brincadeira, de sensibilidade e criação. Ao evocar imagens como “a brincadeira de roda” e “a dança das mãos”, o compositor associa o gesto ao saber e à memória coletiva, ressaltando o caráter ancestral e compartilhado do movimento. Nessa leitura, corpo e memória não se separam, mas constroem-se mutuamente – o corpo é, ao mesmo tempo, sujeito da percepção e agente da ação.

Em outros trechos, o autor descreve “o suor dos corpos” como linguagem da vida, metáfora que expressa o corpo como espaço de afeto, comunhão e resistência. O suor, a dança e o jogo tornam-se modos de narrar a existência e de afirmar a potência vital do movimento humano. Na sequência da canção, Gonzaguinha convida à redescoberta do sensível – “o sal da própria pele”, “o doce no lambar das línguas”, “o sabor da festa” –,

configurando uma verdadeira pedagogia da sensorialidade, na qual o conhecimento nasce da experiência corporal e afetiva.

Ao afirmar que “o bicho homem” é fruto da semente e que “tudo principia na própria pessoa”, Gonzaguinha (1980) reafirma o corpo como origem e destino, como lugar de memória e criação. Essa visão aproxima-se da reflexão de Leminski (2017), para quem o corpo é morada da subjetividade e meio de expressão coletiva. A canção, portanto, propõe uma leitura humanista e emancipatória do corpo, compreendido como vínculo, laço comunitário e fonte de liberdade – um corpo que sente, canta, dança e resiste. Pensando com Medina, Leminski e Gonzaguinha, proponho que a Educação Física escolar, o esporte e a ginástica (assim como as demais práticas corporais) podem ser espaço de reencantamento sensível, de vivência teórica e prática da cultura corporal de movimento, em sua multiplicidade de possibilidades.

Nesse sentido, redescobrir o corpo pode ser também redescobrir a função pedagógica da educação física. A(s) qual (is), de acordo com Bracht (1996, 2014) e Gonzalez e Fensterseifer (2009; 2013), para proporcionar uma educação física repleta de tempos e espaços para a vivência da cultura corporal de movimento, repleta de jogos, brincadeiras, danças, ginásticas, esportes e lutas – todas atravessadas por significados históricos, sociais, éticos e estéticos. Se for assim, a escola é reafirmada como lugar para a ressignificação do corpo e de suas possibilidades formativas (GONZALEZ; FENSTERSEIFER, 2009).

Bracht (1996) argumenta que as práticas corporais são manifestações culturais historicamente produzidas para responder às múltiplas necessidades humanas. Ao buscar satisfazer as demandas da vida, os sujeitos criaram modos de existir e de comunicar-se por meio do corpo e com o corpo. Nesse sentido, as práticas corporais são formas de linguagem que revelam experiências, valores e modos de ser no mundo.

Complementando essa perspectiva, Paes, Furtado e Teixeira (2018) observam que, ao longo do desenvolvimento histórico das práticas corporais e dos processos de socialização de saberes, houve momentos em que se dissociou o conhecimento corporal da linguagem, desvalorizando seu potencial expressivo e formativo. Para os autores, ações como “jogar” não são apenas movimentos físicos, mas formas de viver, produzir realidades e expressar culturas, relações de poder, crenças e manifestações estéticas. Assim, corpo, linguagem e cultura se entrelaçam profundamente nas práticas corporais, que devem ser reconhecidas como campos legítimos de conhecimento e expressão.

Dos Santos, Paes Neto e Monteiro (2022) defendem que a aprendizagem ocupa uma posição central nas possibilidades interativas entre os sujeitos e suas relações com o mundo, o que implica repensar os processos educativos à luz da cultura. Em uma escola republicana, esse desafio envolve considerar as identidades culturais de cada sujeito e respeitar as formas singulares de aprender, pois, como afirmam Fensterseifer e Pich (2014, p. 285), “o desafio é atingir este propósito sem desconsiderar o caráter identitário destas culturas, sem ignorar que aprendemos sempre em perspectiva própria.” Nessa perspectiva, a subjetividade emerge como elemento constitutivo da vivência corporal, uma vez que cada pessoa experiencia o movimento de maneira única, com base em suas histórias, sentidos e afetos.

Compreender as práticas corporais exige reconhecer essa diversidade de experiências, pois a cultura corporal de movimento “deveria ser vista como uma tradição que seja ao mesmo tempo entendida como o espaço em que somos forjados, e que contém os elementos que nos situam em relação com o outro, e que permitem a nossa comunicação com ele” (FENSTERSEIFER; PICH, 2014, p. 293).

De acordo com Gonzalez e Fensterseifer (2009), a Educação Física deve proporcionar desafios motores que ampliem as possibilidades de movimento, contribuindo para a construção de novas referências corporais. Os autores destacam como tarefa essencial da área possibilitar ao aluno a compreensão crítica do universo da cultura corporal de movimento, assumindo, assim, um compromisso pedagógico com o mundo e com a formação integral do ser humano. No entanto, como adverte Fensterseifer (2012), ao serem verbalizadas, as experiências corporais tendem a se empobrecer (FENSTERSEIFER, 2012, p. 325), o que nos exige alargar a noção de experiência e desenvolver maior sensibilidade para compreender essa dimensão não discursiva do humano, reconhecendo o corpo como lugar de linguagem, memória e significação.

Em comunhão com Paulo Fensterseifer (1999, 2021), proponho um reposicionamento epistemológico e pedagógico da Educação Física. O autor defende uma reorientação da prática educativa a partir do que denomina “mundo da vida” – conjunto de saberes, experiências e significados que estruturam o cotidiano dos sujeitos e que devem ser reconhecidos como ponto de partida para qualquer intervenção pedagógica. Essa perspectiva rompe com a lógica técnico-instrumental historicamente dominante na Educação Física.

A área historicamente vinculada a práticas de disciplinamento e rendimento físico, ainda carrega traços da racionalidade moderna, sobretudo em sua vertente instrumental, na qual o corpo é geralmente tratado com máquina e separado do sistema nervoso central. Essa racionalidade, marcada pela cisão corpo/mente, pela objetivação do conhecimento e pela funcionalização da ação educativa, construiu uma pedagogia corporal baseada em normas, padrões, controle e produtividade. Segundo Fensterseifer (1999), essa racionalidade opera com base na cisão entre sujeito e objeto, onde o conhecimento é um instrumento de manipulação do mundo – e, por extensão, dos corpos. O corpo, nesse contexto, é reduzido a uma máquina a ser treinada, avaliada e corrigida. Reduz-se o espaço para a subjetividade, para a sensibilidade. “A racionalidade técnica coloca-se como expressão de um saber que opera reduzindo a experiência à utilidade, ao desempenho, à eficácia” (FENSTERSEIFER, 1999, p. 28).

Essa lógica produz efeitos sobre a escola: aulas voltadas para testes, planilhas, séries de exercícios desprovidos de sentido para os alunos. Avaliação baseada em tempos, repetições e padrões corporais e que excluem os corpos que não conseguem performar no esporte, na luta, na dança ou em outra prática corporal. Por outro lado, o espaço escolar é por nós compreendido como lugar privilegiado de crítica e emancipação. Para Fensterseifer (1999, p. 163), cabe à Educação Física oferecer elementos que permitam ao educando compreender e ressignificar as práticas corporais que compõem sua cultura. Fensterseifer (1999) propõe uma Educação Física orientada por uma racionalidade comunicativa, na qual a linguagem, o sentido e a experiência tornam-se centrais. O corpo deixa de ser mero veículo da ação para ser reconhecido como presença que comunica, como espaço de invenção simbólica.

Ao afirmar que o humano é aquele que “saiu da verga” – ou seja, que se afastou do instinto para criar mundos – Fensterseifer (2021) sustenta que nossa existência se constrói num entrelugar entre o natural e o cultural. Dizer que o corpo é linguagem é afirmar que ele comunica antes da palavra, que nele se inscreve a experiência vivida. Cada gesto, movimento ou resistência é uma forma de dizer. Nesse horizonte, educar o corpo é escutá-lo, deixá-lo expressar-se, mover-se e significar.

A Educação Física pode, assim, constituir-se menos como um espaço de mera instrução e mais como um campo de encontro, de produção compartilhada de significados, de abertura à diferença e à pluralidade das experiências corporais. Esse reposicionamento epistemológico exige, igualmente, uma reinvenção do papel docente,

que deixa de ser o executor técnico de conteúdo para assumir a função de intérprete das experiências vividas pelos alunos. Cabe ao professor promover uma escuta pedagógica atenta, mediar sentidos, acolher expressões e reconhecer a linguagem dos corpos como forma legítima de manifestação do mundo vivido. Como afirma Fensterseifer (1999, p. 53), é preciso “reconhecer a linguagem como forma originária de mundo e, com ela, o corpo como presença que diz”.

No âmbito da prática pedagógica, essa perspectiva se traduz em propostas que favoreçam a expressividade corporal, o movimento como diálogo e uma escuta sensível aos contextos e vivências dos alunos. Como destacam Fensterseifer e Silva (2015), a construção de uma prática pedagógica crítica requer a articulação entre os eixos ético, educativo e epistemológico, superando tanto a neutralidade quanto a tecnificação do corpo que marcaram a tradição da Educação Física moderna. Assumir esse horizonte implica reposicionar a Educação Física como prática formativa comprometida com a pluralidade dos corpos, com a complexidade das relações humanas e com a crítica à racionalidade disciplinar que historicamente produziu sujeitos normalizados. Trata-se, assim, de habitar o lugar do acontecimento educativo, onde a experiência corporal é reconhecida como linguagem, produção de sentido e possibilidade de emancipação.

Diante disso, a Educação Física deve abrir-se ao diálogo, à escuta sensível e à pluralidade de sentidos. Em outras palavras, o mundo da vida configura-se como um território de resistência pedagógica, no qual se torna possível reconstruir o humano, valorizar a experiência e sustentar práticas educativas que partam da escuta e da convivência. A Educação Física pode se reorientar por uma racionalidade comunicativa que acolha o corpo como linguagem e o educando como sujeito de sua própria história, deslocando-se de modelos técnico-instrumentais para uma pedagogia centrada no entendimento, no sentido e na expressão.

Nesse horizonte, a leitura de Fensterseifer (1999) reforça a necessidade de que a Educação Física escolar se reconecte ao mundo da vida dos alunos, reconhecendo que cada corpo é histórico, atravessado por afetos, memórias e relações que configuram modos singulares de estar no mundo. Recuperar o sentido humano do corpo e do movimento significa, portanto, assumir que ensinar Educação Física é habitar um campo de significações, em que o gesto, a palavra e a experiência se entrelaçam na construção de sujeitos capazes de interpretar e transformar suas realidades.

O autor nos convoca a um reposicionamento profundo da Educação Física diante das amarras da modernidade. Como afirma Fensterseifer (1999, p. 147), “esta mudança de perspectiva parece-me fundamental para que a educação física, junto à educação, repense sua atuação [...]”. Tal deslocamento não se limita ao plano teórico: implica rever pressupostos curriculares, abandonar práticas pedagógicas centradas na tecnificação do corpo e abrir espaço para que as experiências, narrativas e modos de ser dos alunos se tornem parte constitutiva do processo educativo. Trata-se de reconhecer a diversidade dos corpos, sua historicidade e sua potência expressiva, rompendo com os dispositivos de normalização que, por séculos, moldaram a Educação Física como instância disciplinadora e reprodutora de padrões sociais.

Essa inflexão exige o cultivo de uma escuta pedagógica sensível, capaz de reconhecer o corpo como linguagem e o movimento como expressão de vida – e não como mero objeto de adestramento, mensuração ou desempenho. Ao recuperar o corpo como presença que diz, como presença que significa, a Educação Física se reinscreve no mundo da vida, entendido como espaço de criação intersubjetiva, onde os sentidos emergem do encontro, da troca e do reconhecimento ético do outro. Assim, o mundo da vida torna-se o lugar privilegiado para reconfigurar a prática pedagógica, deslocando-a das racionalidades instrumentais que historicamente a condicionaram para uma pedagogia aberta à pluralidade, ao diálogo e ao sentido.

Agradeço a Gonzaguinha, cuja obra segue como força inspiradora e horizonte ético-estético para “jogar” a vida – isto é, para habitá-la com intensidade, sensibilidade e resistência. É por meio de sua música que aprendi a reconhecer a delicadeza como potência, permitindo que minhas histórias, afetos e escolhas se teçam em gestos comprometidos com o outro, com a educação e com o mundo. Nesse entrelaçar de fios – caminhos, possibilidades, teias e pontes – reafirma-se o propósito que sustenta este percurso: contribuir, cotidianamente, para a reconstrução da Educação Física, fazendo dela uma prática mais humana, crítica e socialmente valorizada, e para que seus docentes possam, igualmente, encontrar reconhecimento, sentido e dignidade em suas jornadas.

De acordo com Fensterseifer (2021), a construção de um mundo de sentidos compartilhados pressupõe reconhecer que o “mundo” constitui o palco no qual a existência humana se desenrola, sempre mediada pela linguagem, pela cultura e pelos horizontes comuns que estruturam nossas experiências (FENSTERSEIFER, 2021, p. 33). Como o autor enfatiza, a formação demanda linguagem – e linguagem implica

deslocamento, abertura e escuta. “Qualquer esforço de conhecimento, de crítica, de formação [...] se faz no interior da linguagem” (FENSTERSEIFER, 2021, p. 35). Assim, não se trata apenas de nomear o mundo com precisão técnico-científica, mas de habitá-lo de modo significativo, reconhecendo que toda experiência humana é atravessada por interpretações, sentidos e expressões. Nessa perspectiva, compreender o corpo exige ultrapassar leituras reducionistas que o definem exclusivamente por sua função biomecânica ou por seu rendimento atlético. O corpo não é um mero veículo para a ação: o corpo é linguagem, presença e manifestação; é o lugar onde o mundo se revela, se inscreve e continuamente se refaz.

Cada estudante carrega em seu corpo um universo singular de sentidos, afetos e memórias. Educar o corpo, nesse horizonte, implica escutá-lo: permitir que ele diga, mova-se e se manifeste como presença plena no mundo. O corpo é também território de criação, de invenção e de festa – dimensão que escapa aos modelos estritos de correção técnica e que convoca a docência a uma postura ética de abertura ao vivido. Essa compreensão epistemológica e pedagógica aproxima-me de uma Educação Física menos centrada na instrução e mais dedicada ao encontro; menos preocupada em padronizar gestos e mais atenta ao diálogo; menos subordinada a um ideal normativo de desempenho e mais celebrativa do saber compartilhado que emerge da experiência. Nesse sentido, tal perspectiva encontra ressonância no reposicionamento epistemológico proposto por Fensterseifer (1999, p. 27), ao defender que a formação exige recuperar a linguagem, a cultura e o simbólico como dimensões constitutivas do processo educativo. Assim, a tarefa docente desloca-se: o professor deixa de ocupar o lugar de transmissor de conteúdo ou de regulador de condutas e passa a assumir o papel de intérprete – aquele que escuta, que media significações, que reconhece a pluralidade dos modos de ser e de mover. Educar torna-se, assim, um exercício de interpretação sensível, um gesto de acolhimento do outro em sua complexidade e potência, reafirmando a Educação Física como espaço privilegiado para a emergência da experiência, da linguagem e da formação humana.

6.2 Considerações finais

Chegamos, enfim, às considerações finais desta tese. Este trabalho teve como objetivo investigar as condições de emergência das práticas corporais como dispositivos de biopoder na cidade de Belém do Pará, entre o final do século XIX e o início do século

XX, à luz dos referenciais de Michel Foucault e da perspectiva arqueogenealógica da história. A partir da análise de jornais, revistas pedagógicas, fotografias e documentos institucionais, foi possível mapear os enunciados, as regularidades discursivas e os mecanismos de governamentalidade que tornaram possível a constituição de um determinado regime de verdade sobre o corpo, regime este que operou simultaneamente por meio da disciplina dos indivíduos e da regulação da população. As práticas corporais – sobretudo as ginásticas e os esportes – não apenas ocuparam lugar estratégico nos currículos escolares, mas foram mobilizadas como tecnologias políticas que objetivaram o corpo, prescreveram modos de conduta e instituíram formas específicas de subjetivação.

Ao seguir os rastros desses discursos, tornou-se evidente que a Educação Física escolar em Belém não pode ser compreendida como simples transmissão de conteúdo ou como iniciativa pedagógica neutra. Ela integrou um projeto mais amplo de normalização social, articulado às racionalidades médico-higienistas e aos ideais republicanos de ordem, civilidade e progresso. Esse projeto mobilizou práticas discursivas e não discursivas que fabricaram corpos úteis, dóceis e produtivos, alinhando a escolarização ao processo de modernização urbana, ao higienismo e às estratégias de gestão da vida. Assim, o corpo escolarizado foi se tornando objeto de cálculo, intervenção e administração – um corpo que precisava ser tornado visível, mensurável, corrigível.

Nesse percurso, a tese procurou demonstrar que esses mecanismos não devem ser lidos apenas como fenômenos do passado. Eles persistem, ressoam e se atualizam, ainda que sob outras formas. Ao compreender que as práticas corporais escolarizadas foram historicamente atravessadas por um conjunto de discursos que fabricaram padrões corporais, morais e sociais, abre-se espaço para problematizar como esses mesmos dispositivos continuam a operar na contemporaneidade, seja reforçando normatizações, seja criando formas de exclusão, seja tensionando modos de vida e de existência. Desse modo, as análises aqui desenvolvidas não encerram o tema: antes, indicam caminhos para uma Educação Física que reconheça a historicidade dos corpos, que se abra ao mundo da vida e que possa, criticamente, reinventar suas práticas e sentidos.

Em Belém, práticas discursivas e não discursivas, tanto no âmbito escolar quanto fora dele, instituíram modos específicos de subjetivação corporal, configurando diferentes regimes de verdade sobre o corpo. As práticas corporais analisadas – da ginástica escolar aos esportes de elite, das campanhas higienistas às representações do corpo infantil – revelam-se como tecnologias que, longe de serem neutras ou meramente

instrutivas, configuraram-se como elementos fundamentais de uma pedagogia da cidade, atravessada por saberes médicos, escolares, jurídicos e urbanísticos. Tais dispositivos operaram pela produção de visibilidades e invisibilidades, legitimando modos de ser, viver e mover-se, ao mesmo tempo em que marginalizavam corpos considerados “desviantes”, “anormais” ou “improdutivos”.

Ao tensionar a relação entre corpo, saber e poder, esta tese buscou deslocar a leitura tradicional da história da Educação Física, problematizando os efeitos de verdade que sustentam determinadas narrativas. A arqueogenealogia proposta não pretendeu oferecer uma totalidade explicativa, mas sim abrir fissuras nos discursos consolidados, indicando que aquilo que é tomado como natural, universal ou necessário é, muitas vezes, o resultado de disputas políticas e epistemológicas.

Nesse sentido, compreende-se que as práticas corporais são atravessadas por racionalidades que ultrapassam os muros da escola ou os limites do campo esportivo. Elas estão implicadas na produção da vida, na constituição das subjetividades e na governamentalidade das populações. Assim, pensar o corpo em sua historicidade é também uma forma de resistir às lógicas normativas que insistem em capturar a experiência humana.

Espera-se que esta tese contribua com o debate sobre a história da Educação Física brasileira, especialmente em sua interface com os estudos foucaultianos e com a crítica aos dispositivos de poder que operam na e pela cultura corporal de movimento. Que este trabalho possa instigar novas investigações, especialmente em contextos periféricos e amazônicos, nos quais os discursos civilizatórios ainda operam com força na administração dos corpos e dos territórios.

A história que aqui se narra é também um chamado à reinvenção de práticas educativas mais éticas, plurais e comprometidas com a dignidade dos sujeitos. Contudo, finalizamos essa tese concluindo que jogar é mais do que um ato: é um reencontro com a vida em sua inteireza – com a vertigem, o medo, a coragem, a alegria, a frustração e a festa. Como canta Gil, é “realçar”, é brilhar mesmo diante da dor, é encontrar beleza nas purpurinas e serpentinas da existência.

Entre fragmentos de luz e desejos vitais (Lô e Márcio Borges), reconhecemos que não há verdades absolutas, nem razão única que dê conta da complexidade do viver. Há mistérios, relações e subjetividades que escapam aos métodos, aos argumentos e às

convenções que tentam enquadrar a vida. Por isso, seguimos, lembrando com Renato Russo: “apenas começamos”.

Aprendemos que somos uma fagulha breve na imensidão do tempo, “uma gota de luz”, como nos lembram Drexler e Moska. Ainda assim, cada passo, cada encontro e cada jogo nos permite existir com intensidade, “deixando e recebendo um tanto”, participando, como diz Milton Nascimento, “do mistério do planeta”.

Esta tese se encerra como começa: com o corpo, um convite a continuar perguntando com o corpo e com o mundo. Meu corpo que foi atravessado por discursos esportivos, ginásticos e escolares; um corpo moldado por valores de performance, produtividade e superação. Mas, tal como canta Gonzaguinha, ousou redescobrir o gosto e o sabor da festa.

O menino torcedor ainda está ali. Ainda quer transformar o mundo, mas aprendeu que a transformação pode acontecer também nos gestos pequenos, no riso partilhado, na aula que escuta, no jogo que acolhe. A Educação Física, nessa tessitura, se torna espaço de criação ética e estética. Uma pedagogia do sensível, que reconhece os corpos múltiplos, as histórias subterrâneas, as memórias afetivas. A tese propõe uma Educação Física que ultrapasse os limites do treino, da avaliação técnica e da correção mecânica. Defende-se uma prática pedagógica que escute, acompanhe e reencante – que, como canta Bethânia, possa “aprender a arte de sorrir quando o mundo diz não”⁸².

Nesse mesmo horizonte, a escola – e com ela a Educação Física – pode comprometer-se com uma formação cidadã, democrática e republicana, voltada à convivência em sociedade, à busca pela saúde e à construção de um estilo de vida ético e saudável. Ampliar os sentidos da Educação Física, portanto, não significa negar seus fundamentos, mas reinventá-los a partir de novas exigências formativas.

Renova-se a esperança todos os dias, há que de se cuidar do “CORPO E DO JOGAR” para que a vida nos dê muitas flores e frutos. Esta tese é um convite à festa, à roda, ao gesto lúdico. É uma memória que se movimenta. Um texto que respira. Uma ética que dança. “Coração de estudante”, cheio de dúvidas, aberta ao mundo, com medo e coragem, inseguro, mas esperançoso, que se alegra ao brincar, ao jogar. A educação física é e será o que fizermos dela, vamos juntos cuidar da vida, da amizade, da alegria, dos sonhos, das plantas, dos sentimentos, das folhas, da juventude e da fé.

⁸² Interpretado por Maria Bethânia, é da canção “O Que Será (À Flor da Pele)”, composta por Chico Buarque, lançada originalmente em 1976.

REFERÊNCIAS

- AGRA, M.; COSTA, V. Alves da. As concepções de José Veríssimo sobre a formação do corpo pela educação física no cenário da educação nacional do século XIX. **Revista Teias**, v. 24, n. 73, p. 246-260, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/69877>. Acesso em: 20 jan. 2024.
- ALBUQUERQUE JR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009. 340 p.
- ARANTES, G. **Brincar de Viver**. Intérprete: Maria Bethânia. In: Ciclos. Rio de Janeiro: PolyGram, 1983. LP.
- BAÍIA, A. C.; MORENO, A. Revista Brasileira de Educação Física: a Moderna Ginástica Sueca no Brasil (1944-1952). **Cadernos de História da Educação**, v. 19, n. 3, p. 686-706, 2020.
- BARROS, M. C.; SERRA, H. H. a Belém da belle époque e os roteiros geo-turísticos como instrumentos de educação patrimonial. **Formação (Online)**, v. 25, n. 44, 2018. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/5163>. Acesso em: 20 jan. 2024.
- BORGES, L; BORGES, M. **Clube da Esquina nº 2**. Intérprete: Milton Nascimento & Lô Borges. In: Clube da Esquina. Rio de Janeiro: Odeon, 1972.
- BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo. **Questões de sociologia**, p. 136-153, 1983.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos Cedes 19 (48)**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000100005> Acesso em: 20/12/2023.
- BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. 3 ed. Ijuí: Unijui, 2005.
- BRACHT, V. Educação física no 1º grau: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, p. 23-28, 1996.
- BRACHT, V. **A educação física escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que ela pode ser (elementos de uma teoria pedagógica da educação física)**. Ijuí: Unijuí, 2019.
- BRACHT, V. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- CARLOS, E. **É preciso saber viver**. Intérprete: Titãs. In: Titãs – Acústico MTV. São Paulo: Warner, 1997. CD. (Versão mais conhecida atualmente. Se preferir, posso registrar a versão original dos anos 1970.)
- CAZUZA; **O Tempo Não Para**. Intérprete: Cazuza. In: O Tempo Não Para – Ao Vivo. Rio de Janeiro: PolyGram, 1988. LP.

CARVALHO, R. M. **Belle Époque esportiva: A imprensa paraense como agente da popularização dos esportes no início do século XX (1900-1935)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

COELHO, G. M. Na Belém da Belle Époque da borracha (1890-1910): dirigindo olhares. **Escritos: revista da Casa de Rui Barbosa**, ano 5, n. 5, p. 141-168, 2011.

COSTA, L. H. *et.al.* O discurso médico e a Educação Física nas escolas (Brasil, século XIX). **Ver. Bras. Educ. Fís. Esporte**, (São Paulo) 2014 Abr- Jun; 28(2): 273- 282. Acesso: <https://www.scielo.br/pdf/rbefe/v28n2/1807-5509-rbefe-28-2-0273.pdf>.

DA COSTA, J. L. M. **O higienismo na instrução pública paraense entre 1890 e 1900**. 108 f. Dissertação (Mestrado em Currículo e Gestão da Escola Básica) – Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

DAMASCENO, A; PANTOJA, S; MIRANDA, J. A doutrina do Higienismo na Revista de Educação e Ensino: Octavio Pires e a higiene dos internatos. **Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, Campinas, SP, v. 7, n. 00, p. 1-24, 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/15539>. Acesso em: 2 jan. 2025.

DA SILVA, S. P.; FENSTERSEIFER, P. E. Conhecimento e intervenção na Educação Física: questões ético-epistemológicas. In: **CONGRESSO Brasileiro de Ciências do Esporte**. 2015.

DIAS, D. C. **Quem te margeia conta de ti: educação do corpo na Belém do Grão-Pará (de 1855 à década de 1920)**. 2014. 484 f. Tese (Doutorado). Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2014.

DIAS, D. C. SOARES, C. L. Entre velas, barcos e braçadas: Belém no espelho das águas (do final do século XIX à década de 1920). **Projeto História (PUCSP)**, v. 49, p. 19-49. Abr. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/19712>. Acesso em: 10 fev. 2019.

DOS SANTOS, E. R. M.; NETO, G. P. P.; MONTEIRO, F. Y. A formação inicial em educação física e os preceitos da teoria histórico-cultural: implicações pedagógicas e formação humana. **Revista Contemporânea**, v. 2, n. 4, p. 42-73, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/cpthccts/295560-a-formacao-inicial-em-educacao-fisica-e-os-preceitos-da-teoria-historico-cultural--implicacoes-pedagogicas-e-form>. Acesso em: 21 mar. 2023.

DREXLER, J; MOSKA, P. **Al otro lado del rio**. Intérprete: Jorge Drexler & Paulinho Moska. In: Flores y Mujeres. Sony Music, 2013.

ELIAS, N; DUNNING, E. **A Busca da Excitação: desporto e lazer no processo civilizacional**. Lisboa, Difel, 1992.

FENSTERSEIFER, P. E. A educação física na crise da modernidade. 1999. 213 p. **Tese (doutorado)** - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000195528>. Acesso em: 25 fev. 2015.

FENSTERSEIFER, P. E. Epistemologia, crítica e formação: uma interpretação não metafísica (para os habitantes da caverna). **Epistemologia, ensino e crítica: desafios contemporâneos para a Educação Física**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, p. 31-48, 2013.

FENSTERSEIFER, P. E. A produção de conhecimento em Educação Física/ciência do esporte—qualidade x quantidade: para onde vamos? **Revista Tempos e Espaços Em Educação**, v. 13, n. 32, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/14099>. Acesso em: 05/01/2021.

FENSTERSEIFER, P. E. PICH, S. Educação, educação física escolar e diversidade cultural. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, 2016. Disponível em: <https://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/2133>. Acesso em: 10/02/2019.

FENSTERSEIFER, P. E; PICH, S. Ontologia pós-metafísica e o movimento humano como linguagem. **Revista Impulso**, Piracicaba, v. 22, n. 53, p. 25-36, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.15600/2236-9767/impulso.v22n53p25-36>. Acesso em: 10/02/2019.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 8ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2021.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 41ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FURTADO, R. S.; BORGES, C. N. F.; PAES NETO, G. P. Notas sobre a constituição e o desenvolvimento do campo acadêmico da Educação Física no Brasil: Notes on the constitution and development of the academic field of Physical Education in Brazil. **Revista Cocar**, v. 18, n. 36, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/5280> Acesso em: 21/12/2023.

GIL, G. **Realce**. Intérprete: Gilberto Gil. In: Realce. Rio de Janeiro: WEA, 1979.

GIL, G. **Queremos saber**. Intérprete: Gilberto Gil. In: Raça Humana. Rio de Janeiro: WEA, 1984. LP.

GIL, G. **Tempo Rei**. Intérprete: Gilberto Gil. In: Raça Humana. Rio de Janeiro: WEA, 1984. LP.

GOMES, J. A. M.; DA SILVA, L. C. S. Uma cidade sobre duas rodas: Ciclismo e gênero em Belém do Pará (1890-1910). **Revista Discente Offícios de Clio**, v. 6, n. 10, p. 294-294, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/CLIO/article/view/21172>. Acesso em: 11/02/2022.

GONÇALVES, A. M. O processo de urbanização na cidade de Belém do Pará durante a Belle Époque e seus impactos. *Oficina do Historiador*, v. 15, n. 1, p. 1–18, 2022. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/oficinadohistoriador/article/view/37865>. Acesso em: 10 março 2025.

GONZAGUINHA. Redescobrir. In: **Gonzaguinha da Vida**. EMI-Odeon, 1981.

GONZAGUINHA. **O que é, o que é?** Intérprete: Gonzaguinha. In: Caminhos do Coração. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1982. LP.

GONZAGUINHA. **Explode Coração**. Intérprete: Gonzaguinha. In: Gonzaguinha da Vida. EMI-Odeon, 1978. LP.

GONZALEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Educação Física escolar: o esporte como conteúdo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GONZALEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Educação Física e a cultura corporal de movimento**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

GUIMARÃES, J. T. S.; SOUSA, M. S. A. A educação da Criança na república paraense: as propostas de José Veríssimo. **Revista Latino-Americana de História**, v. 5, n. 15, p. 11-25, 2016. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/780>. Acesso em: 10/02/2019.

LEIGH, M; DARION, J. The Impossible **Dream (O Sonho Impossível)**. Versão brasileira: Guilherme de Almeida. Intérprete: Maria Bethânia. In: Álbi. Rio de Janeiro: PolyGram/Philips, 1978. LP.

LEMINSKI, P. “Corpo não mente”. In: LEMINSKI, Paulo. **A hora da lâmina: últimos textos-ninja de Paulo Leminski**. Londrina: Grafatório, 2017. p. [40-47].

KUNZ, E. O esporte enquanto fator determinante da educação física escolar. **Contexto & Educação**. Ijuí, RS, v. 4, n. 15, p. 63-73, jul/set, 1989.

MACHADO, J. R. C. A Escola de Chimica Industrial do Pará: ações em rede sociotécnica na Belém dos anos 1920. **Seminário Nacional de História das Ciências e Tecnologias**, v. 15, 2015.

MATOS, L. S. Belém em festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré. **Tese** (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MATOS, R. **Sportmen nas redações: o jornalismo esportivo na Belle Époque**. ALCAR/UFPA, 2012. Disponível em: http://www.alcarnorte.com.br/wp-content/uploads/alcar2012_sportmen_nas_redacoes_o_jornalismo_esportivo_na_belle_epoque.pdf. Acesso em: 07/07/2021.

MEDINA, J. P. S. **Educação física cuida do corpo... e “mente”**. Campinas, SP: Papirus Editora, 2018.

MELO, V. A. Esporte, ginástica, educação física: as práticas corporais institucionalizadas. **Revista ComCiência**. Nº.157 Campinas Apr. 2014. Acesso: <http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n157/11.pdf>

MELO, V. A. Esporte, ginástica, educação física: as práticas corporais institucionalizadas. **Revista ComCiência**. Nº.157 Campinas Apr. 2014. Acesso: <http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n157/11.pdf>

MELO, V. A. Preocupações com a educação física: o ensino de práticas corporais nas escolas fluminenses (1836 - anos 1850). **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, e175905, 2018. Acesso: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-44-e175905.pdf>

MORENO, A. A propósito de Ling, da ginástica sueca e da circulação de impressos em língua portuguesa. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 2, p. 128-135, mar. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/YrywjFnDPmC9dWQmzHTGckm/?lang=pt>. Acesso em: 07/07/2021.

MORENO, A. Corpo solar, corpo lunar: práticas corporais no Rio de Janeiro oitocentista. ‘Usos do Passado’ – **XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ** 2006.

MORENO, A. *Nascer de novo* na cidade-jardim da República: Belo Horizonte como lugar de cultivo de corpos (1891-1930). **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 3 (66), p. 67-80, set./dez. 2011.

MORENO, A. et al. “*UMA BELLA E DISTINCTA FESTA SPORTIVA*”: A CONSTITUIÇÃO DE UM *ETHOS* ESPORTIVO NA ESCOLA NORMAL MODELO DA CAPITAL (BELO HORIZONTE, 1914-1922). **Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte** Porto Alegre 11 a 16 de Setembro de 2011.

NASCIMENTO, M. **Coração de Estudante**. Intérprete: Milton Nascimento. In: Sentinela. Odeon, 1980.

PAES NETO, G. P.; FURTADO, R. S.; DOS SANTOS TEIXEIRA, S. R. Jogo e teoria histórico-cultural em diálogo para a Educação Física escolar nas primeiras séries do Ensino Fundamental. In: RODRIGUES, Anderson Patrick (Org.). **Educação Física na Escola Básica: debates contemporâneos**. Porto Alegre, RS: Editora Fí, 2018. p. 65-84.

PARÁ (Estado). *O Ensino: Revista Mensal de Pedagogia e Literatura*. “Festas Escolares – Grupo Escolar José Veríssimo.” Pará, anno II, n.º —, 1919. Localização: Biblioteca Pública Arthur Vianna, Belém, PA. Link: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/>

PARÁ (Estado). *Decreto n.º 7.342, de 21 de julho de 1890*. Reorganiza o ensino público primário e secundário da Província do Pará. *Actos do Governo do Estado do Pará*, Pará, 1890. Localização: Biblioteca Pública Arthur Vianna, Belém, PA. Link: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/>

PARÁ (Estado). *Decreto n.º 1.280, de 24 de fevereiro de 1904*. Regimento interno dos grupos escolares e das escolas isoladas. *Diário Oficial do Estado do Pará*, Belém, PA, 27 jun. 1904. Localização: Biblioteca Pública Arthur Vianna, Belém, PA. Link: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/>

PARÁ (Estado). *Decreto n.º 3.356, de 7 de maio de 1918*. Altera o regulamento do ensino primário do Estado. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1918. Localização: Biblioteca Pública Arthur Vianna, Belém, PA. Link: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/>

PARÁ (Estado). *Programa de ensino da Escola Normal em 1918*. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1918. Localização: Biblioteca Pública Arthur Vianna, Belém, PA. Link: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/>

PICCOLO, G. O jogo por uma perspectiva histórico-Cultural. **Revista Brasileira de Ciências e Esportes**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 187-202, jan. 2010. Disponível em: <https://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/297>. Acesso em: fev/2011.

PICH, S. Cultura corporal de movimento. In: GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Org.). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Editora Unijuí, 2014. p. 108-111.

PINHEIRO, W. C.; ALVES, L. M. S. A. A educação da infância paraense a partir de propagandas de colégios no início do século XX. **Cáceres: UNEMAT** Editora. Vol. 5, no. 2, 2014, p. 239.

QUITZAU, E. A. Da ‘Ginástica para a juventude’ a ‘A ginástica alemã’: observações acerca dos primeiros manuais alemães de ginástica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, p. 111-118, 2015. Disponível em: <https://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/2093>. Acesso em fev/2020.

RUSSO, R. (Legião Urbana). **Metal Contra as Nuvens**. Compositor: Renato Russo. Intérprete: Legião Urbana. In: V. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1991. CD.

SARGES, M. N. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)**, 3a edição. Belém, Paka-tatu, 2010.

SIGOLI, M. A.; JUNIOR, D. R. A história do uso político do esporte. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 2, p. 111-120, 2004.

SCHWARCZ, L. M. O retorno do objetivismo ou dos males de ser científico. **Horizontes Antropológicos**, v. 11, p. 247-250, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/hdgPd3pm49R4z9xfwRKT9nx/?lang=pt>. Acesso em 10/07/2022.

SCHWARCZ, L. M. Do preto, do branco e do amarelo: sobre o mito nacional de um Brasil (bem) mestiçado. **Ciência e cultura**, v. 64, n. 1, p. 48-55, 2012. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v64n1/18.pdf>. Acesso em 10/07/2022.

SCHWARCZ, L.; MENEZES NETO, H. Quando o passado atropela o presente: notas de um Brasil que insiste no racismo. **Revista conjuntura. cadernos de campo**, São Paulo, n. 25, p. 31-35, 2016. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v25i25p31-35. Disponível em: <file:///C:/Users/Gabriel%20Paes/Downloads/cadcampo,+DOI+10.11606-issn.2316-9133.v25i25p31-35.pdf>. Acesso em 10/07/2022.

SILVA, S. P.; FENSTERSEIFER, P. E. Conhecimento e intervenção na Educação Física: questões ético-epistemológicas. In: **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**, 19., 2015, Vitória. Anais [...]. Vitória: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2015.

SILVA, L. V. A. José Veríssimo: ciência e educação feminina no século XIX. **Tese de doutorado**. 2012.

SILVA, E. P. A. Educação física no ensino público primário no Pará (1890 – 1930): prescrições e prática. 2016. 183 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, PA, 2015.

SILVA, A. L. S. **Nos domínios do corpo e da espécie [recurso eletrônico]: eugenia e biotipologia na constituição disciplinar da educação física** / André Luiz dos Santos Silva. – Porto Alegre: Orquestra, 2014.

SOARES, C. L. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen Lúcia. (Org.). **Corpo e história**. – 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. 111-131.

SOARES, C. L. (Org.). **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas, SP. Autores Associados: 2016.

SOARES, C. L. (Org.). **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas, SP. Autores Associados: 2016.

SOARES, C. L. **Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940). Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas: Autores Associados, p. 1-45, 2016.

SUASSUNA, A. **O Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

VERÍSSIMO, J. **A educação nacional**. Rio de Janeiro: Livraria F. Alves, 1906.

VIANA, L. C. **A Colonização de corpos, corações e mentes: educação e higienismo em escritos de periódicos pedagógicos no Pará (1891-1912)**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2015.

VIGARELLO, G. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. Université de Paris V École des Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS). **Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas**, v. 25, n. 1, p. 9-20, set. 2003. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/170>. Acesso em: jan/2010.

VILLARET, S. Naturismo e educação corporal (fim do século XIX e início do século XX): uma natureza em movimento. In: SOARES, Carmen Lúcia. **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas: Autores Associados, 2016. p.69-89.

APÊNDICE

1. Registro com a camisa da seleção brasileira – Abaetetuba, 1986

Primeiros vínculos entre corpo, futebol e identidade nacional. Um gesto simples – vestir a camisa da seleção – abre a memória afetiva que costura infância, pertencimento amazônico e o imaginário esportivo que atravessa esta tese.



2. Registro com a camisa da seleção brasileira aos 5 anos – Abaetetuba, 1991

A infância marcada pelo jogo, pela ludicidade e pela alegria de vestir as cores do país. Um corpo menino já capturado, mas também encantado, pelo universo esportivo que o acompanharia pela vida inteira.



3. Registro com a camisa da seleção brasileira aos 5 anos – Abaetetuba, 1991

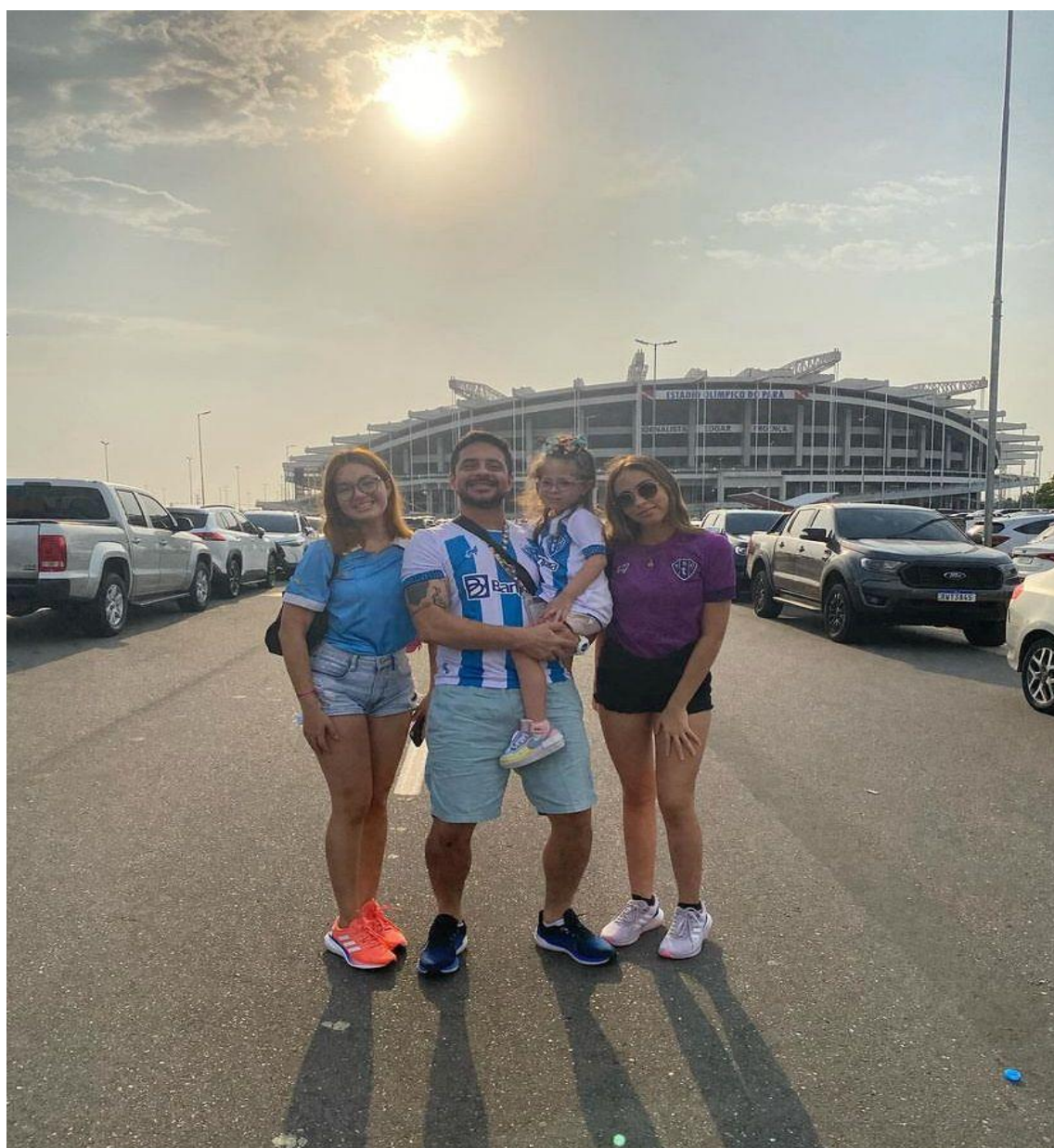
Outro instante da mesma fase, reafirmando a presença do futebol como linguagem formativa. Pequenos gestos que anunciam futuros mundos possíveis, corporais e afetivos.



4. Levando as filhas ao jogo do Paysandu – 2023

O corpo torcedor que antes era meninice agora se torna cuidado e transmissão cultural.

Uma herança afetiva tecida na ida ao estádio, onde memória, território e paixão se reencontram.



5. Filha Helena com camisa da seleção brasileira, aos 3 anos

A repetição simbólica de uma experiência que atravessou gerações: vestir a camisa da seleção como parte do brincar, do imaginar e do fazer corpo no mundo.



6. Filha Sofia com camisa da seleção brasileira, aos 15 anos

O gesto juvenil que atualiza a relação entre esporte, estética e identidade. A adolescente que traz no corpo uma memória familiar partilhada.



7. Registros de competições esportivas

Momentos que evidenciam o corpo em ação: competir, vivenciar limites, experimentar a festa e a intensidade do esporte. Fragmentos que compõem uma história pessoal e coletiva.



8. Com a mãe e a irmã em dia de jogo do Paysandu

Uma cena em que o futebol se torna vínculo intergeracional. Aqui o corpo não está só: está entrelaçado em afeto, pertencimento e memória familiar.



9. Trabalho escolar da filha e da irmã sobre o Paysandu

O clube que atravessa a vida aparece agora como produção cultural das crianças. O esporte se faz narrativa, aprendizagem e invenção de mundo.



**10. Registro na graduação com a poetisa Maria de Nazaré – camisa do Vênus
Atlético Clube**

Encontro entre arte, corpo e história local. A camisa do Vênus e a presença da poetisa convocam a força das memórias amazônicas que também irrigam esta tese.



11. Momento esportivo com a filha Helena – camisas do Paysandu

O brincar, o torcer e o viver juntos: o corpo do pai e o corpo da filha se encontram no gesto esportivo, na celebração e na ludicidade.



12. Momento esportivo com a filha Helena – Paysandu antifascista

Aqui o futebol ganha dimensão política: vestir a camisa antifascista é inscrever o corpo na ética, no cuidado e na luta por uma cidadania plural.



13. Competição esportiva com o Paysandu antifascista

Corpo que compete, mas também resiste. O esporte aparece como território de afirmação ética, posicionamento político e construção coletiva.

